

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia
Programa de Pós Graduação em Antropologia Social

**Seattle, Praga, Gênova:
política anti-globalização pela experiência da ação de rua.**

Julia Ruiz Di Giovanni

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. John Cowart Dawsey

**São Paulo
2007**

Aos amigos já não tão jovens,
e jovens amigos de todas as galáxias.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. John Dawsey.

Aos professores Júlio Simões e Maria Helena Capelato, pelas críticas e sugestões da qualificação que abriram espaço para um grande amadurecimento do trabalho.

À Sempreviva Organização Feminista.

A meus pais entusiastas.

À Olivia Janequine e ao Leandro Mahalem,
pela inestimável companhia na inquietação.

RESUMO

Esta dissertação consiste em uma abordagem antropológica do movimento anti-globalização a partir de uma etnografia de relatos, registros e análises de três eventos de protesto: as manifestações de novembro de 1999 contra a Organização Mundial do Comércio em Seattle, as manifestações em Praga contra a reunião do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial em setembro de 2000 e as manifestações contra a reunião do G8 em Gênova, de julho de 2001. O recorte da pesquisa está centrado nas formas da ação de rua, abordadas como práticas significativas a partir de conceitos da antropologia das formas expressivas tais como: *performance*, *drama social* e *liminaridade*. As diferentes táticas de protestos são interpretadas como mediações simbólicas articuladas em relação ao problema do desgaste de formas políticas que marcaram o século precedente. Essa abordagem possibilita tratar com mais recursos o caráter paradoxal do objeto de pesquisa: um “movimento de movimentos”, cuja definição contém simultaneamente dinâmicas de unificação e diferenciação.

Palavras-chave: movimento social, performance, protesto, globalização, antropologia das formas expressivas.

ABSTRACT

This dissertation consists in an anthropological approach to the anti-globalization movement, starting from an ethnography of stories, registers and analysis of three protest events: the demonstrations of November 1999 against the World Trade Organization in Seattle, the demonstrations in Prague against the International Monetary Fund and World Bank meeting in September 2000, and the demonstrations in against the G8 meeting in Genoa, Italy, in July 2001. The research is centered in the forms of street action, discussed as significative practices through concepts found in the anthropology of expression as: *performance*, *social drama* and *liminality*. The different tactics of protest are interpreted as symbolic mediations articulated in relation to the problem of the fading of political forms as known in the XXth century. This approach offers resources to deal with the paradoxal nature of the research object: a “movement of movements” which definition carries simultaneously dynamics of unity and separation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
O lugar da pesquisadora: povo de Porto Alegre, seu tempo e suas perguntas	9
Situando o objeto: as contra-cúpulas e o movimento anti-globalização.....	14
Correntes “subterrâneas”.....	17
Os protestos como objeto antropológico.....	30
Artes do impossível.....	33
CAPÍTULO 1. A DIVERSIDADE DE TÁTICAS EM SEATTLE, PRAGA E GÊNOVA E “O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA”.....	38
1.1. Um mundo onde caibam muitos mundos	38
1.2. Seattle, 1999.....	40
1.3. Praga, 2000.....	52
1.4. Gênova, 2001.....	56
1.5. O “problema da violência”.....	65
CAPÍTULO 2. O “PROBLEMA DA VIOLÊNCIA” VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA RECORRENTE.....	69
2.1. O espelho da mídia.....	69
2.2. A posição marginal dos Blocos Negros.....	71
2.3. Marginais e mártires.....	79
CAPÍTULO 3. NEM HERÓIS, NEM MÁRTIRES.....	91

CAPÍTULO 4. SÍNTESES E DESMANCHES.....	110
4.1. Fim e começo: sentidos da ação de rua no movimento anti-globalização.....	110
4.2. Um sentido como um lugar na história.....	121
LISTA DE ABREVIACÕES.....	125
REFERÊNCIAS.....	126
ANEXOS.....	135

1. INTRODUÇÃO

Há sempre um instante em tais movimentos em que a tensão original da sociedade secreta precisa explodir numa luta material e profana pelo poder e pela hegemonia, ou fragmentar-se e transformar-se enquanto manifestação pública... Mas no início, quando irrompeu sobre criadores como uma vaga inspiradora de sonhos, parecia algo integral, definitivo, absoluto. Tudo que tocava se integrava a ele. (Walter Benjamin, *O surrealismo, último instantâneo da inteligência européia*, p. 22)

O lugar da pesquisadora: povo de Porto Alegre, seu tempo e suas perguntas

A maior parte das análises existentes sobre o movimento anti/alter-globalização (tal com definiremos a seguir) foi produzida até hoje por ativistas, lideranças de movimentos e membros de ONGs. A literatura acadêmica sobre o tema é rara no Brasil, e há muito trabalho de descrição e interpretação a ser feito. No meu caso, a proposta de trabalho acadêmico deve muito a uma experiência anterior, de aproximadamente cinco anos, como ativista, participante e por vezes representante de articulações políticas em nível internacional, tanto em protestos de rua quanto em encontros de vários tipos.

Quando ouvi falar do tema pela primeira vez, era estudante de Rádio e Televisão e organizava, com um professor de filosofia, um grupo de debates sobre teoria crítica e outros autores marxistas mais recentes. O grupo, de participação flutuante, recebia eventualmente visitas de ativistas, que relatavam suas histórias da “prática”. Em meados de 2000 tomei contato, ao mesmo tempo, numa dessas reuniões, com dois projetos diferentes. De um lado, alguns estudantes da USP estavam reunindo recursos para criar o Centro de Mídia

Independente no Brasil (CMI – Brasil) e buscando articular, de forma também independente, uma manifestação “autônoma” e “criativa”, que deveria fazer parte de um “dia de ação global”, convocado para o dia 26 de setembro (S26), simultaneamente aos protestos que aconteceriam em Praga, por ocasião da reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. De outro lado, um jornalista brasileiro, membro da ATTAC – Ação pela Taxação das Transações financeiras em Apoio aos Cidadãos, dedicava-se à construção de um grande encontro internacional que deveria reunir em Porto Alegre cerca de duas mil pessoas, representantes de organizações, movimentos e redes ativas na “contra-globalização”: o Fórum Social Mundial (FSM).

Particpei da preparação do S26 e no início de janeiro fui para Porto Alegre, onde fiquei por um mês participando como voluntária no escritório da organização do FSM. De volta a São Paulo, passei a fazer parte do pequeno núcleo da Attac. Em julho de 2001, fui, como representante da ATTAC-Brasil, participar das manifestações contra o G8 em Gênova. Em janeiro do ano seguinte, já de saída da Attac, participei da organização de atividades no Acampamento da Juventude do segundo FSM, que já reunia mais de 50 mil pessoas em Porto Alegre.

A partir de contatos diversos construídos indiretamente por intermédio da Attac, na Itália e na França, me envolvi num projeto peculiar, que ganharia o nome de Laboratório Intergalactika (a grafia complicada queria subtrair a palavra de idiomas particulares): um espaço internacional de debates, bastante improvisado, cujo tema central era a própria idéia do movimento anti-globalização, do qual, apesar de diferenças, nos sentíamos todos parte. Para mim e meus colegas brasileiros era uma oportunidade de ter contato e conversar com ativistas norte-americanos e europeus que tinham participado de processos criativos de convergência

política durante os eventos de protesto que davam uma voz “global” ao nosso sonho de um “movimento de movimentos”, da Batalha de Seattle, de carnavais anti-capitalistas em Londres, Praga e Québec e da Batalha de Gênova. Algumas das pessoas que participaram do “laboratório” aparecem nas fontes dessa pesquisa: Naomi Klein, John Jordan, Leyla Dahkli, além de outros cujos nomes não constam de bibliografias e que muitas vezes fizeram circular seus relatos e idéias sob pseudônimos e designações coletivas.

Apesar da distância evidente entre aqueles eventos fabulosos e as dificuldades do nosso cotidiano, eles nos inspiravam a pensar a política confrontando de maneira por vezes arrogante as estruturas institucionais a que muitos de nós, jovens militantes universitários latino-americanos, nos víamos de certa forma vinculados. Buscavam, também contraditoriamente, inspiração nos movimentos sociais “do Sul”, como se fossem formas mais primitivas de luta social às quais referiam seus próprios esforços. Os movimentos latino-americanos lhes pareciam mais autênticos e ao mesmo tempo presos a uma tradição organizativa “velha”, que viam como uma cópia anacrônica e ligeiramente exótica das fórmulas da esquerda européia.

Uma das principais críticas que a iniciativa Intergalactika recebeu na época era de ser uma “coisa de gringos”, demasiado voltada para experiências européias e norte-americanas e afastada das lutas cotidianas da América Latina e de suas tradições organizativas.

Não compartilho de nenhum essencialismo ou visão difusionista das formas políticas que possa justificar o receio de conhecer esses nossos “outros”, falar, escrever e pensar sobre e muitas vezes com eles. Este trabalho é de fato uma antropologia daquilo muitos chamariam de “coisas de gringos”. Não pretende sintetizar uma análise universal dos movimentos sociais num determinado momento da história, atribuindo-lhes o nome “anti-globalização”. Este

movimento, no sentido amplo da palavra, é feito de tensões como essa. Este trabalho é uma tentativa modesta de observá-las numa dinâmica de eventos e idéias que interpela aquilo que entendemos ou imaginamos como lutar, resistir ou mudar o mundo.

No mesmo ano de 2002, deixei o núcleo da Attac e comecei a participar de iniciativas de construção de um movimento feminista internacional, a Marcha Mundial das Mulheres. Passei a trabalhar na SOF – Sempreviva Organização Feminista, ONG sediada em São Paulo, na qual fui responsável pela produção de materiais, ações e articulações nacionais e internacionais em torno da formação política feminista, direitos das mulheres trabalhadoras, construção de gênero e papel do trabalho reprodutivo na sociedade capitalista, reforma agrária, campanhas anti-imperialistas, contra o livre-comércio e contra o poder das corporações transnacionais, entre outros temas. Foi essa condição ativista e um envolvimento permanente com a preparação de fóruns, encontros e manifestações que proporcionaram o acesso ao campo da pesquisa. Nas primeiras apresentações do projeto que conduziu por caminhos tortuosos a esta dissertação, o problema de minha dupla posição como pesquisadora e militante do dito movimento anti-globalização me foi indicado reiteradamente.

Além da posição participante da pesquisadora, o caráter recente dos acontecimentos, assim como a intensidade e mesmo a violência das situações descritas neste trabalho, implicam tensões metodológicas que percorreram todo o processo de pesquisa, da definição do objeto à organização das fontes e bibliografia. Muitos dos autores que figuram entre as referências bibliográficas das ciências humanas participaram de forma militante da construção do “movimento” enquanto tal. As fronteiras entre o esforço político de construção de um movimento e a construção do mesmo movimento enquanto objeto de análise histórica, antropológica ou sociológica raramente são explícitas. Muitas vezes o discurso do ativismo

anti-globalização reforça que se trata de algo novo, que desafia as definições tradicionais de “movimento social” ou projeta categorias totalizantes sobre campos dilacerados de tensão e incompletude, com uma multiplicidade de agentes, acontecimentos e processos de significação expressando-se por meio da noção de “movimento”, e em conflito com ela.

Mais de dois anos passados após o projeto inicial, continuo a observar como se imbricavam em minha proposta de pesquisa as questões suscitadas pelas leituras em antropologia e a inquietação que ainda me toma ao confrontar histórias que remetem diretamente a coisas vividas. O amadurecimento da análise é feito de aproximações sucessivas e cada tentativa foi reveladora de novas ambigüidades: entre pesquisadora e militante, mas também entre fontes e bibliografia, organização e espontaneidade, os termos resistindo a permanecer em seus lugares nas estruturas, estruturas aparecendo no caos mais efervescente. As idas e vindas da pesquisa buscaram articular dois propósitos fundamentais: falar do movimento anti-globalização a partir da experiência das ações de rua sem, no entanto, perder de vista o problema da possibilidade da ação transformadora numa sociedade que tantas análises, acadêmicas e militantes, retratam aprisionada pelas máquinas infernais da repetição.

O tempo é também um tema subjacente desta dissertação. Quando foi lançado o livro *Estamos vencendo!*, com texto de Pablo Ortellado e fotos de André Ryoki, sobre as manifestações anti-globalização em São Paulo, uma colega feminista comentou que esta obra lhe inspirava melancolia, pois as fotos em preto e branco tiradas em 2000 pareciam “falar” de acontecimentos registrados a décadas de distância. Há poucos meses participei de um debate sobre o tema “Capitalismo e cultura livre”. O movimento anti-globalização era referido como algo vivido por outras pessoas, em outro lugar, mas que também era parte da história do que se estava fazendo naquele momento.

Espero nestes capítulos contribuir para que sejamos capazes de entender o que está guardado, singular e incompleto neste passado. Mas não como olhar para um Outro do qual nos afastamos irreversivelmente, e sim na medida em que ele lampeja no que está acontecendo conosco e à nossa volta. Mesmo que não haja aí nenhuma resposta, ainda há muito a perguntar. Aqui não será possível perguntar tudo. Mas perguntas importantes permanecem vivas, mesmo tendo sido mil vezes respondidas.

Situando o objeto: as contra-cúpulas e o movimento anti-globalização

O uso do termo “anti-globalização” é polêmico. Cunhado pela imprensa internacional para identificar os agentes dos protestos contra a Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle, em novembro de 1999, foi e continua sendo rejeitado por muitos ativistas por evocar um sentido puramente negativo, “retrógrado”, “parouquial” ou nacionalista.

Para o ativista e hoje professor da USP Leste Pablo Ortellado, num artigo intitulado “Aproximações ao Movimento Anti-globalização”, qualquer denominação parece muito frágil diante da complexidade do objeto e do fato de que toda designação implica um posicionamento político:

O sociólogo francês Edgar Morin (...) disse que se o século XX terminou com a queda do muro, o século XXI começou com Seattle. (...) E que movimento é esse que produziu esse acontecimento? Não sabemos sequer o nome que podemos lhe dar. Talvez o termo cunhado pela imprensa, “movimento anti-globalização”, ou ainda, um mais preciso, “movimento contra a globalização econômica”. Podemos também seguir outros caminhos, “movimento de resistência global” ou, ainda, “movimento anti-capitalista”. Mas (...) nenhum desses ou qualquer outro nome é suficiente para dar conta da sua pluralidade e complexidade. (ORTELLADO, 2005)

Apesar dos limites desta nomeação, desde as primeiras revisões do projeto vejo a necessidade de adotar o termo por razões semelhantes às apresentadas por Catherine Eschle:

The notion of an “antiglobalization movement” is highly contentious. (...) Nonetheless, it seems to me to that *antiglobalization* still functions as the only widely recognized shorthand among English-speaking activists and academics, and it is for that pragmatic reason that I continue to use it here. (ESCHLE, 2005, nota final)

A noção de um “movimento antiglobalização” é altamente controversa. (...) No entanto, me parece que *antiglobalização* ainda funciona como o único atalho amplamente reconhecido entre ativistas de língua inglesa e acadêmicos, e é por essa razão pragmática que eu continuo a utilizá-lo aqui.

Também no Brasil, inclusive no meio acadêmico, acredito ser esse o termo que evoca mais facilmente as referências do campo em questão.

Em um texto de 2006, produzido originalmente para uma palestra na Universidade de Osaka, Gustavo Lins Ribeiro ressalta que a globalização tem o mesmo poder, como indicador dos processos capitalistas de transformação e integração capitalista, que o desenvolvimento teve durante os anos da Guerra Fria. Enquanto o desenvolvimento se aplicava a uma ordem mundial bipolar, o termo globalização difundiu-se num período que tem início no começo da década de 90, com a queda do bloco soviético, e estende-se até os dias de hoje, marcado por uma hegemonia sem precedentes do capitalismo como forma econômica, social e ideológica.

Também de forma semelhante ao que acontece com o desenvolvimento, a globalização designa um campo movediço de disputas políticas e se encontra permanentemente confrontada com práticas e discursos contra-hegemônicos. Ainda na visão de Ribeiro, a pluralidade de movimentos e coalizões que dão corpo a essa “globalização não-hegemônica”, em sua composição, discursos, imaginários e formas de ação, ecoa muitas vezes os processos anteriores de fortalecimento de “novos sujeitos políticos”, cuja origem remonta aos anos 80: setores do ambientalismo e do feminismo, indigenistas, ativistas de direitos humanos, setores

progressistas da igreja católica, sindicalistas e intelectuais de diferentes orientações teóricas e políticas. Antes disso, a partir do momento que se seguiu à Segunda Guerra, já havia redes internacionais de articulação política e negociação entre ONGs, agências e bancos multilaterais, o sistema das Nações Unidas e governos nacionais e locais (RIBEIRO, 1997, p. 32).

O terreno dessa “outra globalização” pode ser apreendido também como um campo de poder marcado pela multiplicidade e pelo dinamismo. No plano político, o papel das organizações da Sociedade Civil Internacional, dos ativistas e movimentos sociais ganhou destaque a partir do final da década de 90, período marcado por protestos simultâneos às espetaculares reuniões de instituições internacionais como o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial do Comércio e o G8. Gustavo Lins Ribeiro refere o termo “anti-globalização” à expressão política constituída por esses protestos, manifestações de rua de caráter internacional, organizadas por coalizões criadas explicitamente com esse fim.

Correntes “subterrâneas”

No final de novembro de 1999, cinco dias de protestos contra a reunião ministerial da OMC em Seattle, EUA, levaram às ruas 50.000 manifestantes. Com grande impacto midiático, as manifestações implicaram a suspensão da cerimônia de abertura da conferência, impediram um discurso de Bill Clinton aos delegados numa noite de gala e levaram ao cancelamento da cerimônia de encerramento, contribuindo para acirrar as divergências entre os países-membros da organização. Com o fim da conferência sem uma agenda de continuidade acordada, Seattle tornou-se referência enquanto um “acontecimento fundador” que “instala o movimento global como ator permanente em cena” (LEITE, 2003, p.51). Edgar

Morin publica no *Le Monde*, no dia 7 de dezembro, um artigo intitulado “O século XXI começa em Seattle”, sustentando que os confrontos delineiam a luta do século vindouro, “à l’echelle humaine, à l’echelle planetaire”.

Seoane e Taddei fazem questão de ressaltar que a irrupção midiática da “Batalha de Seattle” contrasta com o longo e diligente percurso de correntes subterrâneas de convergência e contestação, cujo detonador aparece, na literatura e no imaginário ativista, vinculado ao levante Zapatista de 1994 e seus desdobramentos. Em janeiro daquele ano, por ocasião da entrada em vigor do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (TLCAN), no estado mexicano de Chiapas, um grupo de cerca de três mil pessoas, homens e mulheres mascarados, deu início a uma insurreição “armada de palabra y de fuego” (Esther Ceceña, In: SEOANE; TADEI, 2003, p.133.). O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) foi descrito por Manuel Castells como “o primeiro movimento de guerrilha informacional”.

À medida que o governo mexicano respondia ao levante com repressão militar, protestos na Cidade do México exigiam o cessar-fogo e apoiavam as demandas de trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, democracia, justiça e paz. Segundo o mesmo autor, tratava-se do primeiro movimento social de dimensão internacional, que, após a derrubada do muro de Berlim, interpelava os “oprimidos do mundo” e clamava por “um mundo novo”, após uma “longa noite” de 500 anos de opressão.

Detrás de nuestro rostro negro. Detrás de nuestra voz armada (...) Detrás estamos ustedes. Detrás de nosotros estamos ustedes. Detrás de nuestros pasamontañas está el rostro de todas las mujeres excluidas. De todos los indígenas olvidados. De todos los homosexuales perseguidos. De todos los jóvenes despreciados. De todos los migrantes golpeados. De todos los presos por su palabra y pensamiento. De todos los trabajadores humillados. De todos los muertos de olvido. De todos los hombres y mujeres simples y ordinarios que no cuentan, que no son vistos, que no son nombrados, que no tienen mañana. (Comitê – Comando Geral do EZLN, *apud* Esther Ceceña, In: SEOANE; TADEI, 2003, p. 134)

A expressão mobilizadora do EZLN surgia como uma grande novidade, poética, anti-neoliberal e universalista, num momento em que o desgaste das ideologias de esquerda era o tema político dominante. A convocatória dos zapatistas não era apenas internacionalista, mas “intergaláctica”. A idéia de uma totalidade em que as alteridades permanecem florescentes vai marcar, a partir daí, toda a expressão do movimento anti-globalização, da tática dos protestos de rua à carta de princípios do Fórum Social Mundial.

A “globalização econômica” é acompanhada por um processo altamente tecnificado e coordenado em nível internacional de expansão de monoculturas, generalização ou legitimação das formas de trabalho precárias, marcando uma consolidação e mesmo uma nova fase de conflitos e expulsão da população do campo e inviabilização das formas tradicionais da pequena agricultura e coleta (DI GIOVANNI, 2006). Também é nesse período que começa a intensificar-se a articulação internacional das lutas sociais do campo, pelo acesso à terra e a outros “recursos” ou “bens comuns da natureza”¹, como a água e as sementes, e pelos direitos dos trabalhadores rurais assalariados, além do surgimento de movimentos nacionais e regionais a partir da mobilização de comunidades de pesca pela garantia de suas atividades de subsistência ante a expansão das atividades de transnacionais pesqueiras em regiões onde até então predominava a pesca artesanal.

A Via Campesina começa a constituir-se como uma coalizão internacional de movimentos do campo em 1993, em torno da oposição à Rodada do Uruguai do GATT – General Agreement for Trade and Tariffs, fórum de negociações que precedeu a formação da OMC. Em 1996 ela faz sua primeira aparição de maior impacto durante o encontro da FAO (Food and Agriculture Organization), lançando o conceito de “Soberania Alimentar”, em

¹Noção em disputa no debate ambiental. “Bens comuns da natureza” contém uma crítica ao paradigma do desenvolvimento. Uma das referências sobre este debate é o Dicionário do Desenvolvimento, publicado por Wolfgang Sachs, publicado também no Brasil, que consta da bibliografia de apoio na versão italiana (Sachs, 2000)

oposição ao princípio da produção agrícola regida pelo mercado.

A anti-globalização também começa a associar-se às ações crescentes contra as empresas transnacionais e suas marcas, a que a jornalista canadense Naomi Klein dedicou uma boa parte do seu livro *No Logo*. Já desde a metade da década começava a tornar-se conhecida a associação entre os poderes político, econômico e cultural das corporações transnacionais. Ao mesmo tempo grupos de jovens na América do Norte e na Europa começam a promover campanhas de boicote e sabotagem simbólica, acusando as grandes empresas globais, como Coca-Cola, Nike e Shell, de se tornarem as principais agentes da degradação humana, cultural e ambiental em escala planetária. Mais uma vez, graças à crescente rapidez dos novos instrumentos de comunicação, as ações desses grupos “dissidentes” de uma ideologia de consumo dominante nos ditos “centros” do capitalismo global associaram-se simbolicamente aos processos sociais de reação às transformações em curso no mundo do trabalho, no campo, no universo da “cultura”, ou à intensificação sem precedentes (ao menos no aspecto tecnológico) da exploração do meio ambiente. Acidentes trágicos nas fábricas do sudeste asiático ganharam visibilidade; nos Estados Unidos, os presidentes da Microsoft e da Monsanto receberam tortas na cara e muitas lojas McDonald’s tiveram seus letreiros quebrados.

Em 1997 começa a ser difundido, inicialmente por intermédio de redes de ONGs, o conteúdo das negociações internacionais do Acordo Multilateral de Investimentos (AMI), conduzida pela Organização para o Comércio e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O acordo tratava da proteção dos interesses de investidores estrangeiros e buscava reduzir ou adequar a capacidade reguladora dos Estados em favor desses interesses. Foi caracterizado pelos opositores como documento constitucional da plena hegemonia do capital transnacional

e “declaração universal dos direitos dos investidores”. A mobilização de divulgação e oposição ao AMI constituiu um ponto de articulação de ONGs e organizações sociais. Em abril uma manifestação internacional acontece em Paris, simultânea à reunião da OCDE que deveria sancionar o acordo. Finalmente a sanção é postergada e as negociações publicamente suspensas em outubro, enquanto os objetivos do AMI são transferidos para as negociações da anunciada Rodada do Milênio da Organização Mundial do Comércio (OMC), para a qual também se deslocam as atenções dessa convergência internacional de ativistas.

No mesmo período, mobilizações em muitos países manifestam oposição às políticas de ajuste estrutural do Fundo Monetário Internacional e às condições dos financiamentos do Banco Mundial. Na Europa, marchas continentais levam 50.000 manifestantes a Amsterdã, protestando contra o desemprego crescente e a precarização do trabalho reforçada pelo acordo de Maastrich. Nos Estados Unidos, a greve dos funcionários da empresa de correio privado UPS, liderada por um sindicato de motoristas de caminhão (*teamsters*), denuncia a generalização dos empregos precários e a flexibilização dos direitos trabalhistas. O ruído gerado por essas iniciativas confrontava a tendência industrial de redução dos custos da mão-de-obra e revisão das garantias conquistadas pelos trabalhadores assalariados.

Em outras regiões do mundo também vinham ocorrendo protestos que vinculavam reivindicações sociais locais ou nacionais aos efeitos da globalização. Entre os mais notáveis estão as greves ocorridas entre dezembro de 1996 e janeiro de 1997 na Coreia do Sul, lideradas pela KCTU (Korean Confederation of Trade Unions). Por pelo menos um dia, 528 organizações aderiram à greve geral, que envolveu os setores automobilístico, de construção naval e de serviços. Segundo a KCTU, 403.179 trabalhadores cruzaram os braços e muitos “cidadãos comuns” apoiaram as manifestações, que levaram multidões às ruas. O motivo da

greve eram as mudanças nas leis trabalhistas, por meio de processos considerados anti-democráticos, que buscavam legitimar a redução de salários e a piora das condições de trabalho, combinadas a restrições da livre associação de trabalhadores e ausência de sistemas de proteção social.

No final do mesmo ano, os países asiáticos cujas economias tinham crescido espantosamente nos anos anteriores sob os auspícios da liberalização comercial caem em profunda crise financeira e de fuga de capitais. A crise deu visibilidade à instabilidade do sistema econômico global e conferiu maior visibilidade às expressões sociais de descontentamento em países como Indonésia, Filipinas e Tailândia, onde protestos de trabalhadores e camponeses acompanharam o final da década de 90.

Ao longo do ano de 1998 novas coalizões se consolidam. Em fevereiro desse ano, impulsionada pelos Encuentros Intergalácticos convocados pelo EZLN, forma-se a Ação Global dos Povos, uma coalizão que ao longo dos anos seguintes lançaria uma série de chamados à ação contra as instituições da ordem econômica mundial. Os pontos de partida da AGP eram a rejeição explícita dessas instituições e acordos de liberalização comercial, uma “atitude de confronto” ante esses processos e de rejeição das posturas de diálogo com a sociedade civil no interior dessas organizações, “nas quais o capital transnacional é o único verdadeiro orientador das políticas”, o chamado à desobediência civil não-violenta e à construção de alternativas a partir de comunidades locais, por oposição à vigência global dos interesses das grandes empresas, além da proposta organizativa “descentralizada” e “autônoma”.

Na esteira da campanha contra o AMI e do impacto da crise asiática, outras redes se formam em torno da denúncia dos cassinos financeiros e das pressões liberalizantes que

acompanharam a expansão da ordem econômica globalizada. Por iniciativa do Le Monde Diplomatique forma-se em Paris a associação ATTAC, em defesa da criação de instrumentos de controle social sobre os mercados financeiros e suas instituições. A associação logo ganha contornos de rede internacional, com núcleos em mais de 12 países e participação ativa na articulação de ações “anti-globalização”.

No mês de maio, por ocasião da reunião ministerial da OMC em Genebra e do encontro do G8 em Birmingham, Inglaterra, a Ação Global dos Povos, grupos ecologistas, de mulheres, anarquistas e de camponeses integram protestos de rua nas duas cidades. No dia 16, em Birmingham, 5 mil pessoas pararam o centro da cidade. Em Praga, uma “Festa de Rua” planejada para coincidir com as manifestações na Inglaterra termina em confrontos entre polícia e manifestantes, após as vitrines de lojas Mcdonald’s e KFC terem sido quebradas. Festas simultâneas aconteceram em outras cidades, entre as quais São Francisco (EUA), Toronto (Canadá) e Berlim (Alemanha). No dia seguinte, os protestos explodem em Genebra. Em dois dias 287 manifestantes são presos.

As jornadas de maio de 1998 foram definidas pela AGP como o primeiro Dia de Ação Global. Os dias de ação global consistiram em convocatórias internacionais à realização simultânea de protestos descentralizados e diversos, muitas vezes em “solidariedade” a uma concentração mais massiva em algum ponto do planeta onde estivesse reunida uma das instituições identificadas com o capitalismo ou com o poder das empresas transnacionais. Seattle foi o terceiro. Antes disso foi convocado “um dia internacional de protesto, ação e carnaval, dirigida ao coração da economia global: os centros bancários e financeiros ao redor do globo” (LUDD, 2002, p.25), coincidindo com o encontro do G7 (G8 ainda sem a Rússia) a realizar-se em Colônia, na Alemanha, no dia 18 de julho de 1999. Um texto mundial

propunha: “Greves, protestos, piquetes, ações, ocupações, festas de rua, manifestações, bloqueios, paralisações – uma unidade de diversos eventos”, e pedia que os eventos ou ações fossem comunicados por meio de um endereço de correio eletrônico, para que toda a informação fosse reunida num sítio na Internet. Em Colônia uma “Laugh Parade” (“Parada do Riso”, o nome parodia o evento de música eletrônica “Love Parade”) deveria dirigir-se diretamente aos líderes do G7. Mas o J18 ficou conhecido como o dia em que uma manifestação chamada “Carnaval contra o capital” tomou as ruas do centro de Londres. Segundo a agência France Press, as empresas com escritórios na região recomendaram aos executivos que deixassem em casa o terno e a gravata para não serem visados pelos manifestantes (AGP, *Archives of global protests.*) . Esta foi considerada pelo *The Guardian* a “pior desordem pública” (The Guardian, 1999) desde protestos em 1990 contra o governo de Margaret Thatcher. Ao longo do dia, por volta de 40 grupos realizaram ações no centro da cidade. Pela manhã 250 ciclistas suspenderam o tráfego de automóveis na city. Alguns manifestantes escalaram um edifício para desenrolar uma faixa gigante contra o comércio de armas. No Lloyds Bank, um grupo acorrentou-se à mobília forçando o banco a fechar as portas para os clientes. Três mil pessoas dançaram e festejaram ao som de uma batucada por mais de três horas. Lojas McDonald’s foram destruídas. Uma agência bancária foi incendiada.

Em setembro do mesmo ano, uma declaração da Câmara de Comércio Internacional (ICC) apresenta a preocupação do mundo dos negócios com a onda de mobilizações, cuja forma e contornos escapam a suas estratégias costumeiras de negociação:

Business is accustomed to working with trade unions, consumer organizations and other representative groups that are responsible, credible, transparent and accountable and consequently command respect. What we question is the proliferation of activist groups that do not accept these self-disciplinary criteria. (ICC, 1998)

(O mundo dos) negócios está acostumado a trabalhar com os sindicatos,

organizações de consumidores e outros grupos representativos que são responsáveis, confiáveis, tem credibilidade, transparência e conseqüentemente impõem respeito. O que questionamos é a proliferação de grupos ativistas que não aceitam esses critérios auto-disciplinares.

O texto, assinado por Helmut Maucher, então presidente da Nestlé, menciona uma “*globalphobia* difusa, mas virulenta” a ser combatida e superada.

Os acontecimentos de Seattle em 1999 e seu impacto midiático ajudaram a consolidar as idéias de que um movimento novo crescia em escala mundial e de que em seu coração estava uma dinâmica refratária à “auto-disciplina” considerada aceitável pelas instituições detentoras da definição da globalização. Nos noticiários do mundo todo, os “manifestantes anti-globalização” apareciam nas ruas, com bandeiras e faixas, frente a frente com a polícia, dançando ou quebrando vitrines, gritando palavras de ordem ou lançando pedras, apanhando, correndo entre nuvens de gás lacrimogêneo.

Seattle pareceu abrir caminho para outras manifestações. Em janeiro de 2000, em Davos, Suíça, 1.500 pessoas participam de protestos de rua contra a realização do Fórum Econômico Mundial. Um artigo da revista *Time Europe*, assinado por Jeff Graff, conclui:

as some protesters banged drums, danced and juggled while a few others were trying, and failing, to break the plexiglass windows of the Sheraton Hotel – one thing was certain: wherever government and business leaders gather to talk about globalization, protest is sure to follow. (Graff, 2000)

enquanto alguns manifestantes batiam tambores, dançavam e faziam malabarismos e outros tentavam, e não conseguiam, quebrar as janelas de plexiglass do Hotel Sheraton – uma coisa era certa: onde quer que líderes de governos e empresas se reunissem para falar da globalização, o protesto com certeza viria junto.

Em fevereiro ocorrem protestos e um fórum alternativo durante a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) em Bancoc. O movimento camponês da Tailândia participa dos protestos que denunciam as perversidades da

“governabilidade global”.

Em março, inspiradas na reivindicação Pão e Rosas, organizações feministas de mais de 60 países dão início à Marcha Mundial das Mulheres. Durante meses organizam ações descentralizadas em que a globalização aparece como quadro de pobreza e violência que atualiza a opressão das mulheres. As manifestações culminam em outubro, em frente às sedes das Nações Unidas, do Banco Mundial e do FMI. Em setembro, em Praga, República Checa, mais de 15.000 protestaram durante o encontro anual do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. Manifestações simultâneas aconteceram em pelo menos 40 países (AGP, 2001). Na convocatória internacional lançada na Internet pela INPEG (sigla checa para “Iniciativa contra a Globalização Econômica”), coalizão de grupos e indivíduos que convergiram para os protestos, lia-se:

Os eventos de Seattle na reunião da OMC em novembro passado mostraram que uma imensa onda de resistência global está se levantando contra o poder do capital global. A cúpula do FMI/Banco Mundial em Praga será nossa próxima grande oportunidade de expressar nossas demandas por justiça global. (INPEG, 2000)

Em janeiro de 2001 realiza-se em Porto Alegre o primeiro Fórum Social Mundial. Assim como as contra-cúpulas e os dias de ação global, o FSM acontece simultaneamente ao Fórum Econômico Mundial. Um debate via satélite coloca figuras emblemáticas dos dois encontros “frente a frente”. Uma mãe da Praça de Maio chama George Soros de “monstro”. Porto Alegre torna-se então referência para uma grande diversidade de organizações e movimentos, a partir de alguns pontos convergentes: fundamentalmente, a oposição à visão do neoliberalismo como forma totalizante e intransponível de organização econômica e política de um sistema de relações em escala mundial. Mais do que um projeto convergente e alternativo, o Fórum Social cumpre o papel de certificar, num plano intelectual, mais

sistemático e aparentado às formas precedentes dos “internacionalismos” (de esquerdas partidárias ou redes de organizações não governamentais), a emergência de uma “onda” de contestação que se manifestava nas ruas de forma ainda irredutível.

Pouco depois, em abril, grandes manifestações massivas tomaram as ruas da cidade de Québec contra a instituição de uma Área de Livre Comércio das Américas, durante uma cúpula de chefes de Estado. Em junho do mesmo ano, quando o G8 reuniu-se em Gênova, na Itália, sob forte repressão policial, pelo menos 200 mil pessoas saíram às ruas para protestar. Em termos numéricos, foi a maior das “contra-cúpulas” – protestos às portas de grandes reuniões oficiais. Gênova ganhou enorme espaço nos noticiários internacionais como um confronto espetacular entre forças policiais e manifestantes em que as imagens sangrentas tiveram um destaque especial.

O atentado contra as torres gêmeas em Nova York, em setembro de 2001, e seus desdobramentos na política externa e interna dos Estados Unidos e seus aliados tiveram impacto inegável nesse processo. Os defensores do ascendente “movimento global” trataram de refutar as hipóteses catastróficas e as analogias sinistras entre o “povo de Seattle” e o “anti-globalismo” terrorista, ao mesmo tempo em que reconheciam uma das condições: “é num contexto mais grave e mais difícil que as mobilizações vão se desenvolver e que os movimentos de luta contra a globalização liberal vão se construir” (AGUITON, 2002, p. 212).

A reunião anual do FMI e do Banco Mundial e retumbantes protestos simultâneos estavam previstos para 28 de setembro, em Washington. A reunião oficial foi cancelada e foram realizadas manifestações anti-militaristas. Em outubro, a conferência da OMC foi realizada em Doha, no Qatar, sob alerta anti-terrorismo. Apenas 50 representantes de ONGs foram autorizados a entrar no país. Em junho a reunião do G8 aconteceu em Kananaskis,

Canadá, protegida por uma das maiores operações militares já organizadas no país fora de uma situação de guerra. Protestos ocorreram em Ottawa, longe da zona militarizada.

Em novembro, o encerramento do primeiro Fórum Social Europeu reuniu quase um milhão de pessoas numa marcha contra a possível invasão do Iraque. No início do ano seguinte, em Porto Alegre, o público do segundo Fórum Social Mundial chegou a 50.000 mil pessoas. A guerra e a criminalização dos movimentos sociais tornaram-se centrais em 2002. A oposição à invasão do Iraque foi o tema do que a *Folha de São Paulo* (Ribeiro, 2006) chamou de a maior manifestação internacional de rua de todos os tempos. Mais de 5 milhões de pessoas foram às ruas em diversos países no dia 15 de fevereiro de 2003. Assim como se afirmava a respeito de Seattle, a *Folha* dizia que o protesto tinha sido “organizado através da Internet”.

Os multitudinários protestos anti-guerra traziam às ruas os grupos anti-globalização de Seattle, Praga e Gênova, mas tinham também características diferentes. Em muitos países, como no Brasil, a expressão “anti-imperialista” era mais forte que as referências anti-globalização, embora batucadas e carnavais tenham marcado manifestações em toda a Europa, onde, em vez de confrontos, as fotos das agências internacionais retratavam as massas como “oceanos pacíficos”. Durante os meses seguintes à invasão do Iraque, grupos de ação direta realizaram ações mais ao estilo “anti-globalização”, buscando impedir a circulação de trens carregados de armamentos na Itália ou denunciando nos Estados Unidos as grandes empresas que aumentavam seus lucros com a guerra e com o mercado político-econômico da reconstrução.

Houve um esforço permanente de parte de intelectuais militantes e lideranças para explicitar as relações entre a invasão do Iraque e os eixos que haviam mobilizado os grandes

protestos contra a OMC, o FMI, o Banco Mundial e a política dos membros do G8. Em maio de 2003, uma reunião em Jacarta, Indonésia, organizada pela ONG Focus On The Global South, um dos principais organizadores asiáticos do Fórum Social Mundial, buscou reunir “lideranças e representantes” de redes articuladoras dos protestos anti-guerra na Ásia, Europa e Estados Unidos e, com menor participação, América Latina e África. A declaração do encontro refere-se à guerra como estado global associado à manutenção de uma ordem dominante:

We oppose war in all forms whether open, declared, interstate war, war against social movements, economic war against the poor peoples of the world or war against political activists and opponents of the dominant order. (JAKARTA PEACE CONSENSUS, 2003)

No aniversário dos atentados em 2003, Naomi Klein comenta no *The Nation* que, embora o debate mais polêmico sobre as questões econômicas tivesse momentaneamente perdido sua centralidade entre os movimentos nos Estados Unidos, em favor da unidade anti-guerra, uma relação necessária entre militarismo e pressão econômica reaparecia quando confrontadas novamente as condições de implementação das reformas econômicas envolvendo, por exemplo, a privatização de bens comuns e serviços básicos (Klein, 2003b). Os permanentes processos de repressão ditos “de baixa intensidade”, contra as mobilizações sociais contrárias à redução de serviços públicos, conflitos de terra ou precarização do trabalho, são entendidos como complementares à guerra por excelência entre estados nacionais, ambos “abrindo caminho” para a liberalização controlada pelas empresas transnacionais.

Nesse sentido, avança a jornalista, a reunião da OMC em Cancun, México, no mesmo ano, representaria um momento determinante para a necessária convergência entre as ondas anti-globalização e anti-guerra, apesar da existência de “tentativas” de manter-se as coisas

separadas.

The global antiwar protests that surprised the world on February 15 grew out of the networks built by years of globalization activism, from Indymedia to the World Social Forum, our movements converge in Cancun. (KLEIN, 2003b)

Em setembro do mesmo ano, não houve em Cancun nenhuma manifestação oceânica. As 10.000 pessoas que saíram às ruas pareciam poucas em comparação com as multidões dos protestos anti-guerra, as centenas de milhares de Gênova ou as 50.000 da “Batalha de Seattle”. Apesar da proximidade geográfica, os Zapatistas não lançaram nenhum chamado, nem declaração de que participariam de protestos contra a OMC. Segundo artigo assinado pelo “Writer’s Block”, críticas correntes à estratégia de saltar de uma “contra-cúpula” a outra, além do novo foco anti-guerra, mantiveram muitos dos “quadros” importantes em Seattle ou Gênova afastados de Cancun. No entanto, uma caravana de 200 militantes da Coreia do Sul viajou até o México. O maior contingente mexicano fora mobilizado pela Via Campesina, que organizara um fórum em Cancun nos dias anteriores. Havia um pequeno grupo de estadunidenses, incluindo a fanfarra Infernal Noise Brigade, formada nos protesto de Seattle.

No primeiro dia de protestos, um militante coreano, Lee Kyung Hae, de 56 anos, tirou a própria vida em frente à linha policial que barrava os manifestantes a sete quilômetros do centro de convenções onde se realizava a reunião ministerial. Lee, que não era jovem e não lembrava em nada as figuras anti-globalização retratadas pelos noticiários, tornou-se um herói do movimento e o aniversário de sua morte, dia 10 de setembro, foi escolhido pela Via Campesina como Dia Mundial de Luta contra a OMC e as Empresas Transnacionais. Enquanto os protestos seguiam como ritual de luto e embalados pelo súbito protagonismo da disciplinada delegação coreana, as negociações no interior da OMC encontravam-se encalhadas, na medida em que grupos de países, o G21, liderado pelo Brasil, e o G60, que

reúne os países considerados “menos desenvolvidos”, rejeitavam a propostas apresentadas pelos Estados Unidos e pela União Européia. A reunião terminou sem uma declaração final. A barreira metálica de segurança que deveria conter os protestos foi desmontada pelos manifestantes e Cancun foi considerada uma vitória simbólica riquíssima em imagens e significados. Dois anos mais tarde, os protestos contra a VI Reunião Ministerial da OMC, em Hong Kong, pareciam mais herdeiros de Cancun do que do mito de Seattle.

O uso da expressão “movimento anti-globalização” e a identificação de protestos de rua a esse movimento parecem ter declinado na medida em que refluíram os grandes protestos de rua na Europa e na América do Norte. Assim, os protestos como os de Seattle, Praga e Gênova permanecem num lugar paradoxal da história, como eventos fundadores de um movimento que nunca chegou a constituir-se como tal, senão como uma coleção de imagens, de gestos, de palavras e de relações de sentido. Para discutir hoje o movimento anti-globalização pretendo partir desse lugar estranho, retomando o momento em que essas relações se constituíam e ganhavam nomes e valores à medida que eram postas em prática.

Os protestos como objeto antropológico

Nesses últimos anos, após o boom das manifestações contra a guerra, algo parece ter se deslocado no panorama das manifestações “anti-globalização”. Gênova foi, talvez, um dos últimos momentos em que elementos marcantes na emergência pós-Seattle de um movimento novo em escala mundial aparecem de forma mais contundente. Esta dissertação é uma tentativa de aproximação mais sistemática dos traços que coloriram os protestos de rua

internacionais desse período, de sua força mobilizadora e de algumas das tensões depois dele perduram e se transformam.

Considero que nenhum desses elementos pode ser entendido fora de um conjunto de referências e condições dinâmicas de construção de sentido. A partir dessa compreensão antropológica é que dedico os próximos capítulos a pensar os protestos de rua como práticas expressivas, cuja análise pode contribuir para ampliar nossa compreensão dos fenômenos políticos contemporâneos. O protesto de rua constitui o foco principal desta dissertação, como um espaço no qual se quer articular produção cultural e condição histórica. Espero que falar sobre esses acontecimentos e os possíveis eixos de significados que os articulam seja uma forma de contribuir para a compreensão de um passado muito recente, de metáforas inconclusas que possivelmente ainda povoam nossas dúvidas mais íntimas sobre a política e sobre o futuro.

Não parto da imagem do movimento anti-globalização como uma imensa rede horizontal (sem ignorar que a rede é uma categoria de fundamental importância para os agentes envolvidos). Também não me ateno à idéia de uma identidade fluida, movendo-se pelo planeta ao estilo de um “espírito que ronda o mundo” (BENSAID, 2003, p. 11). O que proponho é trazer ao primeiro plano um fazer associado ao movimento, pela qual ele se constrói à mesma medida que se apresenta perante o mundo.

Considero válida, para tratar desse objeto, a consideração de George Marcus (1991) de que a abordagem antropológica de fenômenos transnacionais exige, para além da noção de identidade, a compreensão da história multilocalizada, em que as referências são construídas não a partir de enraizamentos comunitários, mas de outras associações processadas na memória coletiva e individual.

No conjunto de eventos associados ao movimento anti-globalização nas análises produzidas nas fronteiras entre a academia, o jornalismo e a militância, aparecem lado a lado os protestos internacionais na Europa e na América do Norte contra as grandes instituições econômicas e os de focos de rebelião contra a aplicação dos programas de desenvolvimento, planos de ajuste estrutural, acordos de livre comércio e a atuação de empresas transnacionais na Ásia, África e América Latina. Eles estão conectados histórica e simbolicamente entre si e a outras constelações de acontecimentos em pontos distintos do planeta. Algumas cronologias ou “protestografias” de outros autores integram as fontes deste trabalho. A abordagem etnográfica deve contribuir para traçar algumas dessas ligações a partir de elementos e temas comuns da expressão de rua do movimento anti-globalização, como ilustra a estruturação dos capítulos.

Seria impossível e superficial reconstruir cronologicamente todos os protestos associados ao movimento anti-globalização. Faço, então, a escolha de três eventos de grande repercussão, que acompanharam entre 1999 a 2001 os eventos espetaculares das instituições globais que constituem o centro de visibilidade do poder no capitalismo globalizado: a Batalha de Seattle, em novembro de 1999, o sítio à reunião anual do FMI e do Banco Mundial em Praga, em setembro de 2000, e as jornadas de protesto contra a cúpula do G8 em Gênova, em julho de 2001. Outros protestos de caráter regional ou de menor visibilidade, como aquele contra o FMI em Washington, em 2000, ou contra a Cúpula das Américas, em Québec, aparecerão em segundo plano, uma vez que desdobram sentidos e contradições.

As contra-cúpulas de Seattle, Praga e Gênova marcaram um momento dinâmico de nomeação da “anti-globalização” e ajudaram a fazer florescer no imaginário político de um período figuras poderosas como a de um “movimento de movimentos” .

Artes do impossível

Como indicador dos processos capitalistas de transformação e integração, a globalização denota tensões comuns às problemáticas do desenvolvimento, da modernização e industrialização já abordadas em diferentes circunstâncias pelas ciências sociais desde o período que sucedeu ao final da Segunda Guerra. Nesse contexto, toda perspectiva teórica que busca explorar as chamadas “alternativas históricas”, que assombram o capitalismo sob a forma de tendências e forças subversivas, se encontra diante de lacunas importantes, na medida em que, nos termos de Marcuse, a contenção da transformação social qualitativa surge talvez como “a mais singular realização da sociedade desenvolvida” (1969, p. 16). Já nas análises da teoria crítica, nas décadas de 60 e 70, a sociedade industrial desenvolvida, em sua perspectiva histórica integrada ao progresso técnico, parecia reconciliar as forças que se opõem ao sistema e recusar toda possibilidade de protesto.

Referindo-se ao período mais recente, Gustavo Lins Ribeiro liga o problema dos “novos sujeitos políticos”, tema constante do debate sobre o movimento anti/alter-globalização, a uma lacuna semelhante, deixada pelo fim do “socialismo realmente existente” soviético, que fora, no período precedente, a fonte de um discurso capaz de galvanizar a maior parte dos esforços anti-capitalistas em termos de ideologias e visões utópicas unificadoras (Ribeiro, 2006). Immanuel Wallerstein ressalta, em 1999, que a perspectiva de uma esquerda mundial está diante do fato de que a estratégia e a teoria unificadoras da transformação formuladas no século XX se encontram hoje “em frangalhos”, algo que o autor resume como um “estado moderado de depressão generalizada” (WALLERSTEIN, 2002). A constituição

de sujeitos políticos, enquanto questão articuladora da anti-globalização, relaciona-se claramente, como indica Ribeiro, a uma crise de utopia que beira a impossibilidade de qualquer articulação de significados que aponte “para fora” do horizonte cultural dado.

Neste quadro de impossibilidade, como ficam os sentidos dos movimentos de protesto, do engajamento individual e coletivo, da intensidade das experiências que eles envolvem? Que sentidos, nesses termos, adquire a permanência de expressões proclamadamente anti-sistêmicas? Percorrendo as análises, os comentários, os conflitos e os relatos dos protestos anti-globalização, nos confrontamos com o fato de que, como parte do problema de contrapor-se à ordem material e simbólica capitalista, somam-se questionamentos às formas de organização política, à representatividade e às relações de poder internas aos projetos de transformação social ao longo do século XX. Não falta a memória sempre reafirmada dos exemplos em que a busca do poder do Estado por “lutas populares” mostrou-se funcional às estruturas opressivas, ou em que se viram aspirações e reivindicações legítimas rendidas por processos autofágicos de fragmentação, institucionalização, burocratização e terror.

Se os protestos que abordamos falam da perspectiva de uma ação política anti-sistêmica, trata-se, inscrita no quadro da globalização, de uma perspectiva que se constrói sob o peso iniludível das “revoluções fracassadas”. O protesto anti-globalização aparece em tempos de “fim da história”, crise de paradigmas, crise das metanarrativas. Uma espécie de maldição projeta sua sombra sobre a articulação dos significados políticos, expressa nos escritos anarquistas de Hakim Bey como o padrão cíclico de “revolução, reação, traição, a fundação de um Estado mais forte e ainda mais opressivo – a volta completa o eterno retorno da história, uma e outra vez mais, até o ápice: botas marchando eternamente sobre o rosto da humanidade” (BEY, 2001, p. 15).

Os sujeitos dos protestos anti-globalização não são de forma alguma imunes à repetida proclamação da impossibilidade da revolução social. Suas ações não adquirem sentido “apesar de”, mas num diálogo constante com esse elemento restritivo, com sua ampla margem de impossibilidade. Há que se notar a marcante vocação dramática do gesto “anti-sistêmico”, na medida em que implica, em termos individuais ou coletivos, lançar-se à revolta contra um destino trágico mil vezes anunciado. Aqui, a força que nos cabe conhecer melhor, à moda de Hakim Bey, talvez esteja mais próxima da idéia de “levante” que da de “revolução”, das insurreições que por sua natureza temporária nunca chegaram a completar o “destino trágico” das revoluções traídas. Seria necessária, portanto, uma perspectiva que nos ajudasse a pensar transformações desse gênero, que nos permitisse não dizer “temporária” como quem diz “falsa”. Por isso evitei desde o início tomar o caminho de uma análise que buscasse falar desses movimentos em termos de demandas sociais e reivindicações a serem satisfeitas. Boa parte das referências teóricas da pesquisa tem em comum tentativas de uso de categorias da arte na análise das experiências sociais. Esta opção busca acompanhar um deslocamento da eloquência política de alguns grupos que, em vez de enfatizar a estabilidade de suas estruturas e a articulação de seus discursos, empenham-se quase inteiramente em dar corpo aos breves e intensos momentos do protesto de rua. Não busco aferrar a análise a nenhum conceito ou filiação teórica particular, mas sim encontrar na antropologia das formas expressivas ferramentas adequadas para analisar os protestos à luz desse seu impulso dramático particular, pelo qual manifestam seu antagonismo à um ordem estabelecida.

O caráter dito expressivo das ações associadas ao “movimento anti-globalização” não pode, a meu ver, ser entendido como derivação ou dimensão separada de um cerne propriamente “político” ou “estratégico” dos conflitos sociais que ele articula. Longe de procurar fixar o objeto numa dimensão estética separada, minha proposta é buscar na

intensidade trágica ou carnavalizante da ação política enriquecer o conhecimento dos processos de transformação cultural em jogo no mundo contemporâneo.

A forma da dissertação

A dissertação está estruturada com base em tensões que considerei constitutivas dos processos de construção de um sentido do (e no) movimento anti-globalização.

No Capítulo 1, em grande parte descritivo, analiso um primeiro elemento comum entre os três eventos de protesto mencionados nesta introdução. Trata-se do princípio de “coordenação da diversidade de táticas”, pelo qual grupos criam alianças, diferenciam-se uns dos outros e “dividem” o território dos protestos, os locais e os percursos de manifestação segundo formas específicas de ação. São descritas as formas de construção deste princípio nas manifestações de Seattle, Praga e Gênova e expostas as tensões, as soluções e os limites encontrados pelos atores em cada um dos episódios. Dos limites dessa forma comum aparece um tema central no processo do movimento anti-globalização, em particular depois de 2001: a polêmica em torno do chamado “problema da violência”.

No segundo capítulo busco explorar relações complexas entre a ação direta e a violência tal como aparecem significadas nos protestos. As tensões e as aproximações entre as táticas não-violentas e mais agressivas são reveladoras de como operações de ritualização e deslocamento participam da construção de sentidos dos protestos. Analisando os deslocamentos produzidos em torno do tema da violência, indico ainda riscos e limites das operações simbólicas envolvidas nas contra-cúpulas.

Em seguida faz-se necessário aprofundar a análise sobre a importância das formas de teatralidade carnavalizante no processo de construção de sentidos do movimento anti-globalização. Desde Seattle, passando pela formação do Bloco Rosa-Prateado em Praga, uma dimensão lúdica, que muitas vezes zomba dos aspectos mais sisudos do próprio ativismo em que está imersa, se constitui como traço marcante das contra-cúpulas no período a que a pesquisa se refere. O protesto de rua e a festa se encontram na análise por meio de questões fundamentais para a antropologia da performance: os rituais de ruptura e suspensão da ordem rotineira como espaço liminar de deslocamento de significados e a importância desse deslocamento nos processos políticos de contestação e resistência. A partir daí é possível pensar em que medida as táticas de deboche podem produzir deslocamentos em relação aos limites “problema da violência”.

O capítulo final é dedicado à retomada das análises realizadas nos capítulos anteriores e à síntese das considerações teóricas. A análise deve voltar a abordar os artifícios de deslocamento de significados e a tensão entre multiplicidade e unidade do movimento anti-globalização. Proponho realizar uma leitura do protesto de rua como uma “mística do impossível” e comentar sua relação com uma historicidade particular, marcada por formas de expressão paradoxais que catalisam a crítica dos paradigmas e identidades políticas do movimento social em seu sentido tradicional, e ao mesmo tempo pela busca da “forma nova”, fugidia e incerta de um “Movimento dos Movimentos”.

CAPÍTULO 1. A DIVERSIDADE DE TÁTICAS EM SEATTLE, PRAGA E GÊNOVA E “O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA”

1.1. Um mundo onde caibam muitos mundos

Na aspiração por “um mundo em que caibam muitos mundos”, os Zapatistas de Chiapas ligavam suas batalhas locais, de indígenas camponeses, a uma luta que deveria irmanar o conjunto da humanidade. Segundo Ana Esther Ceceña, essa expressão fala de um mundo (e de um movimento que há de construir-se para realizá-lo) em que a igualdade seja a diferença, em que se reconheça a multiplicidade das formas de opressão e a multiplicidade dos caminhos emancipatórios que a humanidade é capaz inventar. A atribuição “movimento de movimentos”, conferida muitas vezes ao movimento anti-globalização, espelha essa aspiração numa definição que reúne em uma forma positiva dinâmicas de unidade e diferenciação. A característica mais marcante desse movimento, segundo diversos autores, foi ter reunido numa mesma referência política um espectro muito amplo de grupos e setores, de filiações ideológicas e identitárias distintas. Segundo a análise apresentada em Porto Alegre pela CLACSO, em 2002 (FISHER; PONNIAH, 2003, p. 265), “a habilidade da construção na prática de um só espaço de ação que respeite a heterogeneidade”, a “unidade na diversidade”, é a novidade trazida pelo movimento.

Se tomarmos as contra-cúpulas como expressão do movimento anti-globalização, veremos que essa pluralidade não é importante apenas enquanto princípio, mas como forma e

prática de organização dos protestos de rua. Como uma das marcas dos protestos anti-globalização, a diversidade, vista muitas vezes como “espontânea”, supõe uma confluência de sentido dada principalmente pela simultaneidade e por algum nível de orquestração das ações, como na imagem que o jornalista José Chrispiniano² nos oferece do protesto contra o FMI em Praga:

as três marchas preparavam-se para a partida em pontos diferentes da praça. A divisão era a estratégia para cercar o encontro. No complicado relevo em torno do local da reunião, a divisão permitia que cada grupo cercasse o prédio a partir de um lado e dificultava a capacidade da polícia de bloqueá-la no meio do caminho. (CHRISPINIANO, 2002, p. 85)

Diversos, mas unidos. A noção de “dia de ação global” adquire esse mesmo sentido. Como veremos nos exemplos a seguir, os protestos contra os grandes eventos oficiais globais foram organizados na forma de uma coordenação mais ou menos frouxa de ações de protesto cuja forma e orientação não eram definidas de maneira centralizada. Essa forma diversa é rica em contrastes, nuances e significados e me parece importante para entender os processos de construção de sentido envolvidos nos protestos. Como afirma Sidney Tarrow, na segunda metade dos anos 90, viu-se a formação do que ele chama de “coalizões de evento” (*event coalitions*) em torno das cúpulas do G8, do FMI, do Banco Mundial etc., que se desdobraram como uma forma de coordenação à distância de eventos seqüenciais ou simultâneos contra um mesmo alvo. A tipologia das coalizões de Tarrow combina duas variáveis: a duração e a intensidade do envolvimento das pessoas (TARROW, 2005, p. 167). As “coalizões de evento”, diz ele, são coalizões de curto prazo, baseadas num grau elevado de envolvimento, cujo modelo é desenhado a partir da coalizão que bloqueou a reunião ministerial da OMC em 1999.

² O livro de Chrispiniano sobre Praga, *A Guerrilha Surreal*, nasceu de seu Trabalho de Conclusão do curso de jornalismo da ECA-USP.

1.2. Seattle, 1999

Quando irrompe a contra-cúpula de Seattle a diversidade dos grupos e das identidades que cooperavam na realização dos protestos aparecia como uma novidade. A presença simultânea nas ruas de sindicatos, ambientalistas, feministas, organizações estudantis e grupos anarquistas, além de uma grande variedade de grupos de jovens, foi considerada fundante do movimento anti-globalização.

Não uma, mas várias ações de protesto aconteceram em Seattle de 29 de novembro a 3 de dezembro de 1999. O WTO History Project (WTOHP), coleção de registros escritos sobre o conjunto desses protestos, sua preparação e avaliações posteriores, é provavelmente um dos maiores e mais sistemáticos arquivos acadêmicos sobre protestos anti-globalização, organizado pela da Biblioteca da Universidade de Washington por intermédio do Harry Bridges Center for Labor Studies (Centro Harry Bridges de Estudos do Trabalho), sediado na mesma universidade. As cronologias do WTOHP registram centenas de eventos de preparação desde fevereiro daquele ano. A linha do tempo do dia 30 de novembro, dia de ação global, convocado internacionalmente, dá uma idéia da diversidade de iniciativas, da coordenação e das tensões envolvidas nas jornadas de protesto.

Nem todos os grupos ativistas participaram ações e confrontos de rua. Várias organizações internacionais participaram de uma coalizão de lobby e pressão, articulada em torno da idéia de Comércio Justo e centrada na reforma das regras da OMC ou na introdução de cláusulas ambientais e trabalhistas nos acordos comerciais. Uma coalizão chamada People for Fair Trade trabalhava a partir de um escritório, encabeçado pela organização Public Citizen, ligada a Ralph Nader. Grandes organizações sindicais compartilharam uma opção pelo *advocacy* e afastaram-se das ações de rua na assim que o confronto com as forças

policiais tomou corpo. Em mais de um relato (Ludd, 2002, p. 69), afirma-se que membros de base desses mesmos sindicatos teriam desobedecido ordens de dirigentes e participado de ações de rua junto com outros grupos. Outras organizações sindicais, mencionadas pelo ativista e escritor Jeffrey St. Clair em seu “Diário de Seattle” como “mais militantes”, participaram do contingente que organizava e/ou apoiava diversas ações de bloqueio.

O quartel-general das ONGs e sindicatos “de base” (*grassroots*) era uma igreja, a *United Methodist Church*, de onde partiu no dia 29 de novembro uma das primeiras manifestações, uma marcha de aproximadamente duas mil pessoas, na maioria membros de sindicatos, rumo ao centro de convenções. Cerca de quinhentos participantes marcharam fantasiados de tartarugas marinhas, o “primeiro símbolo das ameaças da OMC às leis ambientais”, que se refere à deliberação no tribunal da Organização que classificou como “barreira comercial injusta” o *Endangered Species Act*, lei que exigia que a pesca do camarão fosse feita com um dispositivo que afasta tartarugas ameaçadas de extinção (YUEN; BURTON-ROSE; KATSIFICAS, 2004, p. 50). Ao lado das tartarugas, marchavam membros de sindicatos de estivadores e metalúrgicos, usando jaquetas azuis. Uma das frases mais populares que se referem aos protestos de Seattle e inspiradora de iniciativas de convergência novas entre setores do ativismo simbolicamente distantes é atribuída por St. Clair a um cartaz exibido na ocasião pelas mãos um estivador de Tacoma (estado de Washington): “Teamsters and Turtles together at last!”, “caminhoneiros e tartarugas, enfim juntos!”.

Em torno do objetivo de dificultar e possivelmente impedir a realização da reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio, convergiam grupos independentes e coalizões diversas, responsáveis por ações de bloqueio dos acessos da reunião oficial. Entre as coalizões atuantes nas ruas em Seattle, a mais conhecida seria a Direct Action Network (DAN), da qual

ouvi falar em São Paulo dois anos mais tarde. A ativista e participante de uma espécie de núcleo articulador da DAN, Jennifer Whitney, num depoimento que integra a coletânea *Days of Dissent*, disponível na Internet, conta que a maior parte da propaganda de convocação e divulgação dos protestos foi elaborada por e em nome dessa coalizão, o que possivelmente explica tal alcance: jornais e cartões foram distribuídos nacionalmente contendo descrições sobre ação direta e organização por grupos de afinidade, informação sobre a OMC e orientações gerais. A idéia de ação direta que conheci em 2000, quando alguns grupos autônomos em São Paulo resolveram organizar um protesto simultâneo às manifestações contra o FMI em Praga, estava profundamente ligada às propostas organizativas divulgadas pela DAN.

Participavam da DAN também estudantes; várias organizações, grandes e pequenas, realizaram atividades de mobilização no meio universitário. O grupo Art and Revolution realizou oficinas preparatórias de elaboração de faixas, cartazes e bonecos. Um grupo de músicos formou uma banda de rua, a Infernal Noise Brigade (Brigada Barulho Infernal). Muitos grupos prepararam-se para a desobediência civil em treinamentos realizados por organizações especializadas. Apesar de ter entrado para a história como “a coalizão que organizou os protestos de Seattle”, esse protagonismo é questionado em mais de uma análise, como a de Kristine Wong (YUEN, 2004, p. 210), e numa carta aberta do cientista político e ativista George Katsiaticas a Michael Albert (economista, editor e co-fundador da *Z-Magazine*).

Even the largest estimate of the DAN contingent (including everyone caught up in the areas focused upon by DAN) was a small fraction of the minimum estimate of demonstrators present (40,000). The nonviolent actions were intensively organized and extraordinary to be sure, but they were neither the majority of those present nor the only group to prepare elaborately for confronting the WTO. (KATSIATICAS, 1999)

Mesmo a maior estimativa do contingente da DAN (que inclui todos os que se encontravam nas áreas de concentração da DAN) era uma pequena fração da estimativa mínima de manifestantes presentes (40.000). As ações não-violentas foram intensamente organizadas e extraordinárias, isso é certo, mas não foram nem a maioria dos presentes nem o único grupo a preparar-se elaboradamente para confrontar a OMC.

J. St. Clair menciona como grupos grandes que integraram as ações de rua: Earth First! (ambientalista), Alliance for Sustainable Jobs (aliança então recém formada entre metalúrgicos e ambientalistas), Ruckus Society (organização especializada no treinamento para a ação direta), Jobs with Justice (organização de trabalhadores precários/migrantes e estudantes), Rainforest Action Network (ambientalista), Food not Bombs (pacifista), Global Exchange (ONG) e um pequeno contingente anarquista que depois seria identificado como Black Block, além de um contingente internacional notável: agricultores franceses da Confédération Paysanne, de José Bové, ambientalistas e sindicalistas coreanos, agricultores canadenses, ambientalistas mexicanos, equatorianos – contra a construção de barragens –, britânicos – contra alimentos geneticamente modificados entre outros.

As grandes ações coordenadas de bloqueio foram convocadas para o dia 30 de novembro – data da abertura da Ministerial e Dia de Ação Global, convocado pela Ação Global dos Povos, com a qual a DAN estadunidense tinha diversas intersecções. Uma dezena de marchas encheu as ruas pela manhã. Segundo o resumo do *Seattle Times*, a maior concentração do dia reuniu aproximadamente 20 mil pessoas. Grupos de manifestantes bloquearam cruzamentos e calçadas de acesso ao centro de convenções onde aconteceria a abertura da reunião ministerial e aos hotéis vizinhos. A polícia respondeu aos protestos com gás lacrimogêneo, spray de pimenta, canhões de água e balas de borracha. Latas e caçambas de lixo foram incendiados e algumas ruas foram tomadas por barricadas.

Por volta das quatro e meia da tarde, o prefeito de Seattle, Paul Schell, declarou estado

de emergência e decretou toque de recolher para a região central da cidade das 19:00 às 7:30h do dia seguinte. A polícia usou bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo para expulsar os manifestantes da zona central restrita. Vários grupos resistiram até às 11 horas da noite, voltando a reunir-se às centenas e resistindo às investidas policiais. No dia seguinte, novas concentrações de manifestantes voltam às ruas sustentando confrontos até as duas da manhã do dia 2 de dezembro. No dia 3, quando muitos manifestantes já voltavam seus protestos contra a autoridade policial de Seattle, pedindo a liberação de presos e denunciando abusos da repressão, aproximadamente 600 pessoas tinham sido presas.

Segundo Whitney, na organização dos bloqueios pela DAN havia grupos de trabalho encarregados das tarefas logísticas: atendimento médico, alimentação, arte e propaganda, treinamento etc. Representantes desses grupos reuniam-se semanalmente em encontros abertos em que as decisões eram tomadas, constituindo um Coletivo de Organização. Outro grupo logístico chamado *scenario* trabalhava com mapas, dividindo a cidade em zonas e calculando riscos, com o objetivo de informar grupos vindos de fora da cidade, e decidia trajetos e locais de encontro de forma coordenada com outras equipes para que água, primeiros-socorros e outros cuidados fossem direcionados aos locais onde houvesse necessidade. O grupo *scenario* começou como grupo aberto, mas tornou-se fechado na semana anterior ao início dos protestos, ainda segundo Whitney, para evitar o tempo gasto explicando os planos aos novatos.

Havia também um galpão, em Capital Hill, zona residencial da cidade, que ficou conhecido como o Centro de Convergência, onde havia reuniões, treinamentos, atividades de formação e informação sobre a OMC, construção de bonecos e tripés³, além de espaço para

³ *Tripod*: dispositivo que deve permitir, com uma só pessoa, deter a circulação de automóveis em uma rua, mantendo a circulação de pedestres livre. Um tripé de vários metros de altura é armado para que uma pessoa se instale no topo, de maneira que é impossível mover o tripé sem que essa pessoa provavelmente se machuque.

alojamento. O galpão foi alugado pela DAN por 4 mil dólares Segundo Chris Ney (2000), coordenador da campanha pelo desarmamento da *War Resisters League*, em um artigo para a revista da mesma organização. Após Seattle, a expressão Centro de Convergência tornou-se sinônimo de um espaço amplo em que ativistas de vários grupos e indivíduos interessados poderiam livremente encontrar uns aos outros, receber informações de segurança, encontrar alimentação, possivelmente alojamento, locais para realizar atividades de debate ou preparação das ações, assim como um ambiente para avaliação, acolhida e “esfriamento” depois dos protestos.

As ações de bloqueio mostraram-se efetivas em atrapalhar a Ministerial. A cerimônia de abertura teve de ser atrasada enquanto delegados e convidados importantes como a então secretária de Estado Madaleine Allbright preferia permanecer em seus hotéis a arriscar-se umas poucas quadras até o centro de conferências. A Reunião Ministerial da OMC, como de costume, deveria ser um grande evento midiático sobre comércio internacional. O porte da ação direta nas ruas tinha como efeito mais imediato roubar a cena. Diante das câmeras das agências de notícias do mundo todo, a presença massiva de manifestantes na cidade, as articulações inauditas entre setores considerados como campos políticos independentes e a resistência física e psicológica dos manifestantes às cargas de gás lacrimogêneo e balas de borracha da polícia formaram primeiras e poderosas imagens de algo que começava a receber o nome de movimento anti-globalização.

Todo esse conjunto aparentemente caótico de ações e experiências, essa espécie de contra-teatro, por oposição ao teatro oficial da OMC, do desfile dos ministros e chefes de Estado, impressiona pelo altíssimo grau de intensidade de envolvimento, identificada por Sidney Tarrow como característica distintiva das “coalizões de evento”. Preocupado com a

duração e a persistência dessas coalizões nos termos de conquistas de objetivos, Tarrow termina não dando muita importância a essa intensidade dramática, considerando-a um traço ordinário (ainda que misterioso) de entusiasmo, comum a todos os movimentos sociais emergentes, aquilo que seus colegas italianos Donatella della Porta e Francesco Alberoni chamam de *statu nascendi* (TARROW, 2005, p. 178). No trabalho de Richard Schechner, no entanto, a intensidade é um dos traços das performances artísticas, rituais e mesmo políticas que constitui uma chave de entendimento das experiências sociais por meio de analogias dramáticas. No modelo de drama social de Victor Turner, poderíamos encontrar a mesma noção de intensidade na idéia de deslocamento dos sentidos ordinários produzida nos momentos de ruptura e crise. Se no teatro a intensidade tem a ver com uma técnica, nos protestos de rua de Seattle e no próprio conceito de ação direta que define a identidade da DAN essa intensidade pode ser pensada como uma tática.

Nos bloqueios organizados pela DAN não estavam previstas barricadas nem revide à ação da polícia. Em sua maioria sem nenhum tipo de proteção além de alguns acessórios domésticos como lenços embebidos água, os manifestantes expunham seus corpos bloqueando as ruas do centro da cidade à passagem do trânsito e das delegações da OMC. Uma das principais organizações responsáveis pelo treinamento de ativistas para a ação direta, The Ruckus Society, teoriza a respeito da natureza simbólica de suas práticas de rua numa perspectiva que Quinio e Losso definem como “de um pragmatismo bastante pronunciado”, que define em termos práticos o caráter performático dos protestos em seu aspecto de interação com um público:

the symbolism and conflict are communicated to the wider public, using the media. This symbolic treatment of the issue is, in fact, at the core of action strategy, and knowing this is key to understanding the tactic. When someone criticizes your idea for a direct action as “just symbolic”, remind him or her that all are. (THE RUCKUS SOCIETY, último acesso em novembro de

2007)

O simbolismo e o conflito são comunicados a um público mais amplo, usando a mídia. Esse tratamento simbólico da questão está, de fato, no núcleo da estratégia de ação, e saber disso é fundamental para entender a tática. Quando alguém criticar sua idéia para uma ação direta como sendo ‘apenas simbólica’, lembre-o/a que todas são.

Fundada em 1995 por um grupo de veteranos do Greenpeace para gerar ações contra o desmatamento na região noroeste dos Estados Unidos, a Ruckus tinha então 20 campos de treinamento no território estadunidense, onde, por meio de alianças com outras organizações e grupos, promove *workshops* teóricos sobre habilidades de organização de campanhas e preparação técnica em táticas de ação direta não-violenta. O princípio de não violência, na definição da Ruckus, remonta a Gandhi e Martin Luther King.

Em vez de buscar uma fazer uma arqueologia da filiação não-violenta, proponho notar quais foram as articulações desse conceito na medida em que ele se expressa em Seattle como princípio prático. A descrição de Jennifer Whithney, que participou do grupo de planejamento das ações, apresenta o envolvimento na ação direta como indissociável dos demais princípios considerados na preparação dos protestos: a lógica horizontalista e a forma flexível da convergência. O Centro de Convergência em Seattle, mais do que espaço de encontro, abrigava uma forma operacional de confluência bastante específica. No relato de Withney, a noção de horizontalidade da organização por meio dos chamados grupos de afinidade é ressaltada como fundamento da ampla adesão às ações de resistência à repressão policial, cujo centro articulador teria sido o galpão em Capital Hill.

We made decisions through a formal consensus process, with a few provisions built-in to prevent total collapse if the meetings were infiltrated by cops or other authoritarian trouble-makers, but we rarely (if ever) operated by anything other than consensus. The spokescouncil was comprised of affinity groups – groups of 5-15 people who plan actions together. Affinity groups were the fundamental unit of our actions; by organizing this way, power remained decentralized, no single person knew

the entire plan (or even half of it). Many affinity groups linked up and formed a larger network, or “cluster”, in order to take on a more ambitious project, or to take over an entire section of town themselves. During the spokescouncil meetings, affinity group spokespeople committed to occupy and hold particular intersections, or to provide support to others. In this way, thousands of people in hundreds of affinity groups filled in our giant map on the wall, until we had commitments from everyone to completely blockade the site of the opening ceremonies. We heavily encouraged each affinity group to be autonomous – to provide basic legal, medical, communications, and any other support for themselves, not to mention to plan their own action. Being organized in this way left things pretty spontaneous and organic, and completely autonomous. No centralized leadership could have compelled people to hold their blockades while they were being tear-gassed and beaten, but because each group had made its own plan, there was a sense of ownership of the action, which deepened everyone’s commitment and endurance. (DISSENT, 2005, p.21-22)

Tomamos decisões por um processo formal de consenso, com algumas precauções para evitar um colapso se as reuniões fossem infiltradas por policiais ou encrenqueiros autoritários, mas raramente, se alguma vez aconteceu, operamos senão por consenso. O conselho de porta-vozes (*Spokescouncil*) era constituído por grupos de afinidade – grupos de 5 a 15 pessoas que planejam ações juntas. Os grupos de afinidade eram a unidade fundamental das nossas ações; organizando dessa forma o poder continuava descentralizado, nenhuma pessoa sozinha conhecia o plano todo (ou nem metade dele). Muitos grupos de afinidade se ligaram e formaram uma rede maior, ou “cluster”, para assumir um projeto mais ambicioso ou para tomar eles mesmos uma zona inteira da cidade. Durante as reuniões do conselho, porta-vozes de cada grupo de afinidade se comprometeram a ocupar e manter um cruzamento em particular, ou dar apoio a outros. Dessa forma, milhares de pessoas em centenas de grupos de afinidade preencheram nosso mapa gigante na parede, até que tivéssemos compromissos de todos para bloquear completamente o local da cerimônia de abertura. Encorajávamos pesadamente que cada grupo de afinidade fosse autônomo, que provesse comunicação, apoio legal e médico básicos e qualquer outro apoio por si mesmo. (...) Nenhuma liderança centralizada poderia ter compelido as pessoas a segurar os bloqueios quando estavam sendo atingidas por gás e apanhando, mas, porque cada grupo tinha feito seu próprio plano, havia um sentido de pertencimento da ação que aprofundou o compromisso e a resistência de todos

Questionando mais a fundo a natureza da intensidade de envolvimento num curto prazo de tempo, nota-se que essas práticas formam um conjunto consistente, cuja expressão poderá ser analisada mais detalhadamente no Capítulo 2.

Seattle foi o momento da aparição midiática de outra imagem importante do movimento anti-globalização. Grupos de manifestantes vestidos de negro da cabeça aos pés

foram identificados como responsáveis pelo incêndio de latas de lixo, barricadas e pela destruição de vitrines, muitas vezes recriminada por outros manifestantes, que clamavam por “não-violência”. Esses grupos, a partir de então, ficaram conhecidos como Black Blocks, os Blocos Negros. Na maioria jovens brancos, quase sempre encapuzados e com os rostos cobertos, quase sempre responsabilizados pela dose “violenta” dos protestos, muitas vezes auto-proclamados anarquistas, muitas vezes chamados de anarquistas por outros, ostensivamente distintos do resto dos manifestantes e ostensivamente polêmicos, tal como os grupos que nas manifestações brasileiras nos acostumamos a designar como “os *punks*”. As tensões entre esses grupos e as demais organizações e coalizões interessadas em ocupar o espaço das ruas em Seattle são indicadas na fala de Nadine Bloch, ativista integrante da DAN e membro da Ruckus Society, numa das entrevistas organizadas pelo WTO History Project.

One of the big issues coming out of Seattle, then we had to deal with it head on in April⁴, was the issue of the Black Block, and property destruction is violence, and that whole thing. We were pretty effective and pretty clear here in D.C. that we did not want to get into that discussion, we were not going to make decisions about tactics, other than we were calling for a non-violent demonstration, and we very clearly asked people who were not going to be non-violent to do something else, another day or somewhere else.

Uma das grandes questões resultantes de Seattle, e que então tínhamos que enfrentar em abril (ver nota), era a questão do Bloco Negro e da destruição de propriedade ser violência e toda aquela coisa. Fomos muito claros e pontuais, aqui em [Washington] D.C., em que não queríamos entrar naquela discussão, não tomaríamos decisões sobre tática além da de que estávamos convocando para uma manifestação não-violenta, e pedimos claramente às pessoas que não seriam não-violentas que fizessem outra coisa, num outro dia, em outro lugar.

Nadine, referindo-se a uma manifestação organizada nos meses seguintes aos protestos de Seattle, sugere que, do ponto de vista da DAN, a tática é algo que se realiza a partir de disposições dadas, e não algo a ser discutido entre grupos com pontos de vista divergentes. A natureza do processo de tomada de decisão no interior da coalizão corresponde a este ponto de

⁴ Abril de 2000, data de protestos em Washington, DC, contra a reunião do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

vista. No exemplo, trata-se da discussão sobre se a ação dos Black Blocks consiste em destruição de propriedade e/ou violência. A decisão de utilizar a forma “não-violenta” é constitutiva da coalizão, o que não for “não-violência” deve claramente encontrar sua própria forma, tempo e espaço. Fica implícito na fala de Nadine que não haveria, portanto, uma intenção de controle ou convencimento sobre uma forma tática mais acertada (aparentemente desde que um grupo não interfira no espaço/tempo da ação do outro).

Essa postura é para a DAN uma garantia. Não entrando na discussão sobre se violência e destruição de propriedade são a mesma coisa, evita-se definir a tática da não-violência por oposição explícita à prática constitutiva dos Blocos Negros. Em outro trecho da entrevista, Nadine se refere à interação da DAN com os sindicatos.

We met, for example, we met with some of the high-ups in the labor unions when we were starting to organize April, and we didn't beg them to be part of it. We just said there will be room to be included in this, and if you get on board now, your agenda could be one of the big agendas. But otherwise, you know, this is going to be the biggest thing happening in town, and you're either on it or you're not.

Nos reunimos, por exemplo, nos reunimos com algumas das lideranças dos sindicatos quando começávamos a organizar abril e não imploramos que eles participassem da manifestação. Dissemos apenas que haveria espaço para que eles fossem incluídos e que se embarcassem nessa naquele momento a agenda deles poderia ser uma das grandes agendas. Mas, do contrário, sabe, esse será o maior acontecimento da cidade e ou você está dentro ou não está.

Aqui se introduz um aspecto novo. A disputa entre agendas políticas, subentendida no interesse dos sindicatos, é deslocada para as ruas, onde a agilidade de uma coalizão de pequenos grupos autônomos pode ser mais eficaz em seu “impacto simbólico” (nos termos da Ruckus Society) do que a forma estruturada das grandes organizações ou das grandes identidades. A julgar pela colocação de Nadine, podemos pensar a DAN como um ator que busca uma posição “dominante” nas ações de rua.

Algumas considerações podem ser feitas sobre a natureza dessa posição. Primeiro ressaltar que ela se constrói por duas ou três operações de diferenciação. A primeira é a forma dita horizontal, com os grupos de afinidade e os conselhos de porta-vozes, que distinguem a DAN das organizações hierárquicas e de estrutura centralizadora, sindicatos e grandes ONGs. A segunda, que tem dois aspectos, é a prática da ação direta não-violenta. Pela ação direta, diferencia-se a forma de atuação da DAN das estratégias de lobby e negociações formais do âmbito oficial, assim como dos protestos tradicionais do tipo passeatas, exposições de slogans e discursos, e a ação não-violenta a diferencia fundamentalmente da destruição de propriedade praticada pelo Black Block.

Apesar da importância dessas diferenciações, a coalizão, como afirma Nadine, se constitui também na medida em que recusa uma definição universalista da tática. Essa discussão implicaria uma crescente polarização que ameaça um terceiro fundamento da DAN: uma convocatória irrestrita a um dia de ação global. Ainda na fala de Nadine:

One of the big successes is that we organized around a day of action. It wasn't something that dictated people's slogans or their agendas. So everyone could come to town, come to Seattle, or come to D.C., with their particular banner and be included under this big umbrella. And the umbrella was the shut-down action for the day. It's no business as usual today whether or not you wanted to see the thing disappear forever or whether you wanted to reform it. And that's a big lesson.

Uma dos grandes acertos foi que nos organizamos em torno de um dia de ação. Não era algo que ditasse os *slogans* ou as agendas deles. Assim, todo mundo podia vir à cidade, vir a Seattle, ou vir a [Washington] D.C., com seu cartaz específico e ser incluído sob esse grande guarda-chuva. E o guarda-chuva era a ação de paralisação do dia. Não é aquele negócio de costume, se você quer que a coisa desapareça para sempre ou se você quer reformá-la. Essa é uma grande lição.

O Dia de Ação Global foi a forma pela qual essas operações de diferenciação tão comuns às histórias da política, permaneceram imersas numa indiferenciação significativa que permite arranjos inesperados em que caminhoneiros e tartarugas, gandhianos e jovens

atiradores de pedras aparecem como parte de um mesmo movimento.

1.3. Praga, 2000

A diversidade de ações simultâneas foi uma prática reafirmada em Praga nos protestos contra a reunião do FMI e do Banco Mundial em 2000. Uma “entrevista com participante da Ação Global dos Povos” (LUDD, 2002, p. 123), traduzida do francês, conta que o grupo que havia organizado manifestações locais, atendendo à convocatória dos dias de ação global de 1998 e 1999, ampliou-se com a notícia da realização da reunião na cidade, dando origem à INPEG, Iniciativa Contra a Globalização Econômica. Os grupos integrantes da INPEG estavam de acordo sobre tentar bloquear o encontro e lançaram, por intermédio da AGP, o chamado de um dia de ação global para 26 de setembro. Estavam de acordo também sobre a forma de organização segundo o “modelo de Seattle”.

A INPEG havia decidido tentar retomar o modelo de organização de Seattle, quer dizer, de maneira não hierárquica, por grupos de afinidades, com os porta-vozes que se coordenam, etc. (...) Os grupos de afinidade funcionaram extremamente bem, as pessoas eram organizadas por tarefas específicas: transmitir as comunicações, escolher os vídeos, dar os primeiros-socorros após os gases, bloquear uma zona específica, etc. (LUDD, 2002, p. 1240)

A INPEG organizou também um centro de convergência na periferia da cidade. Nos encontros preparatórios, grupos de diferentes regiões da Europa (segundo a mesma entrevista, mais de mil pessoas da Grécia, a mesma quantidade da Itália, quinhentas da França, milhares de outras da Inglaterra, Espanha, Alemanha, Finlândia e de outros países do leste) e dos Estados Unidos planejaram sitiar o centro de conferências bloqueando a saída de delegados. Outras organizações, como sindicatos e a coalizão Jubileu 2000 pelo cancelamento da dívida

externa dos países da África, Ásia e América Latina, não participaram organizadamente dos bloqueios e realizaram encontros e debates nos dias anteriores, reunindo aproximadamente cinco mil pessoas.

Boris Kagarlitsky, um jornalista, ensaísta e militante socialista russo, cujo relato faz parte dos arquivos da AGP na Internet e do livro *Confronting Capitalism*, de Yuen, Burton-Rose e Katsiaficas, comenta a relação entre os integrantes desses grupos, ONGs e os ativistas reunidos em torno da INPEG.

The more established NGOs are conducting their seminars under the aegis of Bankwatch, which monitors the actions of the international banks. Some of the participants are turning up in ties. People constantly stress their professionalism, and call for discussions with the heads of the IMF and the World Bank. More radical groups have united around the Initiative Against Economic Globalisation. Here the atmosphere is quite different, with men in torn jeans and women with tattoos. Each group regards the other ironically. Nevertheless, they stress: we have common goals and we are not going to quarrel. (YUEN; BURTON-ROSE; KATSIAFICAS, 2004, p. 87)

As ONGs mais estabelecidas conduzem seus seminários sob a égide do Bankwatch, que monitora as atividades de bancos internacionais. Alguns dos participantes aparecem de gravata. As pessoas ressaltam constantemente seu profissionalismo e convocam reuniões com os diretores do FMI e do Banco Mundial. Grupos mais radicais uniram-se em torno da Iniciativa Contra a Globalização Econômica (a INPEG). Aqui, a atmosfera é bem diferente, com homens vestindo *jeans* rasgados e mulheres tatuadas. O Centro de Convergência, onde se reuniu o pessoal ligado às atividades do INPEG. Cada grupo toma o outro com ironia. Ainda assim, afirmam: temos objetivos comuns e não vamos bater boca.

Há múltiplas diferenças entre esses dois grupos, como sugere Kagarlitsky. No entanto, elas são sintetizadas em termos de táticas. Enquanto as organizações envolvidas no Bankwatch se envolvem em atividades de monitoramento, diálogo e debate, os “mais radicais” estão tratando de coordenar seu engajamento na intensidade, ainda que temporária, da tática de ação direta. No dia 26, estando de acordo em fazer o bloqueio, os grupos organizados em torno da INPEG não tinham acordo sobre uma só forma de fazê-lo.

Segundo o relato de Chrispiniano sobre as manifestações na capital checa (2002, p. 69), a partir de um acordo de que haveria três marchas, a primeira proposta foi de dividir os grupos ideologicamente: negro para anarquistas, vermelho para socialistas e verde para ambientalistas e “hippies” (termo pejorativo para designar os mais pacíficos). Acabou permanecendo uma divisão em cores relativamente mais neutras, atribuídas a uma divisão baseada pelo que chamei no caso de Seattle de práticas constitutivas. Pelo norte, o Bloco Amarelo fazia uma investida ao estilo dos Tute Bianche italianos, usando armaduras de papelão e espuma. Admitiam confrontação com a polícia: direta, porém defensiva. Seu propósito era fechar o acesso de uma ponte e suportar a repressão policial durante o maior tempo possível. O Bloco Azul, que viria pelo oeste, reunia os *blackblockers*, cuja composição vou comentar mais adiante. Como em Seattle, os Black Blocks de Praga destruiriam os símbolos do capitalismo, mas dessa vez tinham o local da reunião do FMI como referência e vinham preparados para confrontos diretos com a polícia, inclusive armados com coquetéis molotov. O grupo rosa-prateado, que voltará a análise no Capítulo 3, vinha pelo sul, com fantasias e adereços. Rumava para a zona interdita dançando atrás de uma “samba band” (NOTES FROM NOWHERE, 2003, p. 290). Realizou-se uma quarta marcha, dita vermelha ou rosa, que reuniu grupos políticos socialistas e organizações sindicais, sobre a qual não encontrei nenhum relato, apenas uma referência a uma marcha conduzida pelo Socialist Workers Party inglês.

No *Diário de Praga*, de B. Kagarlitsky, há um comentário que indica ainda outras definições sobre o “temperamento” constitutivo dos blocos:

Each column had its own national and political peculiarities. Those who were mainly looking for a fight finished up in the “blue” column. In the “yellow” column were the most disciplined and organized elements; including most left political group members. The Italian activists looked extremely threatening, but when they clashed with police, they broke off the

engagement relatively quickly. On the bridge, however, they made the necessary impression on the enemy. The “pinks” seemed the most inoffensive, even absurd, but behind this were cunning and persistence. It was no accident that the dominant forces here were the Czechs and British. It was they who decided what the day’s outcome would be. (YUEN; BURTON-ROSE; KATSIAFICAS, 2004, p. 98)

Cada coluna tinha suas peculiaridades nacionais e políticas. Os que estavam principalmente procurando briga ficaram na coluna “azul”. Na coluna “amarela” estavam os elementos mais disciplinados e organizados; inclusive a maioria dos membros de grupos políticos de esquerda. Os militantes italianos pareciam extremamente ameaçadores, mas quando entraram em confronto com a polícia, interromperam a briga de modo relativamente rápido. Na ponte, porém, causaram a impressão necessária no inimigo. Os “cor-de-rosa” pareciam os mais inofensivos, absurdos até, mas por trás disso estavam a artimanha e a persistência. Não por acaso as forças predominantes aqui eram os checos e os britânicos. Foram eles que decidiram qual seria o desfecho do dia.

Os bloqueios tiveram sucesso em sua intenção de isolar os delegados do FMI e do Banco Mundial dentro da zona interdita. O Bloco Amarelo manteve sua posição na ponte, enquanto os azuis desviavam a atenção da polícia e o Bloco Rosa bloqueava as saídas do centro de convenções. No dia seguinte, muitos delegados não deixaram os hotéis, apreensivos com a agitação das ruas⁵. No terceiro dia, a reunião foi suspensa antes do previsto e a cerimônia de encerramento cancelada, assim como a última coletiva de imprensa oficial.

Em Seattle e Praga, a construção de uma frente de ação simultânea envolveu tanto a articulação entre grupos pré-existentes quanto a formação de novos grupos *ad hoc* ou

⁵ Ainda do relato de Kagarlitsky, uma amostra de um *memorandum* aos participantes da reunião do FMI e Banco Mundial:

- Do not wear your Annual Meetings ID badge in public.
- Be prepared to display your Annual Meetings ID badge at police check points or when entering the Prague Conference Centre (PCC), and wear it at all times in the PCC and at official Annual Meetings events.
- Do not take taxis on the street – ask the hotel or restaurant to call one for you.
- Avoid demonstration sites – leave in the opposite direction if one is encountered.
- Do not engage in debates with demonstrators – take leaflets or brochures without comment.
- If obstructed by demonstrators, do not try to force your way through, seek help from the nearest police officer.
- You are advised not to display jewellery, or wear ostentatious clothing such as furs.

- Não use seu crachá identificador dos Encontros Anuais em público.
- Esteja preparado para mostrar seu crachá identificador dos Encontros Anuais nos pontos de checagem policial ou ao entrar no Centro de Conferências de Praga (CCP), e use-o o tempo todo no CCP e nos eventos oficiais dos Encontros Anuais.
- Não pegue táxis na rua – peça ao hotel ou restaurante que chame um para você.
- Evite locais de manifestação – saia na direção oposta se encontrar uma.
- Não entre em discussão com manifestantes – pegue folhetos e panfletos sem comentar.
- Se for obstruído por manifestantes, não tente forçar a passagem, procure a ajuda do policial mais próximo.
- Aconselhamos você a não expor jóias ou vestir roupas ostensivas, como peles.

permanentes, que permitissem, além da mobilização das pessoas que tinham experiências duradouras no ativismo, a participação em algum grau de pessoas que pela primeira vez, individualmente ou em grupos muito pequenos, participavam de ações políticas de rua. As cores de Praga facilitaram a ação conjunta entre grupos de identidades distintas e a adesão individual ou de grupos pequenos e temporários a uma ação de rua de maior porte. Nenhum dos grupos que participaram dessas convergências poderia isoladamente ter produzido impacto equivalente ao da ação simultânea coordenada. Essa descentralização não apenas reforça, como afirma Whitney, o sentimento de propriedade compartilhada da ação, mas confere peso a grupos menores e menos estruturados (tome-se o exemplo dos Black Blocks) na definição da forma e do curso da ação.

Como já afirmei, os centros de convergência e os conselhos de porta-vozes não reuniam toda a chamada sociedade civil presente em Seattle ou em Praga. Serviram nessas ocasiões para abrigar principalmente organizações e coletivos pequenos em torno de um conjunto de práticas determinadas de autogestão, da organização de centros de comunicação independentes, logísticas de apoio e processos ditos horizontais de tomada de decisão, tudo isso articulado pela proposta de produzir ações diretas simultâneas e coordenadas em algum grau, concebidas como performance de uma coreografia dramática para impedir ou dificultar a realização prevista da cúpula oficial em questão.

1.4. Gênova, 2001

Menos de um ano depois, em Gênova, por ocasião da reunião do G8 em 2001, o Fórum Social de Gênova (FSG) foi constituído não apenas como espaço de coordenação de

rua, comunicação, apoio logístico e legal, mas também como articulador de espaços de debate e agendas políticas, abertamente referido ao Fórum Social Mundial de Porto Alegre, que acontecera em janeiro do mesmo ano.

O FSG foi responsável pela organização de um Centro de Convergência, no Piazzale Kennedy, uma área asfaltada para feiras e exposições à beira-mar, onde havia um grande palco para shows, tendas de lona branca que alojavam postos de informação, estandes das organizações maiores, trailers vendendo sanduíches e mesas para refeições. O escritório do FSG ficava a uma breve caminhada dali, instalado em um complexo de dois ou três prédios de escolas públicas, conhecidos como Escola Diaz, onde funcionavam os coletivos de comunicação, apoio legal e médico e alojamentos.

Em Gênova, o desenho proposto para buscar harmonizar a valorizada pluralidade foi, como em Praga, composto por manifestações simultâneas distintas: cada uma dirigida a um ponto diferente da fronteira da zona interdita. Com isso supunha-se que seria possível dar liberdade aos grupos para expressar suas agendas. Ao mesmo tempo o desenho completo seria de um dia de assédio à zona vermelha e de uma possível inversão lógica: não eram os manifestantes que estavam excluídos, mas os chefes de estado é que estavam cercados.

As jornadas de Gênova são apontadas por diferentes autores-ativistas como um “ponto de virada” para o movimento anti-globalização. Em primeiro lugar, o número de manifestantes, mais de duzentos mil, era inédito em um protesto associado ao rótulo anti-globalização. Mas a evidência dos limites dos protestos contra-cúpula, em particular dos limites do seu desenho pluralista ante uma tática abertamente violenta de controle por parte da polícia, terá sido certamente importante nessa percepção. Segundo Silvia Federici e George Caffentzis, ativistas acadêmicos envolvidos em projetos conjuntos com universidades

africanas, a tentativa de implementação tática do lema “um não e muitos sins” (ou seja “concordamos em rejeitar a globalização capitalista sem estarmos de acordo de antemão sobre como fazê-lo e quais as alternativas possíveis”) resultou problemática.

Segundo Christophe Aguiton, ex-sindicalista da centra SUD francesa, militante da IV Internacional e então membro da Attac-França, o propósito da constituição de um marco unitário em Gênova era integrar simbolicamente diferentes formas de manifestação e discursos, “passeatas totalmente pacíficas enquanto outros praticavam uma ‘violência simbólica’”.

O Fórum Social de Gênova foi constituído como espaço de convergência, a partir do que Aguiton chama uma “genealogia altermundialista”. Essa genealogia, traçada por meio de encontros e reuniões em várias partes do mundo, não aparece, segundo o autor, como causa das manifestações de rua, mas como determinante de uma “rede de confiança e de solidariedade militante entre os responsáveis pelos movimentos sociais e militantes de diferentes continentes” (AGUITON, 2002, p. 202). Ainda nas palavras do mesmo autor, a aliança unitária deveria possibilitar uma forma de *representação da “esmagadora maioria dos manifestantes”*. Diferentemente dos porta-vozes dos grupos de afinidade de Seattle, os porta-vozes do FSG não eram publicamente os responsáveis apenas pela articulação entre grupos participantes dos protestos e debates, mas também por manter uma abertura de comunicação entre este marco unitário, a grande imprensa e o poder público, em particular o governo local de Gênova.

Christophe Aguiton constata que a criação de um quadro unitário tem como reverso justamente a “dificuldade de ‘administar’ relações” com aqueles que permanecem externos à unidade. No caso de Gênova, ficam de fora do FSG, de um lado, a grande imprensa e o poder

público, e de outro os chamados componentes ditos mais radicais, notadamente o Bloco Desobediente (referido também como Tute Bianche) e o chamado Black Block.

O Bloco Desobediente nasceu em Gênova, da fusão de diferentes grupos, entre os quais os Tute Bianche propriamente ditos, “descendentes” do movimento dos centros sociais italianos dos anos 70 e 80, a Rete No Global, rede de “antagonismo social” e desobediência civil do sul da Itália⁶, e os Giovani Comunisti, juventude organizada do Partido da Refundação Comunista, unidos por adotar a desobediência civil como expressão comum. Como gesto simbólico dessa aliança mais ampla, os Tute Bianche abriram mão de utilizar os macacões brancos que os nomeavam. Reunidos no estádio Carlini, que funcionava como um centro de convergência (preparação do protesto, assembleias, debates), anunciaram publicamente a resolução de não respeitar o limite da zona vermelha e entrar, não usando violência ofensiva, mas preparando-se para resistir à força policial, nos moldes do Bloco Amarelo de Praga.

Em Gênova não havia cores para cada marcha, mas as referências rosa-prateado e Black Block se mantiveram. Havia muito mais gente nas ruas do que em Praga. Segundo diferentes relatos, houve de cinco a sete marchas no dia do cerco à zona vermelha (“o muro”), compostas segundo afinidades políticas e graus de confrontação planejados. O trecho abaixo, de uma mensagem eletrônica da lista de discussão da ATTAC Madrid, é a descrição mais detalhada que localizei até o momento das diferentes marchas do dia 20 de julho e anuncia uma atmosfera conflituosa e a particular tensão causada pela figura do Black Block:

Básicamente, no habría ese día una sólo marcha sino varias, para dar expresión a las distintas estrategias de desobediencia civil y lugar a que las distintas organizaciones ocuparan sus respectivos espacios. Desconozco el proceso previo de discusión de todo esto, si no fue posible llegar a una gran

⁶ Formada em março de 2001 por ocasião de protestos contra o terceiro Fórum Global sobre Informática e Gestão Pública, em Nápoles, em que se registraram violentos confrontos com a polícia.

acción conjunta o si desde el principio se pensó en esta posibilidad.

Así, ATTAC, Global Resistance y otras organizaciones (no encuentro la lista por ningún lado) se concentrarían (nos concentraríamos) entre Piazza Sarzano y Piazza Dante. Esta era la única manifestación que había declarado que no tenía intención de entrar en la zona roja. Iría hasta el muro y allí habría una manifestación festiva. Los Tutti Bianchi [*sic*] se concentrarían al final de la vía XX Settembre.

No conozco bien la historia previa de los Tutti Bianchi (seguro que alguien de la lista podrá ayudar). Por lo que sé, llevan una primera línea muy pertrechada, vestida con elementos de protección que avanza muy junta (en este caso hacia la zona roja) y de forma no violenta aguantando las cargas de la policía mientras por detrás transcurre el resto de la manifestación. El nombre viene de que van vestidos con monos blancos. Por otro lado, la “Marcha Rosa”, a la que acudiría buena parte de la representación del Estado Español, se manifestaría en otra de las zonas. En ésta última había una división entre “Marcha Rosa Plateada” (MRP) y “Marcha Rosa Rosa” (MRR), en función de diferentes opiniones sobre cómo responder a la policía si había una carga violenta: la MRR pretendía o bien abandonar la zona retirándose un poco o bien acostarse en el suelo, levantar las manos gritando no violencia, (...) mientras la MRP pretendía responder a la violencia de la policía. Los Sindicatos italianos de base irían por el Oeste. Del Black Block no se sabía nada, sólo que iban a actuar: ellos sencillamente van por su lado, no acuden a las asambleas, ni participan en ninguna forma, simplemente garantizan una efectiva acción policial”. (ATTAC MADRID, 2001, comunicação pessoal)

Essa escolha tática buscava em Gênova, assim como em Seattle, expressar a “vontade de unidade” de que fala Aguiton. Ela supõe que existem formas diversas de confrontar o poder e que elas podem coexistir e possivelmente potencializar umas às outras. Mas também, tendo como referência protestos anteriores como Seattle e Praga, a separação das diferentes marchas em Gênova, no grande dia do assédio à zona interdita, baseou-se na idéia de graus diferentes de confronto com a polícia. As organizações fizeram previsões e agruparam-se também segundo esse critério e aos indivíduos seria possível escolher, acompanhando um grupo ou outro, o grau de confronto desejado. Os diferentes blocos supunham níveis diferentes de contato com a força policial, supondo também que a polícia identificaria essa diferenciação e modularia sua resposta a indivíduos ou grupos de acordo com suas escolhas táticas diferenciadas.

Em dois relatos de participação na preparação e ações do Bloco Rosa-prateado, tanto Leyla Dahkli francesa de ascendência argelina e agitadora da coalizão AARRG! - Aprendizes Agitadores por uma Rede de Resistência Global! (AARRG, 2001), quanto Linden Farrer, antropóloga britânica ligada à Ação Global dos Povos, afirmam que o Bloco Rosa-prateado estabeleceu em Gênova uma boa relação com a coordenação do GSF e com os demais grupos.

Segundo Farrer,:

During the planning stages, representatives from other groups came to invite Pink Silver to join the Cobas workers march, join the pacifists in their symbolic blockade of the G8 and even to form a colourful section of the Black Block! Thus, the influence that Pink Silver had was due not only to its colourful, noisy and vibrant nature, but because of the links it had with other groups. (FARRER, 2002)

Ao longo das fases de planejamento, representantes de outros grupos vieram convidar o Cor-de-rosa Prateado a aderir à marcha de trabalhadores da Cobas (sindicatos), aderir aos pacifistas no bloqueio simbólico ao G8 e até mesmo a formar um setor colorido do Bloco Negro! Portanto, a influência que teve o Cor-de-rosa Prateado deveu-se não só a sua natureza colorida, barulhenta e vibrante, mas às ligações que tinha com outros grupos.

A “natureza colorida, vibrante e barulhenta” e as relações aparentemente fáceis com outros grupos certamente não são fatores completamente independentes como pode dar a entender o texto de Farrer. Ela atribui as boas relações à dissimulação, pela aparência festiva, de uma vocação anarquista. Aquilo que ela entende como uma espécie de ocultamento da natureza radical é o que garantiria o diálogo com organizações mais estruturadas e hierárquicas ou com grupos socialistas.

Essa interpretação de Farrer parece querer “resolver” uma provável ambigüidade do Bloco Rosa-prateado. Em outro ponto de seu texto, comenta que a tensão em torno do “problema da violência” chega a se reproduzir no interior do grupo, separando uma tendência rosa-rosa, avessa a qualquer hipótese de sustentar confronto com a polícia, de uma tendência rosa-prateada, que admitia que desobedecer o limite da zona vermelha implicaria algum grau

violência. Essa divisão, segundo ela, correspondia a um certo recorte geográfico: os rosa-rosa eram em sua maioria estadunidenses e israelenses, enquanto os rosa-prateado vinham de diferentes partes da Europa. Essa contradição teria sido resolvida num acordo que garantia a cada um dos grupos a possibilidade de posicionar-se com autonomia caso ameaçados pela violência da polícia.

Segundo Leyla, o bloco estava preparado para violar zona vermelha. No dia 20 de julho, saiu às ruas munido de cordas para derrubar as grades do “muro da vergonha”. Essa disposição, assim como a tensão entre diferentes posições dentro do bloco, não me parece ter sido dissimulada, na medida em que chega a ser mencionada na comunicação da ATTAC (organização central no FSG). O mais provável é que, pela diversidade interna da composição, mesmo que muitas vezes contraditória, e por outros aspectos simbólicos que serão abordados no Capítulo 3, os *pinks* tenham sido os que melhor souberam antever e evitar polarizações insustentáveis.

O quadro de violência policial generalizada, e sem precedentes na história anterior das contra-cúpulas - prisões em massa, desaparecimentos, espancamentos e tortura - que culminou com a morte de Giuliani e a invasão da Escola Diaz resultou numa explosão pública de críticas entre os grupos ativistas que contrapunham posições no movimento e buscavam marcar limites na multiplicidade de táticas até então celebrada. Silvia Federici e George Caffentzis, ambos ativistas e autores de estudos sobre globalização e resistências na África e América Latina, fazem um resumo dessas críticas em seu artigo intitulado “Genova and the Antiglobalization Movement” (YUEN; BURTON-ROSE; KATSIAFICAS, 2004, p. 142-153).

Ao FSG, as críticas atribuíam a culpa de uma confiança excessiva nas negociações

com governos e de haverem subestimado uma tendência crescente à repressão violenta das manifestações anti-globalização, já indicada em episódios anteriores na América do Norte, furtando-se de advertir e preparar os manifestantes para possíveis confrontações. Além disso, o posicionamento público do FSG como representante de uma unidade que no curso da ação se mostrou demasiado precária também teria contribuído para manter boa parte das pessoas que foram a Gênova despreparadas para o perigo que corriam.

Quanto aos Desobedientes, foram considerados culpados pela insistência em entrar na Zona Vermelha quando estava evidente que fazê-lo pela não violência teria um custo altíssimo, considerado inaceitável. Por outro lado, segundo os autores, seu gesto dramático de confronto foi criticado por não ser uma boa forma de gerar solidariedade na população italiana e soar como desaforo entre grupos sociais para quem o confronto com a polícia é histórico e cotidiano, como os grupos de imigrantes que foram protagonistas de uma grande manifestação em Gênova no dia 19 de julho.

Contudo nenhum grupo foi tão central às polêmicas divisionistas como o chamado Black Block. A construção midiática do movimento anti-globalização, especialmente na medida em que constitui um imaginário de confrontação, contou desde Seattle com o gestual dos Blocos Negros, mas estes se mantiveram, menos em Praga e mais em Gênova, numa posição no mínimo polêmica com relação à convergência dos diferentes segundo a lógica do Dia de Ação Global.

A crítica, comum entre os demais ativistas, é que a tática dos Black Blocks, além de isolá-los do quadro unitário, tornara-os presa fácil da instrumentalização pela polícia. A violência e o vandalismo atribuídos ao Bloco Negro teriam servido como justificativa para que a polícia atacasse o conjunto dos manifestantes e, de certa forma, não correspondesse à

ensaiada expressão de pluralismo do movimento anti-globalização. Beligerantes e ágeis, os *blackblockers* pareciam atrair a polícia para o meio das manifestações consideradas pacíficas e desaparecer pelas esquinas enquanto os pacíficos atônitos viam cair sobre si as bombas e cacetetes.

Nas ruas, não houve a esperada gradação de confronto. Em vez de reprimir os mais “agressivos” e deixar passar os pacíficos, a polícia em Gênova espancou e prendeu mais ativistas de ONGs, feministas, ambientalistas e Tute Bianche do que *blackblockers*. De parte das forças da ordem, essa forma não foi atribuída a nenhum lapso dos policiais, mas apresentada como indicador da culpabilidade do conjunto dos manifestantes tal como expressada pelo Primeiro Ministro italiano na conclusão da reunião do G8:

Berlusconi ha affermato di non essere stato avvertito durante la cena di ieri sera, ma di aver ricevuto questa mattina “una telefonata dal ministro dell’interno Scajola, il quale mi ha riferito il ritrovamento di armi improprie all’interno del Genoa Social Forum e la individuazione di 70 persone appartenenti alle squadre violente che si erano occultate con la connivenza degli esponenti del Gsf all’interno dello stesso Gsf”. “Quindi” – ha aggiunto il premier – “la notizia mi è stata data come tendente a chiarire che non c’era una distinzione tra coloro che hanno operato la violenza e la guerriglia e gli esponenti del Gsf, che anzi avrebbero favorito e coperto questa loro presenza”. (LA REPPUBLICA, 22 de julho de 2001)

Berlusconi afirmou não ter sido advertido (da ação policial na escola Diaz) durante o jantar da noite de ontem, mas ter recebido nesta manhã “um telefonema do Ministro do Interior Scajola, que me reportou terem sido encontradas armas impróprias dentro do Fórum Social de Gênova e a identificação de 70 pessoas pertencentes a grupos violentos que tinham se escondido com a conivência dos expoentes do FSG dentro do próprio FSG”. “Portanto” – acrescentou o premiê – “a notícia me foi dada como esclarecedora de que não havia distinção entre aqueles que utilizaram a violência e a guerrilha e os expoentes do FSG, que, antes, teriam favorecido e dado cobertura a esta presença”.

A afirmação do primeiro ministro mantém alguma diferenciação entre os grupos: o FSG e “os violentos”, acusando os primeiros de cooperação. Essa divisão, também fomentada pelas trocas de acusações do lado dos manifestantes, torna-se assim um perigo para o conjunto

do movimento, mesmo que para alguns separar “o joio do trigo” seja entendido como uma forma de segurança. Buscando escapar da esfera das acusações dos membros do FSG, dos Desobedientes ou dos Black Blocks, Federici e Caffentzis procuram centrar sua avaliação no que descrevem como um “quadro de falência” da tática pluralista de Seattle (YUEN; BURTON-ROSE; KATSIAFICAS, 2004, p. 150). Atribuem essa falência à combinação entre o aumento da repressão e o desgaste interno das coalizões formadas em torno dos eventos de protesto. “The globalizers are learning”, “os globalizadores estão aprendendo”, afirmam, “the goal of antiglobalization demos must be rethought”, “os objetivos das manifestações antiglobalização devem ser repensados”. Para concluir este capítulo, proponho que pensemos como a contradição entre “violência” e “não-violência” se polariza nesse quadro de desgaste tático, para que possamos no Capítulo 2 buscar entender melhor os significados que essa tensão articula.

1.5. O “problema da violência”

Em suas considerações sobre os “novos atores da mudança”, Christophe Aguiton destaca alguns problemas ou contradições que se colocam para o conjunto dos grupos anti/alter-globalização: “O primeiro desses problemas é o que há de mais clássico, a tensão entre radicalidade e construção da relação de força de um lado e negociações do outro”. E destaca que a novidade de Seattle ou Praga foi ter reabilitado a idéia de que a relação de força é necessária (AGUITON, 2002, p. 93). Considero essa constatação importante para ressaltar que o imaginário anti-globalização, enquanto imaginário de protesto, se constitui em grande medida em torno de imagens de confronto com a força policial. A construção do movimento anti-globalização, alimentou-se de imagens de confrontos de rua, produzidas pelas táticas do

tipo não-violento de Seattle, Black Block, Tute Bianche ou Rosa-prateado - todos esses grupos estabelecem uma relação entre suas formas de ação, a cobertura midiática dos grandes eventos e a circulação de imagens em escala internacional.

Mas o “problema da violência” não coincide plenamente com a questão da repressão policial. Chega a soar como se, segundo Aguiton, a repressão violenta constituísse em certa medida um ponto de articulação do sentido de unidade do movimento e uma vantagem relativa ante a opinião pública (numa lógica do simbolismo da ação semelhante à proposta pela Ruckus Society):

Em Gênova as autoridades italianas agiram de um tal modo que a opinião lançou sobre elas a responsabilidade pelas violências, mas isso não se repetirá sempre, e o apoio dado pela opinião pública aos manifestantes é uma das chaves do sucesso do movimento (AGUITON, 2002, p. 207)

Já o “problema da violência” aparece para designar tanto o recrudescimento da violência do controle dos espaços públicos como as ações de destruição de propriedade e o confronto “ativo” com as forças policiais, tais como as praticadas pelos diferentes Black Blocks. Em certa medida, o segundo aspecto do problema pode englobar o primeiro, já que muitas vezes, referindo-se a tal problema, supõe-se que a repressão policial é detonada pelas ações associadas aos Blocos Negros. De maneira geral o “problema da violência” é acionado a partir de uma distinção entre “violentos” e “pacíficos”.

Os acontecimentos de Gênova adquirem o sentido do custo de uma confrontação radical e suscitam posicionamentos ante os limites do pluralismo tático enquanto “meio de passar uma mensagem”. Se bem a repressão espetacular contribui para unificar gestualmente o conjunto dos grupos e manifestantes, ela potencializa uma tensão significativa. Enquanto num plano imagético uma “relação de força” totalizante, unificadora, depende em grande medida da dramaticidade confrontacional exibida nas ruas pelos manifestantes “violentos” ou

“desobedientes”, quando se trata de “materializar (por meio da negociação) os benefícios e as conquistas obtidos pelas lutas” (AGUITON, 2002, p. 94), a ênfase gestual do confronto emerge como um problema – o “problema da violência”.

Também na avaliação de membros da AGP sobre Praga essa tensão aparece:

What was done in Prague (letting the different tendencies do their different things in separate zones) was probably the only practical alternative while trying to continue the debate. (AGP)What is certain is that diversity of forms of action is the best assurance of survival for a movement. We must be capable of anger, humor, reason, patience and all the rest. Capable of staying mobile and unpredictable. If we stick steadfastly to any form of action – violent or non-violent – they will find a way to neutralize us. Precisely for that reason we must be careful that one form of expression does not make another impossible. (AGP, 2001)

O que foi feito em Praga (deixar que as diferentes tendências fizessem suas coisas diferentes em zonas separadas) era provavelmente a única alternativa prática na tentativa de continuar o debate. O que é certo é que a diversidade de formas de ação é a melhor garantia para um movimento. Devemos ser capazes de raiva, humor, razão, paciência e todo o resto. Capazes de permanecer em movimento e imprevisíveis. Se optamos rigidamente por alguma forma de ação – violenta ou não-violenta – eles descobrirão um modo de nos neutralizar. Precisamente por esse motivo, devemos cuidar para que uma forma de expressão não torne outra impossível.

O problema refere-se, assim, à questão da sobrevivência da diversidade de táticas, entendidas até por metáforas da experiência e dos sentimentos (raiva, humor, razão, paciência etc.), como prática constitutiva do movimento. Em *Guerrilla Kit: ruses et techniques des nouvelles luttes anticapitalistes*, um inventário das práticas de contestação, coletânea de relatos, fragmentos e análises publicado por um coletivo de ativistas em Paris, em 2003, sob o pseudônimo Morjane Baba, essa prática é a expressão da “natureza dos movimentos”:

(...) la diversité des tactiques constitue un dispositif décentralisé qui permet d’agir ensemble, et aussi de montrer sur le terrain la nature même des mouvements, divers mais unis, pour protester contre l’ordre néolibéral (BABA, 2003, p. 96)

A diversidade de táticas constitui um dispositivo descentralizado que permite agir juntos, e também mostrar em campo a própria natureza do

movimentos, diversos mas unidos, para protestar contra a ordem neoliberal.

Busquei, até aqui, apresentar como a idéia de combinação dos diversos, percebida como constitutiva do movimento anti-globalização, assim como os conflitos que ela implica, se colocam fundamentalmente enquanto problemas da ação de rua. Da mesma maneira, proponho analisar mais detidamente, no plano da rua, dois elementos centrais ao chamado “problema da violência”: a destruição de propriedade e a atitude de confronto com as forças policiais, para então buscar entender o lugar da violência propriamente dita na articulação simbólica dos protestos.

CAPÍTULO 2. O “PROBLEMA DA VIOLÊNCIA” VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA RECORRENTE

No primeiro capítulo apresentei a *unidade na diversidade* como forma tática associada ao movimento anti-globalização num momento ascendente de visibilidade e mobilização em torno das chamadas contra-cúpulas, protestos organizados em contraposição a reuniões oficiais de grandes instituições internacionais e arenas de poder global. A atenção etnográfica evidencia a dimensão constitutiva dessa forma e as tensões que ela implica na construção do sentido de um *movimento global*.

As convocatórias dos dias de ação global, articuladas pela simultaneidade e pela positivação das diferenças e da autonomia de ação de cada grupo, encontram seu limite nas polêmicas em torno do “problema da violência”, manifestadas de forma particularmente dramática no caso dos protestos de Gênova em 2001. Neste segundo capítulo, pretendo analisar mais detidamente esse problema, para que possamos observar as constelações de significados que ele articula.

2.1. O espelho da mídia

É também em torno das questões da violência que se concentra a importante relação entre a construção do movimento anti-globalização e o espetáculo da mídia globalizada. Cenas de confrontos e destruição, quanto mais envolvam fumaça, sangue e chamas, mais

atraem a atenção da imprensa e mais facilmente circulam no mercado internacional de notícias. Em grande medida, essas se tornaram as imagens associadas ao movimento anti-globalização mais difundidas e repetidas.

No caso de Gênova, a maior de todas a contra-cúpulas em número de manifestantes (aproximadamente trezentos mil), as imagens difundidas eram certamente as mais sangrentas. Federici e Cafentzis ressaltam a ênfase dada pelas televisões italianas ligadas ao governo Berlusconi na postura agressiva dos manifestantes.

Scenes of stone throwing demonstrators confronting the police or methodically destroying shop windows or putting cars on fire have been broadcast over and over, while the unprecedented sight of hundreds of thousands who marched with chants and banners have been censored. (YUEN; BURTON-ROSE; KATSIAFICAS, 2004, p. 142)

Cenas de manifestantes atiradores de pedra confrontando a polícia ou destruindo metodicamente vitrines ou incendiando carros têm sido emitidas reiteradamente, enquanto a visão sem precedentes das centenas de milhares que marcharam com palavras de ordem e cartazes foram censuradas.

O interesse de criminalização de que a imprensa participa com suas construções simbólicas não é um elemento secundário. No entanto, não necessariamente a exposição de posturas agressivas “destrói a imagem do movimento”, como se poderia pensar, mas sim, com todas a tensões que busquei apresentar até agora, essa exposição torna-se parte do processo de sentido do movimento. Sobre Praga, Chrispiniano faz a seguinte consideração:

Se a mídia crê que – com o foco e a generalização dos manifestantes como hooligans – contribui para reduzir os conflitos, está muito enganada. Aumenta o glamour e os argumentos dos mais radicais. As pedras e o sangue parecem aumentar a eficiência do show. Um sensacionalismo ativista. (CHRISPINIANO, 2002, p. 106)

O papel da violência na construção de sentidos no movimento está ligado à relação dos protestos com a circulação das imagens produzidas pela imprensa, e em certa medida a um sentido de sacrifício e marginalidade, do legítimo e do ilegítimo, que são compartilhados pela

imprensa e por meio dela.

Essa cumplicidade é em algum grau consciente, e se expressa tanto na idéia polêmica de que o confronto é um instrumento de visibilidade (CHRISPINIANO, 2002, p. 106) quanto no esforço de organização de estruturas alternativas e descentralizadas de circulação de informação, a exemplo do Centro de Mídia Independente, nascido na preparação de Seattle, que continua se espalhando pelo mundo e gerando desdobramentos.

2.2. A posição marginal dos Blocos Negros

Os Black Blocks cumprem mais uma vez um papel importante nessa relação. No período de Seattle a Gênova, viu-se um acirramento das diferenciações internas num crescente debate sobre quem é quem num “movimento de movimentos”. Tal como foi sugerido no final do Capítulo 1, “o problema da violência” aparece para designar uma zona de risco em que as ações de determinados grupos, em particular as ações atribuídas aos Black Blocks, são vistas como ameaças à *unidade na diversidade*, fórmula da convergência de práticas e de sentido nos protestos de rua. Quase sempre é deles que se está falando quando aparece a referência a “grupos violentos” nos protestos anti-globalização. O texto do jornalista José Chrispiniano sobre Praga, explicita-se a centralidade dos Blocos Negros nessa tensão:

Em geral, a maior parte dos conflitos vem desses grupos (os *black blocks*), cuja presença em protestos anti-globalização é também uma característica dessas manifestações. (CHRISPINIANO, 2002, p. 105)

De forma paradoxal, cercada de polêmica e desafetos, a presença desses mesmos grupos tornou-se uma marca, quando não um sinônimo de protestos anti-globalização. A

atenção que dedico a eles leva em conta essa ambigüidade. Apesar de muitas vezes serem repelidos e considerados como arruaceiros cuja índole é uma ameaça ao movimento, sem eles a idéia que fazemos hoje das contra-cúpulas e do movimento anti-globalização em geral seria muito diferente. Não é pura fantasia a afirmação que fazem membros do Black Block da manifestação contra o FMI em Washington:

O black block não é diferente do resto do movimento de contestação da mesma forma que meu fígado não é diferente de mim. (LUDD, 2002, p. 88)

O nome Black Block aparece nesse contexto referindo-se genericamente a grupos que, durante as manifestações ou fora delas, tomam iniciativas autônomas de atacar as fachadas de redes multinacionais, incendiar carros e caçambas de lixo, erguer barricadas ou atirar objetos contra as fileiras da polícia. Os chamados Black Blocks de Seattle, Praga, Gênova, como em outros protestos, eram diferentes entre si em sua composição, com formas de ação e provavelmente também formas organizativas particulares. Sobre essas formas organizativas há poucas informações que ultrapassem a ênfase num conceito genérico de autonomia. Embora as metáforas organicistas sejam muito raras no contexto anti-globalização, ambiente particularmente avesso a “cabeças”, a última citação, extraída de uma carta assinada por *blackblockers*, faz lembrar que o fígado não apenas é o destilador do fel, mas também um lugar sensível onde se elaboram sínteses vitais.

A denominação aparece em registros das manifestações de Seattle, nas quais a composição desses grupos flutuantes era majoritariamente autoproclamada anarquista. Um comunicado “de uma fração do *black block*” de Seattle publicado por Ludd descreve:

Era um agrupamento livremente organizado, formado por grupos de afinidade e indivíduos que perambulavam pelo centro da cidade, tomando uma determinada direção, ora por causa de uma fachada de loja significativa e vulnerável e ora por avistar um contingente policial. Diferentemente da vasta maioria de ativistas que levaram spray de pimenta na cara, gás

lacrimogêneo e foram atingidos por balas de borracha em várias ocasiões, a maior parte da nossa fração do black block escapou de ser gravemente ferida por permanecer constantemente em movimento e evitar o contato com a polícia. (LUDD, 2002, p. 59)

O mesmo comunicado oferece uma lista dos símbolos destruídos em Seattle: agências e sedes de bancos ou grupos investidores como Fidelity Investment, Bank of America, US Bancorp, Key Bank e Washington Mutual Bank, lojas Old Navy, Banana Republic, GAP, Nike, Levi's, McDonald's, Starbucks, Warner Bros e Planet Hollywood, entre outros (LUDD, 2002, p. 59). Os alvos das ações dos Black Blocks eram bem definidos e recorrentes nos diferentes protestos. Essas ações distintivas e significativas, tal como são qualificadas no comunicado, consistem basicamente na destruição de “símbolos do capitalismo”: vitrines e letreiros, caixas automáticos ou qualquer outra estrutura ostensiva que exiba a marca de uma empresa privada numa via pública e que seja vulnerável a pauladas, pedradas, pichações e mais raramente a dispositivos incendiários de fabricação caseira.

Assinado pelo pseudônimo Raphael Scalp, um artigo sobre “o problema da violência” em Gênova (LUDD, 2002, p. 207), publicado por um ativista brasileiro também sob pseudônimo - Ned Ludd - afirma que na Europa não havia um, mas muitos Black Blocks, grupos com origens e táticas diferentes raramente coordenados entre si. Afirma também que a terminologia, importada dos Estados Unidos, não dava conta das diferenças entre esses grupos, vindos de países, contextos históricos e referências ideológicas diferentes (anarquistas, marxistas-leninistas, maoístas) e cujos membros teriam participação muito variada em organizações políticas, sindicais e associações de todo tipo. Verificou-se posteriormente que, durante as jornadas de protesto contra o G8, havia entre os Black Blocks policiais infiltrados ou mesmo bandos inteiros eram formados por policiais ou pessoas que mantinham contato direto com a polícia, além de grupos neo-fascistas italianos ou vindos de

outros países europeus, cuja ação pouco ou nada tinha a ver com o método *blackblocker* (Aarrg, 2001). De fato, a denominação, a partir de Seattle, foi transferida para outros protestos em outros lugares do mundo, sem que nunca o Black Block se houvesse organizado como tal.

Em Seattle, a tensão entre membros do Black Block e as ações não-violentas coordenadas aparece claramente no episódio da NikeTown, uma megaloja da marca global Nike, denunciada por exploração de trabalho semi-escravo e um dos alvos favoritos das campanhas contra transnacionais nos anos 90 descritas em Klein (1999, p. 366-379). Contado pelo membro anônimo do Black Block cuja entrevista também integra o livro de Ludd, o mesmo episódio consta da Linha do Tempo do dia 30 de novembro do WTO History Project.

November 30, 4:00 pm – Protesters stand in front of Nike Town windows, 6th Avenue and Pine Street, to keep others from breaking them. (WTOHP Time line, referência)

30 de novembro, 16:00h – Manifestantes mantêm-se em frente às vitrines da Nike Town, na Sexta Avenida, esquina com a Rua Pine, para impedir outros de as quebrarem.

Em pelo menos seis diferentes ocasiões, os assim chamados ativistas não-violentos atacaram fisicamente indivíduos que visavam propriedades de corporações. Alguns foram longe a ponto de ficarem em pé em frente da Superstore Niketown e de agarrarem e empurrarem o Black Block para afastá-lo da loja. (LUDD, 2002, p. 60)

Em Praga, como foi indicado no primeiro capítulo, os chamados Black Blocks, ou pelo menos parte deles, entraram em uma dinâmica convergente. Na ocasião, grupos cuja disposição tática era identificada com a dos Blocos Negros formaram a Marcha Azul, o que, segundo Chrispiniano (2002, p.105), “revela como os conflitos violentos provavelmente já eram previstos pelo INPEG”. Assim como as demais marchas, os Black Blocks sob a cor azul estavam coordenados o suficiente para cobrir um território determinado e facilitar o avanço em direção ao alvo comum, o centro de conferências onde se realizava a reunião do FMI e do

Banco Mundial, como descreve Boris Kagarlitsky:

While the main brunt of the special police attacks was diverted onto the blues, and while the yelows blocked the bridge and disrupted traffic movements, the pinks were able to make it through to the building by breaking up into small detachments. Once there they regrouped and the circle was closed. (YUEN; BURTON-ROSE; KATSIAFICAS, 2004, p. 98)

Enquanto o grosso dos ataques da polícia especial foi desviado em direção aos azuis e enquanto os amarelos bloqueavam a ponte e atrapalhavam o tráfego, os cor-de-rosa puderam chegar ao prédio por se dividirem em pequenos destacamentos. Quando chegaram lá, reagruparam-se e o círculo foi fechado.

A idéia de complementaridade das diferentes formas de protesto, fundamental para a *unidade na diversidade* de táticas, parece estar em ação nesse caso, na dinâmica de convergência que toma forma por meio da INPEG. As características mais conflitivas do Black Block são assumidas e previstas no esquema comum, colaboram para que um círculo de sentido (no caso um verdadeiro “cerco”) se complete. Isso não equivale a dizer que as tensões tenham simplesmente desaparecido em Praga. Mais parece ter havido um esforço consciente dos ativistas e grupos para que as polêmicas do “problema da violência” não abalassem o plano de cerco ao FMI/Banco Mundial que os unificava. Kate Evans, uma ativista de Londres, cartunista de profissão e integrante do Bloco Rosa, descreve com humor britânico a dinâmica de tomada de decisão no centro de convergência da INPEG.

The convergence center opened and filled with activists from around the world. So many groovy people! So many sexy groovy people! Unfortunately we wasted all our precious socializing time having interminable, slightly pointless seven hour meetings in five languages about where we would be on the day. What we didn't discuss was what we would do when we got to where we couldn't agree we would be. And I suppose that was good, because we didn't have interminable, divisive and slightly pointless discussions about violence versus nonviolence, man, and what is violence anyway when the State is like killing people every day, man. (NOTES FROM NOWHERE, 2003, p. 293)

O centro de convergência abriu e encheu-se de ativistas de todo o mundo. Tanta gente descolada! Tanta gente sexy descolada! Infelizmente,

desperdiçamos nosso precioso tempo de socialização em reuniões de sete horas em cinco línguas, intermináveis e ligeiramente despropositadas, sobre onde estaríamos no dia. O que nós não discutimos foi o que faríamos quando chegássemos ao lugar onde estaríamos, sobre o qual não conseguíamos concordar. E suponho que isso foi bom, porque não tivemos discussões intermináveis, desagregadoras e ligeiramente despropositadas sobre violência *versus* não-violência, cara, e o que é violência quando o Estado está, tipo, matando gente todos os dias, cara

As discussões intermináveis entre os grupos definem onde cada grupo vai agir, as diferentes marchas, seus percursos no território, mas não definem o que cada grupo vai fazer. Essa segunda discussão, segundo Kate, levaria a uma polêmica divisionista e não menos interminável sobre “violência versus não-violência” e, mais além, à polêmica sobre a própria definição de violência. O debate sobre “o que” fazer diante das fileiras da polícia é remetido aos grupos de afinidade. Uma margem de indefinição se mantém de forma que a *unidade na diversidade* permanece preservada.

O “problema da violência” refere-se muito menos à violência da repressão policial do que à tensão entre as táticas constitutivas de diferentes grupos. No texto de José Chrispiniano encontramos uma visão de como esse “problema” habita os não-ditos das dinâmicas de convergência nos protestos.

A relação entre os grupos pacíficos e os mais violentos é um dos tabus e uma das maiores polêmicas dentro do movimento. Quanto um grupo usa e é usado pelo outro, em uma simbiose que tem um lado bom e um lado ruim para ambos, e mesmo onde acaba um e começa o outro, é algo difícil de medir. A própria divisão entre pacíficos e violentos é algo bastante maniqueísta e rejeitada pela maioria dos ativistas. Mas, na falta de termo melhor, são os pacíficos que dão a maior parte da cara para bater, que têm o discurso mais articulado e, em geral, os que mais trabalham na obtenção da infra-estrutura para os protestos. Porém, muitos ativistas dizem que os grupos mais agressivos são necessários para proteger os não violentos e que apenas com manifestações pacíficas jamais teriam obtido tanta atenção da mídia. (CHRISPINIANO, 200, p. 105)

A afirmação de que o Black Block pode exercer um papel de proteção deve ser baseada nos acontecimentos de Praga, na medida em que a Marcha Azul atraiu a atenção da

maior parte do contingente policial, dando mais liberdade de movimento aos demais blocos. Nesse caso, parece que a INPEG e os grupos que a compunham souberam, em termos, tirar proveito do caráter incontrolável do Black Block e da previsibilidade do fato de que os Blocos Negros tendem a atrair muita atenção da polícia e da mídia.

No espaço da INPEG essa “simbiose” conflitiva parece, como em Seattle, ter corrido sem maiores rupturas. No caso de Gênova, no entanto, a polêmica gera uma fragmentação simbólica aparentemente irreparável. Segundo Federici e Caffentzis, ao final das jornadas de protesto, a onda de críticas internas e o divisionismo no âmbito do movimento foram para muitos tão ou mais desencorajadoras do que a morte de Carlo Giuliani e os ossos quebrados (YUEN; BURTON-ROSE; KATSIAFICAS, 2004, p. 150). Alguns grupos chegaram a propor que, além de excluir os Black Blocks dos locais de ação não-violenta, se deveria entregar à polícia os indivíduos de atitude agressiva, que, em vez de um elemento de proteção, eram vistos como uma ameaça à segurança dos demais. Vendo a possibilidade de que a polícia usasse a posição marginal do Black Block como justificativa para atacar o conjunto das manifestações (como de fato fez), as organizações filiadas ao FSG buscaram distinguir violentos de pacíficos designando grupos de segurança que mantivessem atiradores de pedras e quebradores de vitrines longe de suas marchas. Após Gênova, difundiu-se a visão da atitude beligerante dos *blackblockers* como detonadora da violência policial.

No repertório de Morjane Baba afirma-se: “Le Black Bloc, comme n’importe quel bloc, n’est pas une organisation, un groupe unifié permanent, mais une tatique. C’est un label libre de droit, une appellation incontrôlée” (“O Bloco Negro, como qualquer bloco, não é uma organização, um grupo unificado permanente, mas uma tática. É um selo livre de restrição, uma denominação incontrolada”) (BABA, 2003, p. 75). O que define o “bloco” são, no

verbete de Baba, algumas constantes táticas e simbólicas: a grande mobilidade e adaptabilidade ante a ação policial, os lenços e as máscaras que escondem os rostos e mantêm o anonimato, o revide à repressão (como lançar de volta as granadas de gás lacrimogêneo, pedras ou molotovs), a destruição de propriedade e as pichações. Assim, segundo o mesmo verbete, seria possível encontrar suas origens na Alemanha, no começo dos anos 80, durante as manifestações contra a expansão do aeroporto de Frankfurt. Os Black Blocks estadunidenses teriam surgido em 1992, em Washington, quebrando as vidraças do Banco Mundial durante uma manifestação contra a Guerra do Golfo (BABA, 2003, p. 76).

As acusações feitas contra os Blocos Negros em Gênova, como a da líder internacional da ATTAC, Susan George, partem da condenação da sua posição externa aos esforços de convergência do FSG.

Are you happy, protestors? Not the huge majority that backed the Genoa Social Forum – I know you’re devastated and some of you bloodied – nor those many “members” of the Black Block who were in fact police infiltrators; but you, the genuine Black Blockers, who never participated in any of the preparatory meetings that went on for months, who don’t belong to any of the 700 responsible Italian organizations that had decided democratically to practice creative and active non-violence. (GEORGE, 2001)

Vocês estão felizes, manifestantes? Não a imensa maioria que apoiou o Fórum Social de Gênova – eu sei que vocês estão arrasados e alguns de vocês ensangüentados – nem os muito “membros” do Bloco Negro que eram na verdade policiais infiltrados; mas vocês, os legítimos participantes do Bloco Negro, que nunca participaram de nenhuma das reuniões preparatórias que aconteceram durante meses, que não pertencem a nenhuma das 700 organizações italianas responsáveis que decidiram democraticamente praticar a não-violência ativa e criativa.

Entre as grandes constantes que constituem simbolicamente os Black Blocks, é impossível ignorar a cor negra, seja ela endossada em roupas e bandeiras ou atribuída como denominação – o negro como cor da anarquia, afirma o verbete de Baba, “mais aussi celle de la nuit, où tous les chats sont gris” (“mas também a cor da noite, em que todos os gatos são

pardos”) (BABA, 2003, p. 75). Essa bruma “noturna” de indefinição é também constitutiva do Black Block como figura central dos protestos anti-globalização. A sensação de perigo que ela parece evocar indica também a relação de significação estabelecida pela posição marginal e tensa dos Blocos Negros na dinâmica convergente dos protestos. Na prática, os Black Blocks também se definem pelos fatos de que é impossível saber quem são e de que não se pode controlar o que eles fazem, mesmo se o que fazem é, em grande parte, constante, fácil de prever: “les bb ont un méthode”, “os bb têm um método” (AARRG, 2001).

2.3. Marginais e mártires

Ao mesmo tempo em que condena a não participação nas reuniões preparatórias, Susan George atribui ao Black Block a responsabilidade pela ação policial contra os manifestantes não-violentos, que teriam sido duplamente vitimados pela polícia e pelos manifestantes violentos.

Are you happy with your unilateral actions, to have willfully infiltrated groups of peaceful demonstrators so that they too got gassed and clubbed; happy to have responded to police provocations which were both foreseeable and foreseen? Are you happy we've finally got our martyr?

Vocês estão felizes por suas ações unilaterais, por terem deliberadamente se infiltrado em grupos de manifestantes pacíficos para que eles também fossem atingidos pelo gás e pelos cassetetes; felizes por terem respondido a provocações da polícia, tanto previsíveis quanto previstas? Estão felizes porque finalmente conseguimos nosso mártir?

Esse conflito guarda semelhanças e diferenças com o episódio da NikeTown em Seattle. Nem George, nem a ATTAC foram em Gênova partidários de táticas de desobediência civil do tipo praticado pela DAN. O plano da marcha coordenada pela ATTAC no dia de cerco à reunião do G8 era “violiar o espaço aéreo” da zona interditada com balões e outros objetos. Assim como a maior parte das organizações integrantes do FSG, a Attac não praticou nenhuma desobediência incisiva dos limites impostos pelas forças de ordem. Não por

acaso a maior coalizão externa ao FSG era o Bloco dos Desobedientes. Apesar dessa distinção, George reúne ambos os grupos sob a denominação “não-violência”, legitimando a desobediência dos Tute Bianche em detrimento daquela praticada pelos “genuínos *black blockers*”.

É interessante notar as figuras que articulam o texto da líder da ATTAC. Em primeiro plano há a maioria dos manifestantes, associados à não-violência criativa. Por outro lado, há a marginalidade negativa do Black Block, duramente criticada. Em segundo plano, há a ação policial, (infiltração, gás e cassetetes) que não é posta em discussão. E como imagem que permeia toda a cena, há um martírio ao mesmo tempo repudiado e invocado como arma argumentativa.

Por um lado, em particular na argumentação de Susan George, a presença do Black Block coloca em risco físico uma maioria de manifestantes que aparentemente não tinha a intenção de violar nenhuma a ordem ou entrar em confronto com a polícia. Contudo, uma vez que o confronto é dado, imposto pela violência da repressão ou pelas ações de desobediência, mesmo as ditas não-violentas, o risco se desloca e ganha complexidade simbólica. Em Gênova e Seattle, na polêmica do “problema da violência”, pode-se dizer, não estão em questão apenas os agentes da violência, mas também um jogo simbólico a respeito de vítimas e sacrifícios. Eis que a violência, ao mesmo tempo em que atribuída a Black Block, condenado em sua postura agressiva, é permanentemente mobilizada pelos não-violentos por meio das figuras de martírio e das elaborações sucessivas de sua exposição à força policial inexorável.

Um relato sobre Seattle, no livro de Ludd, procura ilustrar a atitude resignada dos chamados não-violentos:

Mais do que ilustrativo do espírito dos manifestantes e da polícia é testemunho do estudante de Portland, Jim Desyllas, que estava em Seattle para fazer reportagens sobre a manifestação e viu um policial atirando uma bala de borracha no rosto de uma pessoa a um passo dela, estourando seus dentes frontais. Ao ver a cena o estudante – esquecendo que estava ali para fazer reportagens e cansado de ver a brutalidade policial – gritou (para o policial): “o que há de errado com você? você está doente?” Uma pessoa respondeu: “não grite, este é um protesto não violento”. (LUDD, 2002, p. 56)

Enquanto tática simbólica, a não-violência do tipo praticado pela Ruckus Society em Seattle tem como pedra fundamental a ritualização disciplinada da vulnerabilidade física do manifestante, seu contraste com a dureza das táticas de contenção a que se contrapõe (as prisões em massa são previstas e mesmo ensaiadas). Trata-se de um elemento central na dramaticidade da ação de rua dita pacífica. Nas ações de desobediência desse tipo, a força moral é afirmada na proporção inversa de uma fragilidade quase absurda, uma passividade paradoxal da atitude não-violenta contra forças policiais armadas, como demonstram os manifestantes acorrentados uns aos outros em Seattle, ou a precariedade da formação e das couraças de papel do Bloco Desobediente se desfazendo sob os golpes de cassetete.

Ainda que entendamos, como quer Susan George, que a presença dos Black Blocks coloca em risco a segurança física dos demais manifestantes, é preciso admitir que a exposição a esse risco está de alguma forma implícita, senão nos planos da ATTAC, ao menos na intenção dramática dos cercos não-violentos às zona fortificadas das reuniões da OMC ou do G8. O que a tática dos Black Blocks coloca em risco maior é o jogo sacrificial que a desobediência não-violenta estabelece com as forças policiais. Atirar uma pedra contra uma fileira policial faz com que o *blackblocker* seja visto como uma ameaça à integridade de sentido do protesto. O gesto compromete a identificação entre manifestante e mártir, em que a exposição desapegada ao sofrimento demarca um quadro de legitimidade.

Mary Black, mais um pseudônimo sob o qual aparecem as vozes de defesa dos Blocos

Negros no livro de LUDD, ressalta que a condenação ao Black Block está vinculada à percepção de que atirar pedras e destruir vidraças é algo prazeroso:

Há um clamor de desaprovação quando alguns garotos levam uma caçamba de lixo ao meio da rua e ateião fogo. A maioria das pessoas conclui que os manifestantes fazem esse tipo de coisa para ter um pouco de excitação (...) Por que uma eventual “terapia de compras” é mais aceitável do que se ter prazer em um ato de protesto radical que talvez seja limitado em sua utilidade? (LUDD, 2002, p. 200)

Esse prazer está associado ainda à posição marginal e indisciplinada dos Blocos Negros, muitas vezes chamados de crianças (*kids*), em particular nos relatos e análises acusatórias em língua inglesa. Certamente, ainda que sejam por vezes vítimas da violência e particularmente visados pela polícia, a figura dos *blackblockers* é menos a de mártires que a de vingadores mascarados, ou pelo menos a de jovens visceralmente engajados e encarnar a fantasia de vingadores mascarados. Fantasia ou não, a tônica das ações é muito mais de desforra que de entrega sacrificial.

Essa tensão, no entanto, não é necessariamente desagregadora do sentido comum do protesto. Em *La violence et le sacré*, René Girard vê violência e não-violência como elementos da “combinação estranha” que constitui o sacrifício (GIRARD, 1982, p. 38). Por um lado a canalização, ou *détournement*, da violência interna de uma sociedade, e por outro a construção simbólica da passividade da vítima, que recebe e pacifica o ímpeto da violência. Essa combinação, segundo o autor, é o que confere à operação sacrificial seu duplo caráter de coisa santa e crime, legítima e ilegítima. A mesma ambigüidade pode ser observada em torno dos protestos de rua, na forma como articulam de maneira tensa o público e o furtivo.

Já mencionei anteriormente uma certa previsibilidade das ações do tipo Black Block. É certo que sejam relacionadas aos Blocos Negros qualidades dinâmicas, a mobilidade, a adaptabilidade, a composição instável. Em que aspecto são previsíveis? Possivelmente na

medida em que participam da operação sacrificial envolvida no protesto, seja reforçando por contraste a passividade heróica dos não-violentos, seja buscando permanentemente o gesto irreconciliável que desperta e explicita a violência das forças da ordem.

Poderíamos, em síntese, considerar o “problema da violência” como uma tensão a respeito das posições táticas assumidas por diferentes grupos quanto à ritualização sacrificial implícita na lógica do protesto. Em particular, essa tensão revela jogos de sentido em torno da violência que consistem de maneira geral em operações de deslocamento.

Parece-me possível verificar que o deslocamento dramático que Victor Turner identifica com a fase liminar característica dos processos rituais e de intensificação de conflitos sociais é, nesse caso, uma busca constante na ação de protesto: uma busca de criar rupturas e construir os espaços nos quais se estabelece comunicação entre coisas que vão ordinariamente separadas (TURNER, 1974), a um só tempo divide o que estava unificado pela ordem da cúpula oficial e seu sistema de segurança e reúne o que estava disperso, gestos incongruentes de recusa, num arranjo inesperado.

Voltando à relação entre pacíficos e *blackblockers*, ainda que a atitude de uns e outros possa ser vista mutuamente como absurda, o protesto em que convergem, entre violência e não-violência, evidencia a ligação entre a densidade dramática da ação direta e a expressividade do corpo. O movimento é feito de exímios atiradores de pedras assim como por convictos não-violentos que aprendem como proteger a cabeça com as mãos fechadas para que os golpes de cassetete não lhes quebrem os dedos. A relação simbólica de ambos com a violência tensiona o frágil campo do protesto, cuja unidade mais marcante se dá antes pela suspensão geral do sentido, pela experiência de “fluxo”, pela fusão de ação e consciência (*awareness*) (TURNER, 1982, p. 56) que por uma estrutura límpida de significados.

O próprio sentido de contestação e engajamento dos protestos se concentra no limite frágil da “matéria baixa” da vida, no que a ação de rua tem de mais precário – o corpo do manifestante, ofertado ao sacrifício ou mobilizado em manobras furtivas de ataque. É em grande medida nesse aspecto corporal que a ação direta ganha uma dimensão “mágica”. O relato de Noan Leven, incluído no capítulo introdutório de NOTES FROM NOWHERE, fala de sua experiência de pular um muro durante uma das ações que buscaram impedir o avanço da construção de uma auto-estrada na periferia de Londres nos anos 90.

Am I really going over that wall? It's too tall, I'm not going to make it. I'll hurt myself. What's on the other side anyway? Aren't we just going to fall into the waiting arms of police? Although a thousand thoughts flowed through my mind in that moment, it was actually my body that took over and made my decision for me. My muscles, now bathed in adrenaline, knew exactly what to do. My knees bent, my arms reached up and I jumped. Someone held out their hand and pulled me over the top of the wall. As if weightless, my body complied and seemed to fly over what seconds ago seemed like an unassailable obstacle. I landed on my feet, leaves crunching on impact, and began to run. (NOTES FROM NOWHERE, 2003, p. 31)

Eu vou realmente passar por cima daquele muro? É muito alto, não vou conseguir. Vou me machucar. De qualquer modo, o que há do outro lado? Não vamos simplesmente cair nos braços ansiosos da polícia? Apesar de milhares de pensamentos terem passado pela minha cabeça naquele momento, foi na verdade meu corpo que veio à frente e tomou a decisão por mim. Meus músculos, encharcados de adrenalina, sabiam exatamente o que fazer. Meus joelhos se dobraram, meus braços se esticaram e eu pulei. Alguém deu uma mão e me puxou por cima do muro. Como se eu não pesasse, meu corpo obedeceu e pareceu voar sobre o que segundos antes parecia ser um obstáculo intransponível. Eu aterrissei em pé, folhas crepitando sob o impacto, e comecei a correr

É no corpo de Noan que o sentido da ação se estabelece. As dúvidas que lhe passam pela cabeça são suspensas pela síntese muscular que o lança para um espaço desconhecido a ser ocupado. O caráter extraordinário da ação direta que “libera” o espaço das ruas aparece vinculado à síntese simbólica do corpo, como na intensidade do sagrado de Leiris e Bataille (LEIRIS, 1966), sua força dramática não se encontra nas construções ideais, mas nessa “matéria baixa” da vida, cujas incongruências não raro terríveis a fluidez da descrição de

Noan elide. As tensões, seguidas de distensões, do corpo adquirem para esses autores uma dimensão cognitiva e um conteúdo fundamental de crítica cultural.

Outro conceito importante a respeito da ação direta tal como concebida no contexto anti-globalização é a noção de Zona Autônoma Temporária, que dá título ao livro TAZ (sigla em inglês) de Hakim Bey (BEY, 2001), considerado um autor anarquista cujas formulações ajudaram a formar um imaginário de um movimento global anti-sistêmico. A ação direta quer estabelecer essa zona suspensa, que escape da maldição de repetição trágica da história, Bey define a TAZ também, por meio de uma metáfora corporal e mágica, como uma acrobacia insólita: “como dançar sobre um poste e escapar por uma fresta, uma manobra xamanística realizada num ‘ângulo impossível com relação ao universo’” (BEY, 2001, p. 16).

Todo este gestual torna-se uma forma de mediação que desloca dramaticamente a força da repressão policial em função da resistência dos não-violentos ou da agilidade provocativa dos Blocos Negros. A coordenação tênue e descentralizada das diferentes táticas contribui em grande medida para potencializar essa mediação que desvia os esquemas de segurança das grandes reuniões oficiais de seu lugar intransponível. Instaure-se o extraordinário: durante as jornadas de protesto nem as pessoas, nem as cidades onde se encontram são mais as mesmas. O drama da ação de rua pode assim encenar um deslocamento mais amplo, social, global, assim como o aparato policial e as fortalezas que encerram as grandes instituições mimetizam uma ordem mundial militarizada. O lema “um outro mundo é possível”, do Fórum Social Mundial, assim como a metáfora da “nova forma de fazer política” (LEITE, 2003, p. 12), encontrou uma correspondência fundamental nas imagens e dramas compostos na preparação e práticas das ações de rua durante o período crescente das contra-cúpulas nos Estados Unidos e Europa.

Se o sucesso dessa mediação é frágil, isso ocorre também porque ela depende em parte de um equilíbrio em que as forças da ordem não estão necessariamente interessadas em participar. A fase “de Seattle a Praga” representou não apenas um momento de crescimento da mobilização em torno da contra-cúpulas e de sua popularidade controversa, mas também de endurecimento das estratégias de controle do espaço público empregadas pelos Estados na proteção das grandes reuniões internacionais, uma vez que estas se tornavam alvos de um movimento novo e ascendente também em nível regional.

Para Federici e Caffentzis, a crise de sentidos e estratégias em Gênova foi determinada pela forma drástica da repressão premeditada e bem organizada:

What happened in Genoa reflects a premeditated institutional plan to repress and terrorize the demonstrators, to convince them to never again participate in such protest. This plan was not shaped by how activists behaved. (YUEN; BURTON-ROSE; KATSIAFICAS, 2004, p. 143)

O que aconteceu em Gênova reflete um plano institucional premeditado para reprimir e aterrorizar os manifestantes, para convencê-los a nunca mais participar de tais protestos. Este plano não foi definido conforme o comportamento dos militantes.

Os abusos policiais nas ruas e dentro da prisão de Bolzaneto, os espancamentos, as humilhações, as ameaças e a tortura dão corpo à imensa maioria dos relatos de Gênova. Além dos episódios culminantes da morte de Carlo Giuliani e da invasão da Escola Diaz, o clima generalizado de terror foi imposto pela proporção do aparato de segurança do governo italiano, pelas marcas de sangue nas calçadas e pelas listas de desaparecidos. Diante desse terror, ritualizações possíveis aconteciam em torno do lugar em que Carlo Giuliani foi morto com um tiro e atropelado pelo jipe da polícia – ativistas levavam flores, mensagens e objetos – e nas braçadeiras negras, agora em sinal de luto, que quase todos tratavam de improvisar. A violência então é descrita como “violência real”:

C'est une expérience douloureuse du piège, mais aussi une entreprise de dévoilement de la violence réelle des puissances: qui peut croire qu'un système qui assassine ses propres enfants est légitime pour gouverner le monde? Et ce dévoilement a pris pour nous une dimension "sacrificielle", il est sorti dell'ordre symbolique, du discours et des tactiques. La violence policière est forcément la plus forte, elle instrumentalise et détruit toute la patiente construction de nos pratiques. Elle nous prive de notre parole et de notre rage réelle en les metent en scène dans la violence brute. (BABA, 2003, p. 11)

É uma experiência dolorosa da armadilha, mas também uma empreitada de desvelamento da violência real das potências: quem pode crer que um sistema que assassina seus próprios filhos é legítimo para governar o mundo? E esse desvelamento toma para nós uma dimensão "sacrificial", ele sai da ordem simbólica, do discurso e das táticas. A violência policial é necessariamente a mais forte, ela instrumentaliza e destrói toda a paciente construção das nossas práticas. Ela nos priva de nossa palavra e de nossa fúria real colocando-as em cena na violência bruta.

Uma dimensão sacrificial torna-se nítida, e às custas de dor e sangue revela-se a ilegitimidade de um sistema que assassina seu próprios filhos. Mas desta vez, o jogo é uma armadilha: alimenta o sentido da ordem, engloba e devasta a frágil arte acrobática dos ativistas. A "violência bruta" se opõe à violência ritualizada e significada pela ordem simbólica da ação direta, suas táticas e discursos. Tanto a força moral dos não-violentos quanto o glamour marginal dos Blocos Negros parecem perder seu sentido.

Alguns meses depois das manifestações de Gênova, os atentados de 11 de setembro deflagrariam uma aceleração das políticas de guerra e segurança que tende a normalizar o controle, a repressão e a tortura em nome do combate ao terrorismo. Estreitou-se ainda mais o espaço da anti-globalização constituída pelas expressões da ação direta. Nesse estreitamento, segundo Morjane Baba, a "virada sangrenta" marca também o início de uma maior atenção à composição do "povo de Seattle" e uma tendência ao crescimento dos encontros massivos em espaços protegidos, voltados para a reflexão e o debate, como os Fóruns Sociais Mundiais. O número de participantes das contra-cúpulas começou a minguar, embora manifestações de rua nunca tenham deixado de acontecer .

A experiência de Gênova evidencia também os riscos da zona autônoma temporária dos protestos, cujo (des)arranjo se articula na relação simbólica com a violência. Se por um lado podem servir como eixo de arranjos inesperados de sentido que confrontam o possível, os significados da violência estruturam também a ordem do muro intransponível do terror. Essa sutileza, que caracteriza a construção tensa e arriscada da ação direta, tem a ver com a indagação de Michael Taussig, em *Cultura do Terror*, sobre a forma dialética de engajamento que pode subverter a ordem violenta a partir do que nela “atrai e seduz na iconografia e na sensualidade do submundo”. A qualidade mágica, a mística impenetrável da experiência dos manifestantes, implica um risco de compactuação:

Lembre-mos de que logo ali do outro lado se escondem a sedutora poética do fascismo e a imaginativa fonte do terror embutida em todos nós. O problema é ocupar-se disso, manter essa qualidade alucinatória e ao mesmo tempo voltá-la efetivamente contra si própria. (TAUSSIG, 1983, p. 51)

Mais uma vez emerge a imagem de uma manobra arriscada. A ação direta quer escapar da mediação convencional das estruturas de disputa do poder e tomar o espaço da rua, dispor de forças misteriosas, sem por isso passar para “o lado de lá”, onde a qualidade alucinatória da suspensão de sentidos alimenta a fonte do terror, em vez de combatê-la.

A inspiração para o problema de Taussig é sugerida por uma passagem de Walter Benjamin sobre o Surrealismo, em que a ênfase “fanática no lado misterioso do mistério” (TAUSSIG, 1982, p. 50) deve ser descartada em favor de uma ótica dialética capaz de apreender o entrelaçamento do impenetrável e do cotidiano. De forma semelhante, as lacunas que permaneceram abertas entre as experiências de intensificação das grandes contracúpulas e a dimensão cotidiana do ativismo e da organização política imersa na ordem global capitalista são apontadas como um dos pontos centrais de questionamento que marcaram o fim desse ciclo de manifestações. No editorial da coletânea de relatos e análises *Days of*

Dissent, organizada por um coletivo de mesmo nome, aponta-se, entre os perigos que rondam o movimento:

The tendency to fetishise meetings of the elite rather than focus upon our own immediate, perhaps more local, needs; the danger of concentrating our energies on creating large, perhaps set-piece, confrontations which create the illusion of a movement. (DISSENT, 2005)

A tendência a fetichizar reuniões da elite ou invés de dirigirmo-nos a nossas próprias necessidades imediatas e talvez mais locais; o perigo de concentrar nossas energias na criação de grandes confrontos, talvez acessórios, que criam a ilusão de um movimento.

Na opinião do Dissent, reaparecem as armadilhas em termos que evocam ainda o véu de engano da ilusão e da fetichização a que podem levar os grandes empreendimentos cênicos das contra-cúpulas. A esse risco, opõem “nossas próprias” necessidades, mais locais e mais imediatas, provavelmente entendidas aqui como mais reais porque menos mediadas pelos deslocamentos dramáticos. Essa preocupação também pode ser expressa numa perspectiva estratégica tradicional, interessada em aproximar a noção de “movimento global” manifestada nas contra-cúpulas da constituição de um movimento social de escala mundial.

Finally, we should remember that though demonstrations like those in Seattle (...) and now Genova are important, the fate of the movement does not hinge on their success alone. This movement has far deeper and stronger roots in the daily confrontations of billions of people in Africa, Asia and the Americas against the globalization agenda and its enforcers. A key question on the movement’s horizon then is: how can this multiplicity of struggle in the Third World be expressed and amplified by the anti-globalisation demonstrations in the metropolises of Europe and North America? (YUEN; BURTON-ROSE; KATSIAFICAS, 2004, p. 153)

Finalmente, devemos lembrar que apesar de manifestações como as de Seattle (...) e agora Gênova serem importantes, o destino do movimento não depende apenas de seus acertos [não dá pra saber sucesso de quê]. Este movimento tem raízes mais profundas e fortes no confronto cotidiano de bilhões de pessoas na África, Ásia e nas Américas contra a agenda da globalização e seus mantenedores. Logo, uma questão central no horizonte do movimento é: como essa multiplicidade de lutas no Terceiro Mundo pode ser expressada e amplificada pelas manifestações anti-globalização nas metrópoles da Europa e da América do Norte?

Federici e Cafentzis concluem sua análise sobre os limites da “experiência de Seattle” reclamando um vínculo dos eventos de protesto com uma confrontação cotidiana situada geograficamente distante dos locais das grandes manifestações. A imagem dessa fonte longínqua do destino do movimento parece querer resgatar os protestos da Europa e América do Norte do perigo de um desenraizamento, de uma dinâmica alheia a construções precedentes de sujeitos políticos e históricos. De fato, as raízes fortes e profundas de que falam os autores são muito raramente constituídas de relações diretas ou elaborações programáticas comuns entre os grupos de ação direta das “metrópoles” e os movimentos populares do “Terceiro Mundo”. Com raras exceções, esse contato direto e sistemático é mais comum no campo das ONGs e da cooperação internacional para o desenvolvimento, mediado por programas de financiamento. Para os grupos envolvidos nos embates de rua de Seattle, Praga ou Gênova, a noção de raízes é muito mais mítica. Trata-se da idéia de que o sentido das contra-cúpulas põe em movimento as talvez distantes constelações simbólicas da resistência, da pureza de outros povos, da integridade da vida comunitária imaginada, de outros heróis e mártires, dentre os quais os guerreiros do EZLN têm certamente um lugar central. Remete a uma incorruptibilidade rebelde que em algum confim do mundo amplifica o chamado que seus protestos lançam a partir do centro de um sistema global de poder.

CAPÍTULO 3. NEM HERÓIS, NEM MÁRTIRES

Para Victor Turner, o conceito de drama é uma ferramenta para a análise das componentes dinâmicas da vida social, do afloramento de conflitos, crises e re-acomodações. No fluxo de crise e reordenação que marca os rituais nas sociedades ditas primitivas, assim como em processos comparáveis nas sociedades complexas, o momento de liminaridade, ou mesmo de *communitas*, é uma espécie de centro vazio da ritualização dramática, e contém, ainda que num breve lampejo, uma janela para o novo, para a transformação. A marca da liminaridade, esse terreno em que uma sociedade pode “brincar” com seus símbolos e estruturas culturais normalmente cristalizados, em que as pessoas podem estranhar o familiar e verem-se deslocadas de si mesmas, pode ser reconhecida também em fenômenos contemporâneos (como o teatro), uma vez que toda a sociedade, mesmo em seus momentos de maior quietude, é carregada de oposições e potenciais conflitos, é preche de *dramas sociais* (TURNER, 1982).

Em *The Future of Ritual* (1995), Richard Schechner aborda momentos de ação política direta (*Direct Political Theatre*) como o movimento por democracia na praça Tiananmen, em Beijing, entre abril a junho de 1989, e a derrubada do muro de Berlim no mesmo ano, a partir dos termos do drama social e da *performance*. Schechner identifica nessas ações a intencionalidade, a manipulação consciente e frequentemente irônica de símbolos interculturais poderosos.

A atenção dada às formas de ação teatral, festiva (ritual, de maneira genérica) é também um dos aspectos marcadamente antropológicos da perspectiva teórica de Aby Warburg, para quem a imbricação da expressão artística com a vida constitui uma necessidade

existencial da sociedade e dos indivíduos. Na abordagem do tema deste trabalho, é particularmente interessante na proposta de Warburg a idéia de uma densidade simbólica da ação dramática é “capaz de figurar intensamente o sentimento da existência” (CARERI, 2003, p. 47). Intensidade também é uma das chaves da noção de fluxo (*flow*) que Turner encontra em sua exploração sobre as dimensões liminares e liminóides da experiência, em que atenção, consciência e ação se fundem. É possível olhar para o protesto político como momento de intensidade fundamental para um projeto de movimento, a partir das categorias da arte e do drama. Alguns desses conceitos não fazem apenas parte de uma referência teórica da antropologia da performance, mas são permanentemente mobilizados em torno da ação de rua, apropriados pelos manifestantes para descrever o que fazem como um processo de construção de sentidos.

Nos Capítulos 1 e 2 já busquei mostrar como as idéias de drama social, espaços de liminaridade e deslocamento ganham corpo nas dimensões performáticas e rituais dos protestos de rua associados ao movimento anti-globalização. Essa ênfase tem a ver com a percepção de que o apelo desse movimento foi em grande medida conferido pela experiência das ruas, essa “matéria baixa” que fez do momento “anti-globalização” mais do que uma “releitura” ideológica do internacionalismo.

Falar em movimento anti-globalização e contra-cúpulas sem falar na intensidade das experiências individuais e coletiva envolvidas nos protestos de rua, no início do projeto de pesquisa, me parecia simplesmente uma tarefa muito difícil. No entanto, ao longo da evolução do trabalho, buscando uma análise mais amadurecida, acredito que seja uma tarefa indispensável voltar à indagação antropológica para essa mesma intensidade, como uma espécie de centro vazio dos arranjos de sentido que marcaram o período de Seattle a Gênova.

O antagonismo “impossível” que se exprime no gestual de protesto diante da manifestação de uma ordem mundial estabelecida não pode reduzir-se a uma ou outra ideologia militante. Tão pouco procuro uma perspectiva de causa-efeito como a que poderia nos levar a descrever o movimento anti-globalização a partir de sua correspondência com um “novo regime de acumulação do capital” (AGUITON, 2002, p. 187). Como indica Tarrow, a expressão “globalização” não é suficiente para explicar por que pessoas se engajam ou não em embates coletivos. Mais sutil, mas não menos intrigante do ponto de vista cultural, é indagar como, nesse lugar da história, certas composições da ação participam da construção simbólica de uma forma de engajamento e de um “movimento global”.

Walter Benjamim identifica a técnica das composições “impensáveis” como a força viva e produtiva do teatro de Brecht, que lhe permite não apenas espelhar, mas “ordenar experimentalmente os elementos da realidade” (BENJAMIM, 1986, p. 81). A reordenação dos elementos da realidade e sua possível inversão é uma operação fundamental do discurso de contraposição ao espetáculo de blindagem das grandes reuniões oficiais. Em uma coletiva de imprensa sobre os protestos contra a Cúpula das Américas de Mar del Plata (2005), reunião de chefes de estado e instância de negociação comercial e militar, vi um ativista mexicano arrancar risos do auditório ao usar uma fórmula de inversão recorrente para descrever a edição anterior da Cúpula da Américas em abril de 2002 em Québec. A situação da área de segurança defendida por tropas de choque e barreiras de três metros de altura apelidadas pelos manifestantes de “muro da vergonha” podia ser descrita de dois jeitos: “uma é que eles tinham nos excluído, outra é que nós os mantínhamos cercados!”

Composições gestuais e imagéticas que não raro apresentam toques de humor surrealista e freqüentemente evocam fórmulas gestuais do passado são recursos permanentes

da construção de uma “tradição” militante associada ao movimento antiglobalização. Um bom exemplo, que diz respeito a um protesto de caráter regional, é a descrição da Catapulta de Ursos, episódio dos protestos de Québec, promovida a verbete do repertório de Morjane Baba. Membros do auto-denominado “Bloco Medieval”, usando panelas como capacetes e munidos de escudos feitos de outros utensílios de cozinha, trouxeram junto à muralha de ferro que delimitava a zona de segurança uma imensa catapulta de madeira:

La police semble hésiter. Le groupe em charge de l’énorme machine la tend, la prépare. La police semble vouloir avancer, mais lés barricades antifoule installées par les manifestantes l’en empêche. Feu! Um premier ours em peluche, rose avec de superbes oreilles, vole et atteint les rangs de la police. (BABA, 2003, p. 82)

A polícia parece hesitar. O grupo encarregado da enorme máquina a arma, a prepara. A polícia parece querer avançar, mas barreiras de contenção instaladas pelos manifestantes a impedem. Fogo! Um primeiro urso de pelúcia, cor-de-rosa com orelhas deslumbrantes, voa e atinge a fileira da polícia.

Esse tom que chamamos de “surrealista” é produzido na atividade de deslocamento e recombinação de símbolos de maneiras cômicas ou mesmo “grotescas” – grotescas porque não aparecem arranjadas com referência a experiências conhecidas, mas em termos de combinações possíveis ou fantasiadas (TURNER, 1982, p. 27). Lembro que para Durkheim a esfera da ação, enquanto experiência da totalidade social, coletiva por princípio, é o que suscita nos indivíduos a necessidade de separar-se do mundo em que estão imersos e, ao mesmo tempo, confere-lhes “os meios de conceber outro mundo” (DURKHEIM, 2000, p. 466-467). No fluxo da ação é que a experiência social se reveste de caráter experimental e reflexivo, e que aquilo que se encontrava em repouso nos mais profundos estratos da vida social, inacessível ao olhar e às razões cotidianas, pode se expressar de forma pungente.

Se, como busquei mostrar no Capítulo 2, esse deslocamento reflexivo da ação de rua se manifesta muitas vezes em torno do tema sacrificial, é importante ressaltar que ele também

opera em uma dimensão lúdica, que articula a ação direta a partir dos universos simbólicos da festa e do carnaval. Seattle, como foi mencionado na introdução, foi um dia de ação global que sucedeu o *Carnaval contra o Capital* que tomou a *city* de Londres em julho do mesmo ano. Jennifer Whitney, além de participar do núcleo de organização da DAN, também fazia parte de uma fanfarra militante, formada para tocar nos protestos de Seattle e batizada de *Infernal Noise Brigade*⁷. Ela conta que, durante os treinamentos preparatórios para os bloqueios de 30 de novembro, houve uma inspiradora apresentação de slides sobre os protestos londrinos, de que se falou muito nas semanas seguintes. As noções de protesto e festa, eram, segundo Jennifer Whitney, inseparáveis.

The notion of Carnival ran deep into our plans – carnival as the irresistible blend of party and protest, of revelry and revolution, of reclaiming public space and creating something memorable. Our objective of shutting down the summit was inextricably linked to our vision of a massive street festival, which would create an alternative vision of the world we wanted. (DISSENT, 2005)

A noção de Carnaval corria fundo nos nossos planos – carnaval como a mistura irresistível de festa e protesto, de celebração e revolução, do reapropriar-se do espaço público e do criar de algo memorável. Nosso objetivo de paralisar a cúpula estava inextrincavelmente ligado a nossa visão de um festival de rua de massa, que criaria uma visão alternativa do mundo que queríamos.

“Vamos tornar a revolução irresistível”, dizia um panfleto da DAN às vésperas do N30. As ruas, bloqueadas pelos corpos dos ativistas que resistiam ao spray de pimenta e às bombas de gás, foram tomadas também por outros corpos, fantoches, personagens, músicos e artistas. Mais um texto assinado por Notes from Nowhere relata a transformação das ruas num verdadeiro festival.

We controlled the streets, all of them, and in every direction we looked were

⁷ Fazem parte das fontes dois relatos assinados por Whitney. Ela também faz parte do coletivo editorial Notes from Nowhere. No primeiro, “Shattering the myths of Seattle”, parte da coletânea de artigos “Days of dissent”, ela se posiciona como parte do núcleo organizador da DAN (o grupo *cenario*). No segundo “Infernal Noise: the soundtrack of insurrection”, faz um relato mais detalhado e pessoal.

more and more of us, and thousands still arriving. There were stilt walkers dressed as butterflies, a giant inflatable whale blockading an intersection, a hip hop crew rhyming through a mobile sound system, a stage being built to double as a road blockade where performances would take place all day long, giant puppets, butoh dancers, acrobats. The sounds were incredible – the sound of drums resounding off skyscrapers, the sound of chanting and singing, the sound of laughter – no honking, no engines roaring. (NOTES FROM NOWHERE, 2003, p. 173)

Nós controlávamos as ruas, todas elas, e em cada direção para que olhávamos havia mais e mais de nós e milhares ainda chegando. Havia pessoas em pernas-de-pau vestidas de borboletas, uma baleia inflável gigante bloqueando uma intersecção, um grupo de *hip hop* rimando através de um sistema móvel de som, um palco sendo construído para ser também um bloqueio de rua onde haveria apresentações ao longo de todo o dia, bonecos gigantes, dançarinos butô, acrobatas. Os sons eram incríveis – o som de tambores ressoando nos arranha-céus, o som de palavras de ordem e de cantos, o som de gargalhada – sem buzinas, sem motores roncando.

Quando nas ocasiões de contra-cúpulas coalizões se formavam em torno da proposta de tomar as ruas, logo as relações entre protesto, festa e arte eram postas em movimento. Grupos como o núcleo criativo do Reclaim The Streets fomentavam em seus panfletos e textos circulados pela Internet propostas conceitualmente elaboradas, muitas vezes remetidas às análises de Bakhtin e do próprio Victor Turner.

Se a ação direta pode ser entendida como uma espécie de reação às mediações políticas estabelecidas ao longo dos anos 80 e 90 entre organizações da sociedade civil, Estados e instituições transnacionais, o impulso carnavalizante das contra-cúpulas da virada do século foi também uma reação à cristalização dos rituais de protesto mantidos até hoje pela maior parte das organizações de esquerda de caráter nacional, sindical ou partidário.

Existe uma preocupação permanente em distanciar-se das formas tradicionais de protesto: passeatas, discursos em carros de som, repetição de palavras de ordem. Tudo isso é visto como expressão de uma hierarquia que se quer abolir, e participar em um protesto tem que ser algo mais “ativo”. Nos Estados Unidos, ainda antes dos protestos de Seattle, grupos

anarco-feministas começaram a cultivar a prática de *radical cheerleading*, espécie de versão anti-capitalista dos grupos de animadoras de torcida com seus pompons, rimas e coreografias. A canção “Hell no we won’t”, reproduzida em um artigo de um jornal local da Califórnia em 2001, proclama a recusa de velhas palavras de ordem e protestos “chatos”.

Hell no we won’t
 Go there with those tired old chants
 My activism is more like a rant
 A rant of rage of resistance
 This system I speak out against.
 One, two, three, four
 Boring protest no more

Não, não vamos
 Lá com aquelas palavras velhas e cansadas
 Minha militância é mais como um berro
 Um berro de raiva de resistência
 Eu falo contra esse sistema.
 Um, dois, três, quatro
 Chega de protesto chato

As festas de rua do Reclaim the Streets pareciam responder ao mesmo descontentamento. O texto de Notes from Nowhere define o carnaval como espírito da resistência contemporânea ao capitalismo global, que preserva sua força apesar de ser na maior parte dos casos sancionado pelos Estados e incorporado aos mercados do entretenimento. O carnaval é associado assim à recusa das mediações habituais do capitalismo e também das mediações habituais da política e do próprio ativismo. Os ativistas citam o nome de Bakhtin para afirmar que o carnaval pode abolir as fronteiras entre atores e espectadores, ativistas de longa data e passantes curiosos, membros de sindicatos e grafiteiros, temporariamente indistintos numa “irrupção espontânea de alegria”.

O surgimento do Pink Block em Praga se articula em torno dessa mesma proposta carnavalizante. O cor-de-rosa, amplamente reconhecido como uma cor de “meninhas”, foi

assumido como uma tática, “forcement féminin”, afirma o verbete de M. Baba, “déconcertant, fragile et puissant”. Kate Evans, a cartunista inglesa cujo relato debochado integra o capítulo “Carnival” de *We are everywhere*, enfatiza o efeito da cor: “What was the action like? I can’t really describe it. It was pink. Our whole fucking march was pink” (NOTES FROM NOWHERE, 2003, p. 294). Linden Farrer, define a formação do bloco como um desdobramento da poética “parte *rave*, parte festival, parte teatro de rua, parte protesto” do Reclaim the Streets e de suas versões europeias, australianas e estadunidenses.

Pink and Silver combines the ethos of RTS by simulating roving street party carnivals with samba bands instead of sound systems. It utilises a set of colours to differentiate from other groups such as the dangerous tactics of the Black Block, the confrontational but less creative tactics of the White Overalls, the non-participatory marches of the NGO’s, the ineffective strategies of the socialist and leftists groups (whose banners and logos are predominantly red) and from the drab and militaristic uniforms of the police. (FARRER, 2002)

O Cor-de-rosa Prateado combina o ethos do RTS por estimular carnavais de rua móveis com bandas de samba ao invés de sistemas de som. Utiliza um conjunto de cores para se diferenciar de outros grupos, como as perigosas táticas do Bloco Negro, as táticas de confronto menos criativas dos Macacões Brancos, as marchas não-participativas das ONGs, as estratégias pouco efetivas dos grupos socialistas e esquerdistas (cujos cartazes e logos são predominantemente vermelhos) e dos uniformes sem graça e militaristas da polícia.

Se, como argumentei no Capítulo 1, as cores de algumas marchas (azul e amarela) de Praga designavam táticas constitutivas e esfumavam distinções de cor tradicionais (verde para ecologistas, negro para anarquistas, vermelho para comunistas), no caso rosa-prateado o uso da cor é praticamente inverso. Aqui o cor-de-rosa busca expressar e constituir uma variedade do ativismo baseada no conceito de “frivolidade tática”. Como indica a descrição de Farren, o Pink Block está ligado a múltiplas diferenciações, quer distanciar-se da ineficácia, do perigo e da falta de criatividade. No sítio da batucada britânica Rhythms of Resistance, a dançarina Rosie dá sua definição:

Tactical Frivolity is a space that exists in the gap between total compliance and violent confrontation. It is not driven by absolutes but by stretching the limits of understanding, to include all humans in a productive constructive course towards a joyous celebration of life. (RHYTHMS OF RESISTENCE, acessado em agosto de 2007)

A Frivolidade Tática é um espaço que existe no abismo entre a concordância total e o confronto violento. Ela não se guia por absolutos, mas pelo alargamento dos limites da compreensão, para incluir todos os humanos num fluxo produtivo construtivo rumo a uma celebração alegre da vida.

A tática é preencher de cor-de-rosa a lacuna entre obediência e confronto violento. Para que possamos entender essa posição, é preciso que tenhamos presente o significado dessa lacuna. Como busquei mostrar no Capítulo 2, ela não é um espaço vazio, e sim uma zona de atrito e polêmica no movimento anti-globalização, tema de discussões intermináveis e divisionismo, o espaço do “problema da violência”. Nessa arriscada fresta de sentido é que parece querer passar o bloco do cor-de-rosa choque.

No coração do bloco, uma “Samba Band”, que José Chrispiniano chama de “a pior escola de samba do mundo”, comandada por um baterista de Londres: “Se existe um líder que é seguido sem contestação no movimento, esse é o mestre de bateria” (CHRISPINIANO, 2002, p. 72). O jornalista descreve a partida da marcha rosa-prateada no dia 26 de setembro de 2000:

Diversos manifestantes usavam fantasias e a impressão não era de uma manifestação contra o FMI, mas de uma marcha do orgulho gay. Uma Maria Antonieta de peruca rosa posava para os jornalistas. Na linha de frente do grupo, uma imensa faixa horizontal, também cor-de-rosa, que servia para controlar o ritmo do avanço da marcha. Nela não estava escrito “eat the rich” (comam os ricos), “food not bombs” (comida, não bombas), revolução ou qualquer outro slogan político. Nela se lia em garrafais letras prateadas: SAMBA.

É certo que se tratava de um protesto contra o FMI. Muitas pessoas haviam viajado durante dias para participar dele. Contudo, aos olhos de Chrispiniano tudo parece deslocado: as fantasias, o clima “gay”, a mensagem pintada na faixa. Segundo B. Kagarlitsky, o cor-de-

rosa era o mais estranho dos blocos de Praga. Com poucos cartazes políticos, bandeiras de partidos e símbolos ideológicos estavam ausentes. Sua aparência era inofensiva a ponto de parecer absurda aos olhos do jornalista, em meio à atmosfera geral de batalha.

Uma explicação para esse estranhamento é dada por Morjane Baba, para quem o rosa-prateado representa uma radicalidade festiva por oposição às “cores da ideologia” escolhidas para demarcar identidades e práticas particulares. De forma análoga à cor dos Blocos Negros, o *pink* não é apenas a cor de uma bandeira, mas toda uma tática da extravagância. Kate Evans insiste em descrever repetidamente em termos de maravilha seu entusiasmo com as fantasias que seu grupo de afinidade preparava para a manifestação contra o FMI.

Vi was going to be a butterfly, Dee a Bird; Ronni made a huge spiral dress with polka dot skirts and a feather duster fairy-godmother wand. Caz started constructing nine-foot high samba dancer fantails which filled half the yard. A two-foot pink Marie Antoinette wig, a silver flash superman costume, a floor length tinsel ball gown (...) Tuesday came. We all dressed up. We rocked. (NOTES FROM NOWHERE, 2003, p. 294)

Vi seria uma borboleta, Dee um pássaro; Ronni fez uma grande roupa em espiral com saias de bolinhas e um espanador de pó varinha de fada-madrinha. Caz começou a construir uma cauda de destaque de escola de samba de quase três metros de altura que tomou metade do quintal. Uma peruca de Maria Antonieta de sessenta centímetros, uma fantasia prateada e brilhante de super-homem, um vestido de gala feito de cetim que ia até o chão (...) Veio a quinta-feira. Nos vestimos. Arrasamos.

Fantasiar-se, no protesto e no carnaval, significa brincar com as identidades. Segundo Morjane Baba, é brincar com as identidades políticas, com a identidade da militância e brincar ao mesmo tempo com identidades sexuais (BABA, 2003, p. 130) atribuídas à ação política. Reivindicar o cor-de-rosa, “uma cor totalmente boboca, não-ameaçadora” (NOTES FROM NOWHERE, 2003, p. 294), é deliberadamente bagunçar os símbolos do protesto pela “criação de outras aparências” (BABA, 2003, p. 93).

No Bloco Rosa são fantasias frívolas, fadas, princesas, *drag queens* que aparecem no

lugar das fantasias de confronto (as máscaras e capuzes dos *blackblockers* ou capacetes e escudos dos Tute Bianche), e a música e a dança festivas tomam o lugar do gestual do combate. Em vez de estarem “vestidos de manifestantes”, estavam vestidos como seres vindos de algum outro universo. Essa estranheza produzida pelo Bloco Rosa, que Chrispiniano também chama de surreal, tem uma eficácia muito particular. Foram grupos de *pinks* que conseguiram chegar até o centro de convenções onde ocorria a reunião do FMI e do Banco Mundial. No diário de Kagarlitsky lê-se:

The “pinks” seemed the most inoffensive, even absurd, but behind this were cunning and persistence. It was no accident that the dominant forces here were the Czechs and British. It was they who decided what the day’s outcome would be. (AGP, 2001)

Kagarlitsky identifica nos *pinks* uma força decisiva: seu jogo é estranho, mas astuto. Os checos conhecem o território e os britânicos trazem a experiência dos carnavais do *Reclaim the Streets*. Não são fortes, nem ágeis, nem bem-treinados. Sua tática, segundo Kate Evans, é uma forma de explorar a fragilidade, frente a frente com os homens encouraçados da tropa de choque, mostrar que “somos pessoas e não simplesmente coisas para bater”. O objetivo não parece ser, no entanto, “não apanhar”. Se assim fosse, o melhor a fazer seria evitar a polícia, e não ir de encontro a ela. A eficácia cor-de-rosa se confunde com uma espécie de amor-próprio, também descrito pela dançarina Rosie (*Rhythms of Resistance*, acessado em agosto de 2007) e ilustrado por Evans na figura de Caz, a “fada-madrinha” cor-de-rosa que conduzia o avanço do bloco.

We all got hit anyway, but there were some charmed moments. Caz hung back when others ran, walking in her huge silver costume. With her pink confection of hair and voluminous skirts she was like the figurehead of our march, a woman, alone. She and the line of pigs met, and they didn’t hit her, it was as if, for a moment, they couldn’t hit her; they pushed her instead. She fell and the crowd surged back for her, and the police were checked for a moment, seeing us all move. The next instant she was up again, but her wig came off; her head looked naked without it. The crowd surged again for the

wig and a copper booted it back to us. Caz was restored to full glory. She kept going, she really had no fear. (NOTES FROM NOWHERE, 2003, p. 294)

De qualquer modo, todos apanhamos, mas houve momentos mágicos. Caz ficou para trás, enquanto todos corriam, andando com sua grande fantasia prateada. Com seu arranjo de cabelo cor-de-rosa e suas saias volumosas, ela era como que a figura emblemática da nossa marcha, uma mulher, sozinha. Ela e a linha dos porcos se encontraram e eles não a puderam atingir, foi como se, por um momento, eles não pudessem atingi-la; então eles a empurraram. Ela caiu e a multidão voltou com tudo por ela, e os policiais ficaram parados por um momento, vendo nós todos em movimento. No instante seguinte ela estava novamente em pé, mas a peruca caiu; sua cabeça parecia nua sem ela. A multidão foi com tudo novamente pela peruca e um policial a chutou de volta para nós. Caz remontou-se à plena glória. Ela continuou, realmente não tinha medo.

Tudo termina, como sugere Evans, no lugar previsível em que os *pinks*, como manifestantes que nunca deixaram de ser, apanham da polícia. No entanto, por um breve momento, em que manifestantes e policiais estão alinhados cara a cara, o “encanto” cor-de-rosa parece operar uma suspensão. Suspende, possivelmente pelo absurdo, a dinâmica de jogo sacrificial que ordena polícia e manifestantes, ao mesmo tempo em que provoca os policiais e demais ativistas a entrar em outra dinâmica, um jogo não no sentido agonístico, mas no sentido lúdico. Querem operar sua mágica entregando-se ao ridículo: “sem heróis, nem mártires, nem machões”, como afirma o lema do Pink Block que reapareceria em Gênova em 2001. Segundo o texto de Notes from Nowhere sobre carnaval:

This playfulness works as a charm, protecting resistance against hierarchy and mediation; it’s the opposite of a barricade in that it prevents separation rather than enforcing it, it doesn’t allow for abstraction, for distancing yourself from your beliefs, your dreams and your struggles. It demands that you take yourself less seriously and have a good time. (NOTES FROM NOWHERE, 2003, p. 179)

Essa brincalhonicidade funciona como um feitiço, protege a resistência contra a hierarquia e a mediação; é o oposto de uma barricada, porque impede a separação ao invés de forçá-la, não permite abstrações, por distanciar você de suas crenças, seus sonhos e suas lutas. Exige que você se leve menos a sério e se divirta.

Essa brincadeira debochada que confronta os símbolos tradicionais da política seria também uma forma de intensidade. Mais uma vez essa intensidade é descrita como experiência do corpo, agora exultante, mas ela se diferencia da intensidade dramática de batalha assumida por outros grupos táticos. No caso do Bloco Amarelo de Praga, o deboche ainda estava presente. Chrispiniano e Kagarlitsky ressaltam o absurdo das armaduras de papelão, da música tecno, dos balões e pistolas de água com que os amarelos prometiam “liquidar o FMI”. No entanto, essa faceta lúdica, que os aparenta ao Bloco Medieval de Québec, parece dissolver-se no quadro das metáforas bélicas, dos escudos e capacetes. Os relatos dos mesmos autores, em particular o de Kagarlitsky, destacam a aparência ameaçadora do Bloco Amarelo. Quando a tática ressurge em Gênova com o Bloco dos Desobedientes, apesar de haver alguma graça no ar “brancaleônico” da paramentação, trata-se de um exército, tenso sob a ameaça de uma violência repressiva sem precedentes.

No ambiente arriscado de Gênova, o Bloco Cor-de-rosa, que mantinha a proposta, mas não a composição dos *pinks* de Praga, teve também um papel diplomático importante em meio às demarcações que cresciam entre diferentes grupos. Linden Farrer e Leyla Dahkli, assim como outros membros da rede francesa AARRG! (Aprentis Agitateurs pour une Réseau de Résistance Globale), nos oferecem relatos detalhados sobre a experiência *pink* em Gênova, desde sua formação, sua relação com os demais grupos e suas reações e idéias ante os dias de terror, morte e tortura.

Segundo Leyla, o bloco foi formado a partir de uma proposta original baseada em dois argumentos: a decisão de desobedecer, de mostrar a ilegalidade do muro que limitava a zona de segurança do G8, mas de fazê-lo “sans rassembler a ceux d’en face”, sem mimetizar o “outro lado”. Essa determinação implicava descartar todos os elementos de simbologia

militar: nada de uniformes, nada de capacetes ou escudos. O bloco foi batizado como *pink and silver* por referência direta ao bloco de Praga e pela definição da “nossa forma de lutar”: vestindo fantasias de fadas, palhaços, *cheerleaders*, pela zombaria, “sans héros, sans martyrs et sans machos”. Os pinks de Gênova, segundo atesta um documento anexado ao texto de Linden Farrer, tinham como objetivo, se possível, chegar ao palácio onde se realizava a cúpula do G8 e impedir a realização da reunião. Caso fosse impossível chegar até lá, comprometiam-se a reivindicar as ruas (*reclaim the streets*), criando um espaço para manifestações criativas de oposição. O documento também estabelece como regra que no grupo não se verão marcas, logotipos ou símbolos de organizações de nenhum tipo.

Abrir espaço é uma imagem central das ações de protesto, presente tanto no gesto de bloquear uma rua assim como no de apagar da paisagem o letreiro de uma multinacional. Uma das expressões mais citadas no campo do ativismo anti-capitalista para definir o sentido da ação direta é TAZ, sigla para Temporary Autonomous Zone – Zona Autônoma Temporária, descrita pelo anarquista Hakim Bey num livro de mesmo nome. A TAZ é a essência do levante, das insurreições que por sua natureza temporária que nunca chegaram a completar o destino trágico das revoluções traídas. O nome descreve em si mesmo um propósito: a liberação de um espaço das ordens políticas e culturais que ordenam o sentido comum de todas as coisas. A globalização capitalista é o nome dado a essa ordem cósmica, e o sentido do protesto pouco tem a ver com uma reivindicação pragmática. Todos os artifícios simbólicos estão sendo mobilizados no estabelecimento de uma zona “liberada” que estabeleça uma ruptura na ordem de poder celebrada pelas reuniões das instituições transnacionais. Mudar as opiniões correntes, segundo Kate Evans, é algo a se fazer “smashing peoples’ sense of reality” (NOTES FROM NOWHERE, 2003, p. 291) – confrontando o senso de realidade das pessoas, acabando com ele.

Esse sentido de deslocamento e suspensão, como busquei expor no Capítulo 2, está presente também na desobediência civil cultivada pela Ruckus Society em sua ritualização sacrificial do confronto, na performance metodicamente furiosa dos Blocos Negros, na paródia militar dos Tute Bianche. Mas é importante notar mais uma vez que esses arranjos simbólicos permanecem vinculados ao eixo da violência, uma zona tensa e cercada de não-ditos como um tabu. A forma *pink*, como vimos, parece recusar essa referência. Curiosamente, Leyla Dahkli define a forma de seu bloco como uma forma de luta. Se o gestual festivo e glamouroso aparece na luta como um paradoxo, talvez dissesse uma fada de cor-de-rosa que segura sua peruca enquanto corre da polícia, é porque está exatamente no lugar onde deveria estar.

Novamente o corpo aparece como síntese simbólica importante. É por meio dele que o carnaval acontece à beira da batalha, que o vestido de baile chega à linha de frente. Tanto no relato de Evans quanto no texto de Rosie, parece existir uma espécie de compromisso em não se deixar dominar pelo medo, manter-se acima dele num gestual que alterna uma celebração festiva e uma dança zombeteira, que de forma inusitada conjuga a determinação pacífica a uma altivez desobediente.

A tática rosa-prateada de Praga, sua busca de uma intervenção “mágica”, ganha nos relatos de Gênova uma nova dimensão. A repressão violenta parece sempre falar mais alto do que podem as táticas dos manifestantes, para quem poderia restar apenas o papel trágico de vítimas do Estado e de sua própria rebeldia esvaziada. Sob a ameaça englobante da “violência real”, é fundamental para Leyla a idéia de lutar “do nosso jeito”, uma forma que diferencia o poder potencial dos ativistas do poder que busca encerrá-los numa cultura do terror que também se alimenta perigosamente, “acabando com o senso de realidade das pessoas”. A

constituição de uma tática pink é também uma busca fugir desse papel de compactuação. “S’échapper, échapper et réchapper de cette folie. Ne pas en être, ne pas s’y abandonner” – escapar e resistir a essa loucura, não ser parte dela, não se abandonar aí, escreve Élise, integrante do mesmo grupo. Essa fuga impossível, “como dançar sobre um poste e escapar por uma fresta” (BEY, 2001, p. 12), nos oferece uma imagem relevante daquilo que ambas parecem chamar de *resistência*.

Nous le proclamions déjà dans notre marche rose: nous ne serions “ni des héros, ni des martyrs, ni des machos”. Nous avons confronté cela à la dure réalité de l’expérience. Nous n’avons pas trahi. Nous sommes restés fidèles quand bien même certains voudraient aujourd’hui nous transformer en héros ou en martyrs. Parce que ce serait plus reposant, plus rassurant. Parce qu’il y aurait alors moins à réfléchir, moins à inventer. Les schémas sont tout prêts, les analyses aussi.

Nós o proclamamos já na nossa marcha rosa: não seríamos “nem heróis, nem mártires, nem machões”. Nós confrontamos isso com a dura realidade da experiência. Nós não traímos. Permanecemos fiéis mesmo quando alguns gostariam hoje de nos transformar em heróis ou em mártires. Porque seria mais repousante, mais seguro. Porque haveria então menos a refletir, menos a inventar. Os esquemas estão todos prontos, as análises também.

Essa recusa dos esquemas e análises prontos aparece como necessidade de projetar-se por meio da ação de rua na direção de algo que não se encontra no mundo, de mundos sonhados, no caso *pink* uma espécie de celebração bacanal da vida que ocupa o lugar destinado às imagens de violência. A expressão que busca negar o jogo sacrificial é deliberadamente frívola. Quando em Praga a polícia finalmente avança sobre a marcha rosa, conta Evans, os delegados da reunião do FMI desaparecem, deixando apenas a imprensa “faminta por imagens de violência, que eu, com meu boá de plumas cor-de-rosa, não tinha a oferecer” (NOTES FROM NOWHERE, 2003, p. 295). Mesmo sob a investida repressiva, a fantasia escapa ao confronto, permanece absurda, deslocada, sem oferecer imagens compensatórias ao esquema englobante da “violência real”. Furtando-se aos símbolos cristalizados da política, a tática da frivolidade enfatiza a dimensão que uma história de heróis

mantém relegado à categoria do “supérfluo”.

Nous avons appris ce qui n'est pourtant pas digne de héros ou de martyrs, ce qui fait tâche sur la grande Histoire sacralisée: cette multitude de chaînes de solidarité où chacun importe, dans ses aspects les plus concrets, les plus futiles et les plus désuets. (AARRG, 2001)

Nós descobrimos aquilo que, no entanto, não é digno de heróis ou mártires, aquilo que mancha a grande História sacralizada: essa multidão de correntes de solidariedade em que cada uma importa, em seus aspectos mais concretos, mais fúteis e mais em desuso.

Essa visão sarcástica da grande História, implícita na recusa do que nela são papéis convencionais de protagonismo, indica que uma cultura de protesto como a dos Blocos Rosa não pode ser compreendida por meio de uma noção cumulativa da história ou de uma estratégia revolucionária nos termos tradicionais. Tratamos aqui de expressões políticas resistentes a fixarem-se numa linearidade cumulativa. O manual de Morjane Baba se apresenta pela negatividade: “Este não é um livro sobre os movimentos anti-globalização. Aliás este não é realmente um livro. (...) Ele é desobediente à escritura da história e das leis. Ele é recusa a colaborar, recusa de falar uma só língua, de falar por uma só voz. É uma dissonância” (BABA, 2003, p. 5).

Escapar da história não quer dizer, no entanto, que essas constelações simbólicas sejam desprovidas de uma historicidade, como se os protestos e as zonas temporárias se bastassem enquanto soluços esparsos fora do tempo. O grau de complexidade condensada alcançada nos momentos de protesto de rua constitui uma espécie de um ponto de fuga, constantemente perseguido e evocado pelas representações discursivas ou iconográficas do movimento, e tem um papel dinâmico na construção do que estamos chamando de movimento anti-globalização, enquanto fenômeno cultural e político. Em “Sobre o conceito de história”, Walter Benjamin identifica um sentido comum de esperança emancipatória manifestando-se

como sutilezas poéticas, destilando-se no tempo assim como as fórmulas simbólicas densas cujo encadeamento Aby Warburg buscou reconstruir:

É uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais as refinadas e espirituais não são possíveis. Mas na luta de classes essas coisas espirituais não podem ser representadas como os despojos atribuídos ao vencedor. Elas se manifestam nessa luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza, e agem de longe, do fundo dos tempos. (BENJAMIN, 1986, p. 224)

O clímax dramático do protesto é quando esse refinamento se manifesta num momento de perigo. A densidade imagética desse conjunto consiste, nos termos de Warburg, numa “ferramenta” que pode trazer à vista não apenas sentidos dos eventos isolados, mas perspectivas sobre como se constroem sentidos comuns para seqüências de ações e eventos, de uma forma particular de memória e historicidade⁸.

Sugiro que, de forma tensa e contraditória, esses protestos anti-globalização foram feitos de formas expressivas que não obedecem à lógica, nem à temporalidade, nem à concepção política “estratégica” e revolucionária que muitas vezes lhes são atribuídas em outros espaços discursivos. No entanto, fornecem a material indispensável para uma memória de resistência e renovação utópica que quer apontar para “fora” do horizonte do possível da globalização hegemônica.

Élise escreve depois das jornadas de Gênova:

Pas de grands discours politiques, pas d’analyse virtuose de la situation. Juste quelques mots pour rassurer, se tenir chaud. Une grammaire minimale. Un souffle à préserver. Ce qui meurt, meurt assurément. Et ce qui naît, ne naît pas encore. (AARRG, 2001)

⁸ “Extraer el elemento figurativo, en su fuerza plasmadora, del estado de conservación objetivado en la tradición y intercambiarlo con la imagen evocada por el estímulo de un instante es una magia que revela leyes de desarrollo desconocidas hasta ahora, si se va al encuentro de ella con el instrumental de nudo histórico formado por la imagen, la palabra y la acción.” Testemunho de Aby Warburg sobre o Warburg Institute (BURUCUA, 2002, p. 154).

Sem grandes discursos políticos, sem análise virtuosística da situação. Só algumas palavras para assegurar, para manter-se aquecidos. Uma gramática mínima. Um sopro a preservar. Aquilo que morreu, morto com certeza. Aquilo que nasce, não nasceu ainda.

A gramática mínima por oposição ao grande discurso político corresponde a um momento de liminaridade: o que havia antes morreu e o novo não nasceu ainda. Mas se olharmos ao redor, para fora do intimismo do texto de Élise, veremos que minimização do discurso político tradicional, associada à recusa de uma forma de historicização (*analyse virtuose de la situation*), sustenta-se no contraste com a exuberância teatral da ação de rua. Nesse caso, como em outros, o movimento anti-globalização é vivido como experiência paradoxal que a um só tempo nega e persegue um sentido universal de transformação histórica.

CAPÍTULO 4. SÍNTESES E DESMANCHES

4.1. Fim e começo: sentidos da ação de rua no movimento anti-globalização

Apesar de aparecerem tantas vezes vinculadas à expressão “movimento global” as formas de suspensão e deslocamento de sentidos, as táticas de duplicação do mundo construídas nas contra-cúpulas nunca correram o risco de tornar-se um modelo planetário de ação política. Como busquei indicar na introdução, o período de auge das contra-cúpulas, em que as imagens da carnavalização e da coordenação descentralizada da multiplicidade de táticas ganharam densidade, foi movido por protagonistas situados em condições específicas (embora mutáveis) na Europa e nos Estados Unidos. Elas não constituem um verdadeiro movimento mundial de movimentos capaz de mudar o mundo, apenas oferecem metáforas das brechas de tempo e espaço em que se pode sonhar com ele.

Tais metáforas não são inócuas. O peso dessas manifestações de rua é amplamente reconhecido nas análises militantes e acadêmicas a respeito do movimento anti-globalização. Para Aguiton, manifestações como as de Seattle e Praga tiveram a característica de “reabilitar a idéia de que a relação de força é necessária”, e dar demonstrações de “vitalidade e poder” (FISHER; PONNIAH, 2003, p. 263), afirmando que algumas dezenas de milhares de manifestantes produziram mudanças de cenário e chamaram mais atenção do que anos de *lobby* e negociações conduzidas por ONGs (AGUITON 2002, p. 94).

Este trabalho consiste num esforço de dirigir o olhar antropológico para a densidade simbólica da ação e construir uma análise na qual não escapem os elementos que, nos termos

da militância, integram noções de *força criativa*, *resistência*, *esperança* – todos eles termos fundamentais nos desdobramentos teóricos e especulações estratégicas sobre o movimento anti-globalização.

Baseada na combinação de táticas de confronto, referências ideológicas e elementos simbólicos, a ação de rua se mostra um espaço vivo e tenso de reforço, deslocamentos e produção de significados. Os três episódios abordados aqui possuem uma série de elementos comuns. Entre eles estão a chamada “ação direta”, percebida como expressão comum de um movimento, a orquestração da ação pública entre grupos de identidades e táticas distintas e a idéia do protesto como liberação de espaços ordinariamente regulados por uma ordem definida como capitalista, opressiva e homogeneizante. Se, nos termos de Tarrow (1999), poderíamos nos referir ao movimento anti-globalização menos como um movimento estruturado e mais como um ciclo de lutas (*contention cycle*), o período de “Seattle a Gênova”, marcado pelo protesto de rua, terá sido um dos pontos de maior de efervescência e repercussão desse ciclo. Esse período representou o pico das chamadas “contra-cúpulas” em termos de participação, criatividade e impacto midiático.

Gustavo Lins Ribeiro⁹ nos oferece um esquema triangular simplificado desses protestos: realiza-se uma reunião oficial de um organismo internacional que reúne figuras de poder, cercadas por grandes aparatos de segurança, num evento espetacular projetado mundialmente pelos meios de comunicação; ativistas se reúnem no mesmo local para realizar protestos e fóruns paralelos de caráter igualmente espetacular; por fim as autoridades nacionais buscam controlar o espaço público isolando a reunião oficial das ações de protesto

⁹ No original em inglês: “Street demonstrations as counter-hegemonic mega global events are thus informed by the same triangle that structures other non-hegemonic global events attracting worldwide attention: 1) the rich and powerful gather in impressive scale 2) the alternative trans-national agents meet in impressive scale 3) national and local authorities try to control their public spaces, in order to control the mediascapes that are produced from their territories” (RIBEIRO, 2006, p. 10).

(RIBEIRO, 2006, p. 10). Minha análise esteve centrada no segundo elemento desse triângulo, em particular na dimensão espetacular do protesto (não dos fóruns) e na sua relevância para atores engajados na construção de um movimento e, ao mesmo tempo, em permanente tensão com as implicações dessa construção.

Para compor um recorte centrado na ação de rua, parti das aproximações notáveis entre as formulações de ativistas a respeito do que fazem e as referências e questões teóricas ligadas à antropologia das formas expressivas. Essa abordagem possibilita tratar com mais recursos o caráter paradoxal do objeto de pesquisa: um “movimento de movimentos”, noção que supõe simultaneamente universalismo e recusa uma definição unitária. Ao mesmo tempo a análise atenta não pode assimilar nem as imagens unitárias, nem as de multiplicidade e diversidade recorrentes no discurso militante sem antes se perguntar o porquê da importância dessas imagens e indagar sobre os processos pelos quais se constrói seu sentido. O caráter performático dos protestos é uma chave para entender esses processos simbólicos tal como se posicionam com relação a uma particular apreensão do mundo e de seus dilemas.

Na origem das mais espetaculares táticas de protesto no movimento anti-globalização está a percepção de que a ação política está situada em um mundo sombrio, crescentemente militarizado, governado por instituições injustas a serviço de elites isoladas em fortalezas, embevecido pela fantasmagoria incessante das mercadorias. Nesse mundo as revoluções foram repetidamente traídas, os discursos emancipatórios apropriados pelos esquemas de dominação, os conteúdos subversivos diluídos na esfera do consumo e as possibilidades de organização coletiva canalizadas, seja pelos modelos de gestão empresarial, seja por uma lógica de disputa do poder que mimetiza o funcionamento do mercado. Diante dessa percepção, “o deslocamento das referências que organizavam a percepção do mundo e da

ação política é enorme”, afirma José Corrêa Leite (2003:26) em sua introdução uma história do Fórum Social Mundial.

Minha leitura dos protestos de Seattle, Praga e Gênova está centrada em como, na construção da idéia de um movimento anti-globalização, esses deslocamentos da política foram articulados de maneira notavelmente reflexiva na medida em que eram postos em cena por meio da ação de rua. O uso dos recursos teóricos da antropologia das formas expressivas permite destacar matizes dessa articulação que se revelam com frequência “à margem”, nos limites do “dizível”, nas fronteiras do que pode expressar-se como ideologia identitária. Essa atenção às sutilezas periféricas ao discurso político tradicional, e mesmo à paradigmas tradicionais de análise, é muitas vezes sugerida pelas próprias formulações dos ativistas, interessados em evitar as dinâmicas comuns de disputa identificadas a formas “velhas” de militância. O esforço de análise aqui está dirigido para essas fronteiras, em que no limite do “dizível”, algo está sendo dito sobre o sentido da ação política que se inscreve, como sugeri inicialmente, na relação crítica com as formas políticas “possíveis” de sua época.

Há algo de importante na eloquência dramática e carnavalizante desses rituais políticos de confronto e exibição: aí reside, em grande medida, o estranhamento, a suspensão de sentidos ordinários, duplicação temporária do mundo que torna sensível uma intenção histórica desviante (BAKHTIN, 1987). Na ordem mundial estabelecida, os grupos da ação direta são “um bando de perdedores”, na definição do astro pop britânico Bob Geldof em uma entrevista ao repórter A. Cramb, num momento de irritação com a atitude de confronto de muitos ativistas durante a reunião do G8 em Gleaneagles, Escócia, em 2005. Geldoff, um dos colaboradores famosos da campanha “Make Poverty History”, organizada por agências de cooperação internacional, ridicularizou os “manifestantes violentos” como palhaços

anarquistas, por pensarem poder fazer uma revolução mundial “ficando em pé em cima dos bancos de praça e batendo na polícia” (CRAMB, Telegraph, 2005).

José Chrispiniano elabora seu estranhamento com relação aos protestos de Praga, vendo os ativistas seriamente engajados em realizar algo que em outro contexto lhe parecera uma loucura:

A primeira vez em que eu ouvi falar do Banco Mundial foi durante o congresso de estudantes da USP em 1998 (...) Achava uma loucura ficar discutindo aquilo. O que poderíamos fazer? Ir até a salinha onde funcionava esse tal Banco Mundial e encher de socos a meia dúzia de “mestres do mal”? Dois anos e milhares de quilômetros depois eu estou em uma sala, assistindo a uma coletiva (de imprensa) das pessoas que decidiram fazer algo parecido com isso. (CHRISPINIANO, 2002, p. 37)

Em Gênova viu-se os ativistas do bloco dos Desobedientes marcharem contra as barreiras policiais, “protegendo” seus corpos por armaduras feitas de papelão, espuma e borracha de uso doméstico. Numa imagem de Praga, vemos uma pessoa (talvez a “fada-madrinha” Caz, do relato de Kate Evans) vestida como uma *drag queen*, correndo da tropa de choque encouraçada enquanto segura sua enorme peruca cor-de-rosa. Em Seattle manifestantes usam seus corpos para bloquear o tráfego nas ruas, enquanto outros quebram vitrines para abolir o capitalismo. Não me parece que possamos entender esses sujeitos buscando parâmetros para definir se suas ações são ou não “revolucionárias”, nem podemos avaliar essas ações segundo sua eficácia pretendida com relação a uma reivindicação específica. Explorar a idéia de que esses protestos contêm uma dose de “loucura”, algo de irreduzível aos termos convencionais da ação política, pode nos levar a análise mais adiante.

O período de Seattle a Gênova, marcado pelas contra-cúpulas na Europa e na América do Norte, ficou encerrado no tempo como uma breve erupção espontânea, como um processo cuja própria força descentralizada e flexível fadava ao desaparecimento. Na leitura de Sidney

Tarrow, essas virtudes terminam condenando as coalizões formadas em torno dos eventos de protesto a uma vida curta, em que se perde a capacidade de desenvolver “programas concretos”, em que a falta de líderes favorece que a criatividade tática dê lugar à violência e a falta de regras institucionais resulte em vanguardismos pouco democráticos (TARROW, 2005, p. 176-177).

No entanto, se voltamos a atenção etnográfica para decifrar o cerne de intensidade da experiência dos protestos de rua, observamos que essas práticas e seus sentidos não são formulados com relação à obtenção de ganhos objetivos, mas de transformações de outro tipo – mais em termos de “tornar-se” que de “obter”, como define Sherry Ortner na problematização de uma leitura da ação inspirada por Gramsci (ORTNER, 1984, p. 396). É nesse sentido que os termos da antropologia da performance ou da história da arte parecem adequados para apreender a dimensão processual e reflexiva do protesto político como um “tornar-se”, um deslocamento dos sujeitos com relação ao mundo e com relação a si mesmos.

Sugiro que, muitas vezes, é a essa dimensão que se deve a centralidade da noção de ação direta para movimento anti-globalização. Não há dúvidas de que nos protestos citados a ação direta também tem objetivos práticos: impedir uma reunião, bloquear uma rua. Contudo fazê-lo supõe uma carga simbólica que não se esgota numa lógica de “solução de problemas” (trata-se até mesmo de “criação de problemas”), mas se relaciona com imagens e ideais daquilo que constitui o “bem” com relação a pessoas, relações e formas de vida (ORTNER, 1984, p. 396). Mais do que um ponto numa lógica estratégica linear, ela é uma recusa das racionalizações “estratégicas”, cujo efeito é uma espécie de contenção da experiência.

Morjane Baba define, no verbete *ação direta*:

Ne pas attendre. Refuser de mettre en *stand by* notre révolte d’ici et de

maintenant, que ce soit o nom du respect de la loi, de l'attente du Grand Soir ou de la confiance dans la lente marche du progrès (BABA, 2003, p. 68)

Não esperar. Recusar aqui e agora a colocar em *stand by* nossa revolta de aqui e de agora, seja por respeito à lei, seja por esperar a Grande Noite, seja por confiança na lenta marcha do progresso.

A ação política na linguagem da ação direta, deve ser “uma forma concreta (embora provisória) da própria vida” (BAKHTIN, 1987, p. 6). Com ceticismo semelhante ao do verbete de Baba, Rosa Luxemburg resgatava o verso de Goethe, “no princípio era a ação”, para combater o parlamentarismo na social-democracia alemã. Segundo Isabel Loureiro, é nos termos dessa paixão pelo princípio detonador da prática que a política aproxima-se mais da tragédia que do cálculo pragmático. Por meio desse exemplo, a autora também sugere uma relação entre o “coração da política revolucionária” e a arte dramática, no sentido de “manter unidos o que é e o que pode ser” (LOUREIRO, 2003, p. 277-280).

Este coração já não bate como batia o de Rosa Luxemburg, certamente não na mesma cadência. No entanto essa “arte do impossível” permanece viva na noção de ação direta no contexto do movimento anti-globalização, quando as antigas formulações e práticas da política revolucionária há muito perderam seu efeito e as novas formas da política e da revolução ainda estão por ser inventadas. Ela começa com o esforço, talvez sem precedentes, de gerar convergências de ação sem que uma alternativa global ou grande estratégia normativa tenham sido formuladas. Antes dos fóruns sociais, as coalizões formadas em torno de eventos de protesto buscavam soluções e verificavam os limites da “unidade na diversidade”, coordenando pequenos grupos autônomos em torno de um alvo comum, mas relativamente muito mais simples e concreto: um muro a ser transposto, o bloqueio de um acesso, a manutenção temporária de um pequeno território urbano “liberado” – um experimentalismo que busca encontrar novos ritmos coletivos.

Essas experiências da diversidade de táticas, como se poderia imaginar, são carregadas de tensão. No Capítulo 2 busquei explorar os conflitos em torno do “problema da violência”, um lugar comum e eixo de conflitos cuja polarização é vista como um dos fatores que contribuíram para a decadência do ciclo de contra-cúpulas. Enquanto alguns grupos colocam em prática um modelo norte-americano de desobediência civil não violenta, centrado em técnicas disciplinadas de resistência às forças da ordem, outros grupos, conhecidos genericamente como Black Blocks, caracterizam-se pela postura agressiva de destruição de símbolos do capitalismo global, com ataques verbais contra a presença da polícia, cujas investidas revidam com paus e pedras. Ambos os pólos nessa diferença de táticas exploram performaticamente a relação entre protesto e violência. Essa relação reveste o protesto da qualidade sacrificial descrita por Girard: um jogo simbólico ambíguo composto tanto pelo gesto que canaliza a violência dispersa ou dissimulada da sociedade quanto pela imobilidade da vítima que o pacifica e neutraliza. Tanto a postura de mártires dos não violentos quanto a fúria “arruaceira” dos Black Blocks podem ser entendidas como mediações performáticas cujo efeito potencial é desviar a força da repressão policial inserindo-a numa ordem simbólica temporária alternativa. Em grande medida, como numa arte dramática, o ápice de seu poder de deslocar significados está não em resolver, mas em acirrar ao máximo uma tensão sempre violenta entre as forças da ordem e o protesto enquanto um desvio.

Ao mesmo tempo em que esse arranjo de táticas de mediação pode colocar em cena deslocamentos maiores, duplicar o mundo, ele é extremamente frágil, tensionado internamente pelas posições diferentes que cada grupo quer ocupar no jogo do sacrifício e parcialmente dependente de um equilíbrio arriscado com um poder de controle cuja violência escapa a qualquer dessas mediações. Brinca com o perigo ao explorar as fronteiras do medo e do imaginário da violência de que se alimentam as políticas de terror, arriscando-se, assim, a

compactuar com o inimigo.

As táticas carnavalizantes, entretanto, partem da recusa dessa margem de compactuação. O importante é não se assemelhar ao “lado de lá” e situar-se fora do universo de heróis, mártires e machões cujos contornos tradicionalmente ditam os limites da política. Assim aparecem os blocos rosa-prateado, servindo-se de todo tipo de frivolidade para escapar a metáforas militares, ao medo e ao paradigma da violência: em vez de uniformes, as fantasias glamourosas, em vez das palavras de ordem, a música, em vez de soldados, fadas. Trata-se também, nesse caso, de uma tática baseada no deslocamento, na instauração de um território de absurdo em que a invencibilidade do grande poder global, encarnado pela OMC, pelo FMI, pelo G8, pelos Estados e por seus exércitos, cesse, ao menos temporariamente, de determinar o sentido de todas as coisas.

São várias as aproximações possíveis entre essas táticas de deslocamento e as formulações de Turner a respeito da dimensão liminar dos dramas sociais: momentos de suspensão, em que é possível brincar perigosamente com os sentidos da ordem social, em que os indivíduos se vêem deslocados de si mesmos e os arranjos simbólicos podem funcionar “como se”. Mas se na teoria de Turner o límen e a crise se encaminham para um desfecho, uma reafirmação da ordem original ou sua reacomodação em novos termos, essa espécie de teoria nativa da liminaridade estabelecida pela ação direta está focada na suspensão. Poderíamos até mesmo entender os protestos como um momento fundamental de negatividade e crise do processo mais amplo que se convencionou chamar de movimento anti-globalização. Sua importância nesse processo vem dessa intensidade fugaz, que não dispõe de meios para restabelecer a ordem, de um conteúdo “selvagem” como o que Roger Bastide atribui ao maio de 68: “a contra-cultura que não pode, nem quer, terminar em outra

cultura” (BASTIDE, 2006, p. 270).

Avaliando a dimensão política atual dos esforços contra-hegemônicos na globalização, Gustavo Lins Ribeiro propõe uma distinção entre os atores que poderia reforçar o aspecto de negatividade dos protestos de rua. Ribeiro distingue uma corrente “altermundialista”, que se refere prioritariamente ao mundo das ONGs. Sob o lema de que “outro mundo é possível”, essa tendência veria a globalização como um processo inevitável, mas que pode e deve ser *regulado*. Outra corrente refletiria uma posição diferente, mais radical, que vê a globalização como um processo que não é inevitável: pode ser barrado ou radicalmente transformado. A expressão por excelência da primeira tendência seriam os espaços de diálogo e proposição dos fóruns sociais. A da segunda, os protestos de rua.

Embora a distinção feita por Ribeiro corresponda a categorias recorrentes no debate anti-globalização, precisa ser entendida como uma relação dinâmica. Quanto a isso, a questão que se coloca neste trabalho é em que medida as manifestações de rua tiveram importância na formação da noção de um movimento global capaz de tornar visível a permanência de aspirações utópicas que o capitalismo triunfante parecia ter definitivamente enterrado (AGUITON, 2002; BENSALID, 2003; LOUREIRO, 2002). Essa noção é central no processo dos Fóruns Sociais Mundiais. Criado em contraposição ao Fórum Econômico Mundial realizado anualmente pelas elites hegemônicas, o Fórum Social Mundial (FSM) se apresenta como um ritual periódico de integração, fortalecimento e renovação de elites políticas alternativas em que a institucionalização, as hierarquias e as estruturas aparecem de forma muito mais pronunciada do que nas manifestações de rua. O FSM é definido muitas vezes como um passo além, positivo, com relação às grandes manifestações de rua, como no texto de Ignacio Ramonet, diretor do *Le Monde Diplomatique*, publicado por ocasião do primeiro

FSM. Trata-se de um encontro

Non pas pour protester, comme à Seattle, à Washington, à Prague et ailleurs, contre les injustices, les inégalités et les désastres que provoquent, un peu partout dans le monde, les excès du néolibéralisme

Mais pour tenter, dans un esprit positif et constructif cette fois, de proposer un cadre théorique et pratique permettant d'envisager une mondialisation de type nouveau et d'affirmer qu'un autre monde, moins inhumain et plus solidaire, est possible. (RAMONET, 2001)

É importante ressaltar que as expressões de protesto e ação direta participaram dos Fóruns Sociais Mundiais desde seu início. Ribeiro registra alguns episódios de tensão entre forças alter e anti-globalização que reforçam essa categorização ao mesmo tempo em que indicam uma importante dinâmica de interação entre as duas “tendências”. Por exemplo, em 2001, durante o primeiro FSM, um grupo de jovens apontados como *punks* e anarquistas contrariou as orientações da organização do fórum tentando ocupar uma loja McDonald's no dia da “marcha de abertura” do evento. Mais tarde, ativistas da Via Campesina, entre os quais o líder anti-globalização francês José Bové, invadiram campos da transnacional de insumos agrícolas Monsanto para protestar contra os produtos transgênicos “em defesa da pequena agricultura” (AGÊNCIA FOLHA, 26.01.2001).

No entanto, tratar os protestos simplesmente como expressões de negatividade seria uma redução forçada, que sugere uma interpretação pautada pela lógica da “obtenção”. As ações de rua no contexto de Seattle, Praga e Gênova são concebidas e percebidas posteriormente também como nascedouros, momentos de intensificação de uma capacidade criativa que os espaços dos fóruns frequentemente se limitam a avaliar e explicar. Como busquei destacar nos Capítulos 2 e 3, essa intensidade está vinculada ao envolvimento do corpo implicado na ação direta. Existe uma relação implícita entre essa dimensão corporal e a noção de radicalidade, atribuída, muitas vezes de fora, ao universo da ação de rua. É sabido

que as grandes instituições alvo das manifestações anti-globalização também respondem abrindo espaços e possibilidades de negociação. Nesse espaço de negociação, ocupado pela Sociedade Civil, que Ribeiro qualifica como “altermundialista”, a dimensão intensa da corporalidade está muito mais contida, trazida à tona, vez por outra, por alguma ação debochada ao estilo “torta na cara” de parte de alguém que será provavelmente identificado como membro de algum grupo radical. Do ponto de vista dessa ordem, a política que envolve o corpo é uma forma política rebaixada. A manutenção dos espaços de negociação deve, ao menos temporariamente, rechaçar o teor corporal da confrontação, assim como no confronto “radical” da rua o gesto de rebeldia que mobiliza o corpo vai contra toda possibilidade de reconciliação com a ordem dada das coisas.

Também do ponto de vista da ação direta a organização rizomática (*grassroots organizing*) dos grupos de afinidade, o radical, a “base” e o confronto de rua chegam a ser concebidos topograficamente “abaixo” das salas de negociação. Em Gênova aprendi que a expressão italiana equivalente a “sair às ruas” é “*scendere in piazza*” – descer para a praça. Mas esse baixo, “material e corporal”, voltando às imagens de Bakhtin, é ambivalente, a um só tempo terreno de negatividade e criação: “o baixo é sempre o começo”. Também Bastide revela ambivalência semelhante encontrando em seu “sagrado selvagem”, categoria da desordem e do disfuncionamento, uma tentativa desajeitada de começo.

Permitam então que eu veja, nessas experiências de sagrado selvagem, mesmo que desajeitadas ainda, o desejo de retomar o gesto de Moisés batendo com a vara – mesmo que os psicanalistas só queiram ver nela uma vara fálica – no solo ressecado, para ver se jorrava a água que faz florescer os desertos. (BASTIDE, 2006, p. 275)

4.2. Um sentido como um lugar na história

Para Michel Leiris, também a experiência reveladora “deve seu fulgor ao fato de estar na encruzilhada de uma união e de uma separação, de uma acumulação e de uma dissipação” (LEIRIS, 2001, p. 12-13). Pensando com os termos de Tarrow, poderíamos definir esse aspecto “selvagem” do protesto como uma contradição entre a intensidade de envolvimento e sua impermanência no tempo. Parece-me importante evitar enquadrar as práticas de protesto de Seattle, Praga e Gênova num diagrama político pré-estabelecido, um enfoque pragmático ou funcionalista da ação política para que essa densidade simbólica não seja suprimida. É fundamental ir além de uma análise polarizada: por um lado, escapar de identificar os protestos como uma série de rituais auto-referentes que terminam formando parte da “inevitável” reprodução da dominação ideológica em escala global; por outro, fugir de exaltá-los superficialmente como se fossem manifestações diretas da capacidade de resistência de setores sociais subalternos (ZUBIETA, 2004, p. 236).

O enfoque proposto traz então a necessidade de reflexão sobre questões compartilhadas entre antropologia e história sobre a implicação de diferentes enfoques da cultura para a análise dos acontecimentos e das transformações políticas. Acredito que o problema da historicidade contribui fundamentalmente para afastá-la de uma possível redução da complexidade dos fenômenos sociais a termos de representação e auto-representação, manipulação e gestão de imagens e discursos (WEIRNER, 1996, p. 251-252), o que implicaria certamente uma leitura superficial das categorias da arte e da *performance*.

Espero estar consciente disso o suficiente para ter evitado a armadilha de construir uma simples “estetização” do fenômeno político e cultural. Segundo James Weirner, o ambiente estetizante na antropologia corresponde à tendência de virtualização das relações espaciais e de tempo, no sentido de que as noções de “perto” e “longe” são cada vez mais

simuladas pelos meios de comunicação do que evocadas em termos absolutos de distância geográfica ou “presente” e “passado”. Vivemos, segundo o autor, uma generalização das representações virtualizadas ou “televisadas” como tema dominante da política global. Essas transformações nas práticas de representação também afetam a perspectiva antropológica, convidam à reduzir a dimensão cultural a um problema de arquiteturas das imagens. Um exemplo desse tipo de representação reduzida é a imagem do “mosaico de lutas”, largamente utilizada para descrever o movimento anti-globalização, facilmente assimilável por uma antropologia que aceite representar o mundo como uma colcha de retalhos cultural.

A dimensão midiática é de fato um aspecto marcante dos protestos anti-globalização. Para José Chrispiniano, que publicou no Brasil sua reportagem sobre as manifestações de setembro de 2000 contra o FMI e o Banco Mundial em Praga, “cobrir um acontecimento assim e fingir que ele é um acontecimento em si mesmo, ignorando a mídia em torno dele, é como atuar em uma peça de teatro fingindo que há uma ‘quarta parede’ onde está a audiência do espetáculo” (2002, p. 39). O jornalista chega a definir o conjunto, nas palavras de um ativista anônimo, como uma batalha fotográfica para chamar a atenção do mundo. No entanto, a importância dessa dimensão, como sugere a observação do jornalista, não pode nos levar a reduzir o “texto” do protesto aos textos da mídia. As ações de rua podem ser entendidas, como propõe Ribeiro, como “dispositivos de comunicação”, mas a ideia de dispositivo não é uma totalidade significativa em si mesma e não se sustenta fora de uma análise que a insira na ideia do movimento enquanto um verdadeiro processo cultural. Para que a “dimensão midiática” - assim como os termos “unidade na diversidade”, “ação direta”, “problema da violência” e “frivolidade tática” - seja mais do que um conjunto de imagens justapostas, precisa ser entendida como forma de mediação simbólica que articula tensões num lugar da história: o lugar em que as formulações da ação política emancipatória e de horizontes

utópicos estão simultaneamente se desfazendo e se renovando.

Entre as contradições que os protestos anti-globalização colocam em movimento está sua própria relação com a idéia da história. A obsessão com a descentralização e a horizontalidade se desdobra na recusa de um discurso histórico único ou sistemático. Em particular, a tática do deboche e do carnaval buscam preservar a ação e o movimento da disputa de poder, vista como movimento cíclico, faz da história das lutas e revoluções a história do “tornar-se igual ao lado de lá”.

As notícias das contra-cúpulas no movimento anti-globalização, de que se dizia terem sido organizadas “pela Internet”, difundiram uma idéia de desenraizamento que não corresponde à aspiração dos manifestantes, como indica a síntese do editorial de Days of Dissent:

The movements are firmly rooted in the local: in collectivised farms in Chiapas, occupied social centres in towns and cities across Europe, self-managed factories in Argentina, seed sharing projects, small action collectives, prisoner support initiatives and independent publishing projects across the globe. Each of them trying, in their different ways, to dismantle the structures of power which permeate every aspect of our lives and to return a sense of humanity to our existence.

Os movimentos são firmemente enraizados no local: em fazendas coletivas em Chiapas, centros sociais ocupados em cidades e metrópoles pela Europa, fábricas auto-gestionadas na Argentina, projetos de compartilhamento de sementes, pequenos coletivos de ação, iniciativas de apoio a prisioneiros e iniciativas editoriais independentes pelo mundo. Cada um deles tentando, em seus modos diferentes, desmantelar as estruturas de poder que permeiam cada aspecto de nossas vidas e trazer de volta um sentido de humanidade à nossa existência.

Sua utopia se quer inversa à da mão invisível do mercado: é apegada ao concreto, nostálgica da terra, do trabalho e de comunidades, de tudo que preserva uma escala humana, a escala do corpo humano. É nesse plano, rente ao chão, que se constrói a intensidade das coalizões de evento. Ela é feita de afinidades, de habilidades manuais, de improvisação, sacos

de dormir, cozinhas, caronas, hospitalidades, odores e discussões necessariamente intermináveis em que algo sempre deve permanecer não dito. Para escapar à maldição da história, a unidade dos diversos não pode ser enunciada em termos ideológicos. Só pode realizar-se como uma prática, dilapidando-se em ultrapassar os limites do possível (LEIRIS, 1966, p. 262).

A (im)possibilidade de que a multidão fragmentada de expressões políticas, que, de alguma forma, nesse começo de século associaram-se ao movimento anti-globalização, possa expressar-se por uma voz comum tornou-se a polêmica central dos fóruns sociais nos anos seguintes às manifestações contra o G8 em Gênova. A questão já não era apenas “qual é a alternativa”, mas “quem” teria a legitimidade de expressá-la. Os momentos de protesto não oferecem resposta para essa ou outras perguntas, mas contribuíram, em seu caráter transitório, para torná-las sensíveis.

Acredito que nos dramas de Seattle, Praga e Gênova emergem questões ainda insolúveis sobre ação e transformação histórica, seus limites e possibilidades. Esse conjunto de questões de difícil formulação é provavelmente o mistério magnético em torno do qual um movimento anti-globalização tenha se mobilizado. É o mistério que envolve o futuro coletivo, e que parece tornar-se a cada ano mais opaco. Terá valido a pena, assim, a tentativa de visitar o passado com atenção redobrada e buscar desvendar aqueles momentos em que nos foi possível pensar o mistério do futuro como quem olha um céu noturno coberto de pontos cintilantes. Nessa tarefa a antropologia é não somente um método, mas uma forma aguda de curiosidade. Ela pode nos ajudar a lembrar que talvez, à margem das disputas sempre mais ruidosas e habituais, a dimensão criativa da experiência política ainda permaneça vibrante, suspensa entre o que é e o que pode ser.

Lista de abreviações e siglas recorrentes no texto.

AARRG! - Apprentis Agitateurs pour une Réseau de Résistance Globale

AGP – Ação Global dos Povos

AMI – Acordo Multilateral de Investimentos

ATTAC – Ação pela Tributação das Transações financeiras em benefício dos Cidadãos

CMI – Centro de Mídia Independente

DAN – Direct Action Network

EZLN – Exército Zapatista de Libertação Nacional

FMI – Fundo Monetário Internacional

FSG – Fórum Social de Gênova

FSM – Fórum Social Mundial

G8 – Grupo dos sete países mais industrializados do mundo (França, Estados Unidos, Alemanha, Japão, Reino Unido, Itália e Canadá) mais a Rússia, encontro anual dos chefes de estado dos mesmos países.

INPEG – Iniciativa Proti Ekonomické Globalizaci

KCTU – Korean Confederation of Trade Unions

OMC – Organização Mundial do Comércio

ONG – Organização Não-Governamental.

RTS – Reclaim The Streets

TAZ – Temporary Autonomous Zone

WTOHP – World Trade Organization History Project

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ANDERSON, Perry. Considerações sobre o Marxismo Ocidental. In: _____. *Considerações sobre o Marxismo ocidental/Nas trilhas do Materialismo Histórico*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. Apresentação do problema. In: _____. *A cultura popular na idade média e no renascimento*. Editora Universidade de Brasília, 1987.

BASTIDE, Roger. O sagrado selvagem. In: _____. *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BENJAMIM, Walter. O surrealismo. O último instantâneo da inteligência européia. In: _____. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 21-35.

_____. Que é Teatro Épico? Um estudo sobre Brecht. In: _____. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 78-90.

_____. Sobre o Conceito da História. In: _____. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 222-234.

BUROWAY, Michael et alii. *Global Ethnography: forces, connections and imaginations in a postmodern world*. University of California Press, 2000.

BURUCÚA, José Emílio. *História, Arte, Cultura: de Aby Warburg a Carlo Ginzburg*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2002.

CANUTO, Otaviano. A Crise Asiática. In: _____. *Economia em Perspectiva - Carta de Conjuntura*. CORECON-SP, 1998.

CARERI, Giovanni. Aby Warburg: rituel, pathosformel et forme intermediaire. *L'Homme*, Paris, 165, janeiro/março, 2003.

CARLSON, Marvin. Resistent Performance. In: _____. *Performance – A critical introduction*. Londres/Nova York: Routledge, 1996.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONWAY, Janet. Civil resistance and the “diversity of tactics” in the anti-globalization movement: problems of violence, silence, and solidarity in activist politics. *Osgoode Hall Law Journal*, v. 41, n° 2, 2003. Disponível em <http://www.ohlj.ca/archive/vol41.htm>. Acesso: junho de 2007.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ESCHLE, Catherine. “Skeleton Women”: Feminism and the Antiglobalization Movement. *Journal of Women in Culture and Society*, vol. 30, n. 3, 2005.

ESCOBAR, Arturo, 2000. Notes on Networks and Anti-Globalization Social Movements. In: Session on Actors, Networks, Meanings: Environmental Social Movements and the Anthropology of Activism. San Francisco, November 15-19. Disponível em http://66.102.1.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:gWoigsH_kb4J:www.unc.edu/depts/anthro/faculty/fac_pages/escobarpapers/notesnetwork.pdf+gustavo+lins+ribeiro+anti-globalization>. Acesso: junho de 2007.

FABIAN, Johannes. *Time and the Other: how anthropology makes its object*. New York: Columbia University Press, 2002.

GIRARD, René. *La Violence et le Sacré*. Paris: Éditions Bernard Grasset, 1982.

GÓMEZ, J. M. Ativismo transnacional e globalização contrahegemónica. Seattle, Porto Alegre e depois. *Praia Vermelha - Estudos de Política e Teoria Social*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 5-21, 2001.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, 3 (1):7-39, 1997a.

_____. Reflections on varieties of culturespeak. *European Journal of Cultural Studies*, 2:3, p. 393-407, 1999.

LEIRIS, Michel. De Bataille l'impossible à l'impossible Documents. In: Brisées, Ed. Mercure de France, Paris, 1966.

_____. *O Espelho da Tauromaquia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

LEITE, José Corrêa. *Fórum Social Mundial: a história de uma invenção política*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

LOUREIRO, Isabel; LEITE, José Correa; CEVASCO, Maria Elisa (orgs.). *O Espírito de Porto Alegre*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LOUREIRO, Isabel. Apresentação à segunda edição, Epílogo. In: _____. *Rosa Luxemburg: Dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: Editora da Unesp, 2003. p. 27-40 e 275-280.

LOSSON, Christian; QUINIO Joël, Génération Seattle - Les rebelles de la mondialisation. Disponível em: <http://www.edition-grasset.fr/chapitres/ch_losson.htm>. Acesso: maio de 2007.

MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade ao final do século XX ao nível mundial. *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 34, pp. 197-221, 1991.

MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

ORTNER, Sherry. Theory in Anthropology since the sixties. In: _____. *Comparative Studies in Society and History*. 1984. p. 126-166.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *A condição da transnacionalidade*. Série Antropologia – 223. Brasília: UNB, 1997.

_____. *Other Globalizations*. Série Antropologia – 389. Brasília: UNB, 2006.

RICHMAN, Michele. Anthropology and Modernism in France: from Durkheim to the Collège de Sociologie. In: MANGANARO, Marc. *Modernist Anthropology*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

SACHS, Wolfgang (org.). *Dizionario dello Sviluppo*, Torino: Gruppo Abele, 2000.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). *Mana*, vol. 3, n. 1, 1997.

SCHECHNER, Richard. Points Of Contact Between Anthropological and Theatrical Thought. In: _____. *Between Theatre and Anthropology*. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1985. p. 3-33.

_____. *The Future of Ritual: writings on culture and performance*. London/New York: Routledge, 1995.

SEOANE e TADDEI (org.). *Resistencias Mundiales: de Seattle a Porto Alegre*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

TARROW, Sidney. Cycles of Contention. In: _____. *Power in movement*. 2. ed. Cambridge University Press, 1999. p.141-160.

_____. “Global” Movements, Complex Internationalism, and North-South Inequality. In: Presentation to the Workshop on Contentious Politics. Columbia University, 2003.

_____. Building transnational coalitions. In: _____. *The New Transnational Activism*. Cambridge University Press, 2005.

TAUSSIG, Michael. Cultura do terror: espaço da morte na amazônia. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 10, p. 49/64, 1983.

TURNER, Victor. Preface. In: _____. *Dramas, Fields and Metaphors: Symbolic Action in Human Society*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1974. pp. 13-19.

_____. From liminal to liminoid. In: _____. *From Ritual to Theatre: The Human Seriousness of Play*. New York: PAJ Publications, 1982. p. 20-60.

_____. The Anthropology of Performance. In: _____. *The Anthropology of Performance*. New York: PAJ Publications, 1987. p. 72-98.

WEIRNER, James F. Aesthetics is a cross-cultural category – Introduction. In: _____. Ingold, Tim. *Key Debates in Anthropology*, Londres/Nova York: Routledge, 1996. p. 251-154.

ZUBIETA, Ana María. Del arte popular y las utopías a las culturas híbridas y el consumo. In: _____ (org.). *Cultura popular y cultura de masas* Buenos Aires: Paidós, 2004. p. 231-255.

Fontes de relatos e análises militantes.

AARRG. *Les AARRGtivistes au contre-sommet du G8 à Gênes*. 2001. Disponível em: <http://www.aarrg.org/article.php3?id_article=9>.

AGP. *Archives of global protests: S26 Prague: “Entrevista com ativista ligado à AGP”*. 2001. Disponível em: <<http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/s26/praga/entrev.htm>>. Acesso: junho de 2007.

_____. *Archives of global protests: S26 Prague: “A positive evaluation of Prague”*. 2007. Disponível em: <<http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/s26/praga/evalu.htm>>. Acesso: junho de 2007.

_____. *Archives of global protests: S26 Prague: “Diary of the people's battle”, por Boris Kagarlitsky*. 2007. Disponível em <<http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/s26/praga/diary.htm>>. Acesso em agosto de 2007.

_____. *Archives of global protests: S26 Prague: “A positive evaluation of Prague”*. 2007. Disponível em <<http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/s26/praga/evalu.htm>>. Acesso em agosto de 2007.

AGUITON, Christophe. *O Mundo nos Pertence*. São Paulo: Viramundo, 2002

AINGER, Katharine. *The Fence at Kilometre Zero*. 2003. Disponível em <http://live.newint.org/features/cancun/120903.htm>. Acesso: julho de 2007.

ANTENTAS, José María. Perspectivas del movimiento global de la sociedad civil. In: Mesa do Observatório Social da América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2002.

ATTAC Madrid. Comunicação pessoal. *Lista de discussão*. Mensagem de 17.7.2001, recebida por Maité Llanos.

BABA, Morjane. *Guérilla Kit: ruses et techniques des nouvelles luttes anticapitalistes*. Éditions La Découverte. Paris, 2003.

BELLO, Walden. *The Battle of Genoa*. 20 de julho de 2001. Disponível em <http://www.commondreams.org/views01/0722-04.htm>. Acesso: julho de 2007.

BENSAID, Daniel. *Le Nouvel Internationalisme*. Paris: Textuel, 2003.

BERGEL, Martín. Lo local, lo global, lo múltiple. Una lectura de la relación entre la revuelta popular argentina y el movimiento de resistencia global. *Cuadernos de la Resistencia Global*, Buenos Aires, n. 1, 2002.

BEY, Hakim. *TAZ – Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad, 2001.

CECEÑA, Ana Esther. Por la humanidad y contra el neoliberalismo: líneas centrales del discurso zapatista. In: SEOANE e TADDEI (org.) *Resistencias Mundiales: de Seattle a Porto Alegre*. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

CHRISPINIANO, José. *A Guerrilha Surreal*. São Paulo: Conrad/COM-ARTE, 2002.

DAKHLI, Leyla, 2002. Florence Nos Idées plus folles. Disponível em <http://www.humanite.fr/journal/2002-11-27/2001-11-27-127761> . Acesso: julho de 2007

DESMARAIS, Annette Aurélie. *United in the via campesina: research entitled The Via Campesina: Peasants Resisting Globalization*. 2006. Disponível em: www.viacampesina.org/main_en/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=251>. Acesso: julho de 2007.

DISSENT. *Days of Dissent: Reflections on Summit Mobilisations*. 2005. Disponível em: <http://www.daysofdissent.org.uk>>. Acesso em 4 de outubro de 2006.

Do or Die. *On the Attack in Prague!*. 2001. Disponível em: <http://www.eco-action.org/dod/no9/prague.htm>>. Acesso em agosto de 2007. Versão impressa em *Do or Die*, n. 9, Brighton, Reino Unido.

EPSTEIN, Barbara. Anarchism and the Anti-Globalization Movement. *Monthly Review*, september, 2001. Disponível em: <http://www.monthlyreview.org/0901epstein.htm>>. Acesso: julho 2007.

FARRER, Linden. *Dance around the G8. Pink Silver, Pink, and Silver - Contested Identities Against the G8*. 2002. Disponível em:

<<http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/free/genova/pinksilver/index.htm>>. Acesso: junho 2007.

FISCHER, William; PONNIAH, Thomas. *Another World is Possible: Popular Alternatives to Globalization at the World Social Forum*. London/New York: Zed Books, 2003.

GEORGE, Susan. *G8, Are you happy?* 2001. Disponível em: <<http://www.tni.org/george-docs/genoa.htm>>. Acesso: setembro de 2006.

GINORI, Anaís. *Le Parole di Genova – Idee e proposte dal movimento*. Roma: Fandango Libri, 2002.

HODKINSON, Stuart. Inside the murky world of the UK's Make Poverty History campaign. *Red Pepper Magazine*, 27 de junho de 2005. Disponível em: <<http://www.zmag.org/content/showarticle.cfm?ItemID=8176>>. Acesso: junho de 2007.

INDYMEDIA ITALIA. *Come in Cile: foto.sabato.diaz*. 2001. Disponível em: <<http://italy.indymedia.org/news/2002/03/13836.php>>. Acesso: maio de 2007.

INPEG. *Call for Action*. 2000. Disponível em: <<http://inpeg.ecn.cz/frames/english/index1.html>>. Acesso: junho de 2007.

JAKARTA Peace Consensus, 2003. Disponível em: <<http://www.tni.org/acts/jakartaconsensus.pdf>>

KLEIN, Naomi. *No Logo*. New York: Picador USA, 1999.

_____. *Cercas e Janelas*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. Free trade is war. *The Nation*, 29 de setembro de 2003. Disponível em: <<http://www.commondreams.org/views03/0912-11.htm>>. Acesso: junho de 2007.

KATSIAFICAS, George. "Class, Race and the Battle of Seattle – An open letter to Michael Albert", Zmag, 1999. Disponível em <http://www.zmag.org/kats.htm> Acesso: outubro de 2007.

LUDD, Ned (org.). *Urgência das Ruas: Black Block, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global*. São Paulo: Conrad, 2002.

MING, Wu. *Tute Bianche: o lado prático da produção de mitos*. 2001. Disponível em: <http://www.wumingfoundation.com/italiano/outtakes/monaco_portuguese.html>. Acesso: julho 2007.

MORIN, Edgard. Le XXIE siecle a commence a Seattle. *Le Monde*, 7 de dezembro de 1999.

NEY, Chris, Democracy in Seattle's Streets". *The Nonviolent Activist* (revista da War Resisters League), janeiro/fevereiro, 2000. Disponível em: <<http://warresisters.org/nva0100-3.htm>>. Acesso: julho de 2007.

NOTES FROM NOWHERE (ed.). *We are Everywhere: the irresistible rise of global anti-capitalism*. London/New York: Verso, 2003.

ORTELLADO, Pablo. Aproximações ao movimento anti-globalização. *Revista Possibilidades*, Núcleo de Pesquisa Marxista, ano 1, n. 3, jan./mar., 2005, p. 05-11.

ORTELADO, Pablo; RYOKI, André. *Estamos Vencendo: resistência global no Brasil*. São Paulo: Conrad, 2004.

RAMONET, Ignacio. Porto Alegre. *Le Monde Diplomatique*, janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/2001/01/RAMONET/14647>>. Acesso: julho de 2006.

REPETTO, Valeria. *Le quattro giornate di Genova - Testimonianze*. 2001. Disponível em: <<http://www.frillieditori.com/books/testimonianze.htm>>. Acesso: junho de 2007.

ROBINSON, Andrew; TORMEY, Simon. The Conflicting Logics of Transformative Politics. In: EL-OJEILI, Chamsy; HAYDEN, Patrick (eds.).

Confronting Globalisation. 2004. Disponível em: <<http://homepage.ntlworld.com/simon.tormey/articles/articles.html>>. Acesso: julho de 2007.

Rhythms Of Resistance (Rosie). *Tactical Frivolity*. 2007. Disponível em: <<http://www.rhythmsofresistance.co.uk/?lid=116>>. Acesso: agosto de 2007.

The Ruckus Society. *The Symbolic Nature of Direct Action*. 2007. Disponível em: <<http://www.ruckus.org/article.php?id=99>>. Acesso: julho de 2007.

VIA CAMPESINA. *Déclaration pour la souveraineté alimentaire - Rome*. 1996. Disponível em: <www.nyeleni2007.org/IMG/pdf/Declaration_Via_campesina_souverainet_alimentaire_1996_fao_FR-3.pdf>. Acesso em 3 de junho de 2007.

WTO History Project. [University of Washington e Larry Bridges Center for Labour Studies](http://depts.washington.edu/wtohist/). Disponível em <<http://depts.washington.edu/wtohist/>>.

YUEN, Eddie; BURTON-ROSE, Daniel; KATSIAFICAS, George (eds.). *Confronting Capitalism: Dispatches from a Global Movement*. New York: Soft Skull Press, 2004.

Imprensa

CARRELO, Rafael. Nova York “premia” manifestantes pacíficos. *Folha de São Paulo*, , São Paulo, 22 de agosto de 2004, Caderno Mundo.

Chade, Jamil. Protestos dentro e fora do centro de convenções. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. B6, 14 de dezembro de 2005.

Agência Folha. *Anti-Davos festeja Cuba, MST ganha o dia*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u14394.shtml>. 26 de janeiro de 2001. Acesso: agosto de 2006.

BBC Mundo. *Anti-globalización: guía rápida*. Disponível em http://news.bbc.co.uk/hi/spanish/specials/2003/comercio_-

[_pulseada bajo el sol/newsid_3080000/3080806.stm](http://pulseada_bajo_el_sol/newsid_3080000/3080806.stm). 14 de setembro de 2003. “Acesso: abril de 2007.

BBC Mundo. *Los delegados de la calle*. Disponível em http://news.bbc.co.uk/hi/spanish/specials/2003/comercio_-_pulseada_bajo_el_sol/newsid_3107000/3107266.stm. 14 de setembro de 2003. Acesso: abril de 2007.

Corriere della Sera. *Global Forum, scontri e tafferugli a Napoli: la polizia carica i manifestanti antiglobalizzazione*. Disponível em: http://www.corriere.it/Primo_Piano/Cronache/03_Marzo/17/incidentinapoli.shtml>. 3 de março de 2001. Acesso: agosto de 2007.

CRAMB, Auslan. You're a bunch of losers, Geldof tells violent protesters. *Telegraph*, 6 de julho de 2005. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/main.jhtml?xml=/news/2005/07/06/ng8206.xml>. Acesso: julho de 2007.

Deutsche Welle. *Gênova foi divisor de águas para os protestos antiglobalização*. 26 de maio de 2007. Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,2557811,00.html>>. Acesso: maio de 2007.

Deutsche Welle. *Críticos da globalização têm força na diversidade*. Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,2452180,00.html>>. 24 de maio de 2007. Acesso: maio de 2007.

GRAFF, Jeff. A Clash of Civilizations. *Time Europe*, 2000. Disponível em: <http://www.time.com/time/europe/davos2000/graff1.html>>. Acesso: maio de 2007.

Guardian Unlimited. *Timetable: G8 protest events*. Disponível em <http://www.guardian.co.uk/g8/story/0,,1496192,00.html>>. 31 de maio de 2005. Acesso: julho de 2007.

JOHNSON, Tom. Protests mark Davos meeting. *CNN Money*, 29 de janeiro de 2000. Disponível em: http://money.cnn.com/2000/01/29/europe/davos_protests/>. Acesso: abril de 2007.

La Repubblica. *5 giorni prima dell'inizio del G8*. 15 de julho de 2001. Disponível em http://digilander.libero.it/inmemoria/g8_la_repubblica_15-7-01.htm>. Acesso: julho 2007.

La Repubblica. *G8, Berlusconi soddisfatto: “Abbiamo lavorato bene”*. 22 de julho de 2001. Disponível em: <http://www.repubblica.it/online/politica/gottodieci/berlusconi/berlusconi.html>>. Acesso: setembro de 2006.

La Repubblica. *Dossier G8*. 13 de dezembro de 2004. Disponível em <http://www.repubblica.it/dossier/genova/index.html>>. Acesso: julho 2007.

La Stampa. *La città ridotta a carcere*. 19 de julho de 2002. Disponível em: <http://www.ecn.org/agp/g8genova/media/ras2/mugugno.htm>>. Acesso: maio de 2007.

ROE, Amy. Gimme An A. *The New Times*, 2 de agosto de 2001. Disponível em:

<<http://www.browardpalmbeach.com/2001-08-02/news/gimme-an-a/full>>. Acesso em: outubro de 2007.

Televisa – EsMas. *¿Qué buscan los globalifóbicos?*. 10 de setembro de 2003. Disponível em <<http://www.esmas.com/noticierostelevisa/312638.html>>. Acesso: junho de 2007.

Televisa – EsMas. *Globalifóbicos despliegan manta en reunión de la OMC*. 12 de setembro de 2003. Disponível em <<http://www.esmas.com/noticierostelevisa/mexico/313254.html>>. Acesso: junho de 2007.

The Guardian, *Day the City turned into a battle ground*. 19 de junho de 1999. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/uk_news/story/0,,292783,00.html> Acesso: outubro de 200

Fontes Institucionais

Banco Mundial. Disponível em <<http://www.worldbank.org/>>.

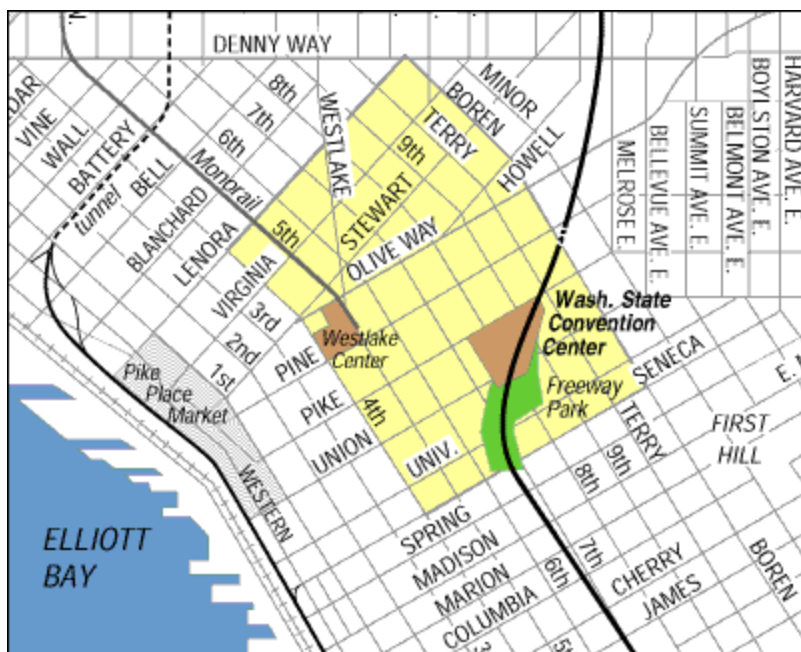
Fundo Monetário Internacional. Disponível em: <www.imf.org/>.

ICC: International Chamber of Commerce. The Geneva Business Declaration. 24 de setembro de 1998. Disponível em: <http://www.iccwbo.org/home/shared_pages/geneva_business_declaration.asp>. Acesso: maio de 2007.

Organização Mundial do Comércio. Disponível em: <www.wto.org/>.

ANEXOS

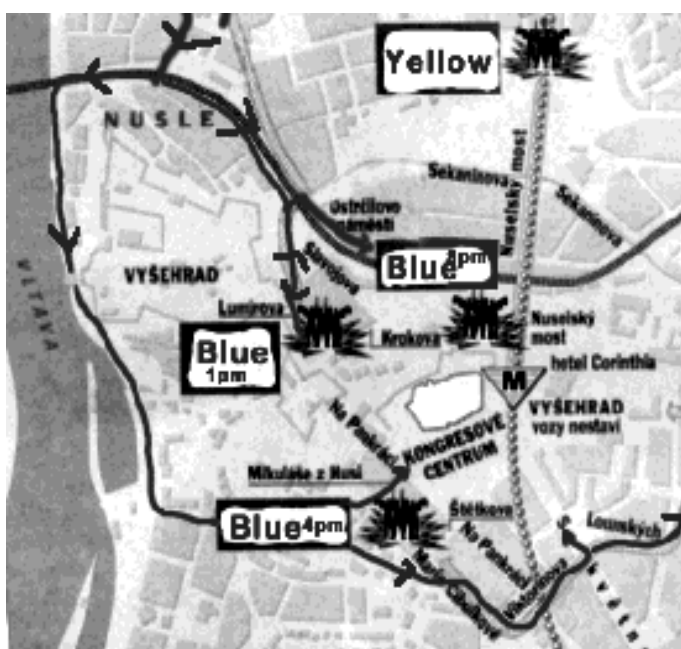
Anexo A – Mapas



Mapa mostrando a zona proibida para protestos durante a reunião da Organização Mundial do comércio em Seattle, 1999. Fonte: Seattle Post-Intelligencer, 1.12.1999. Disponível em:

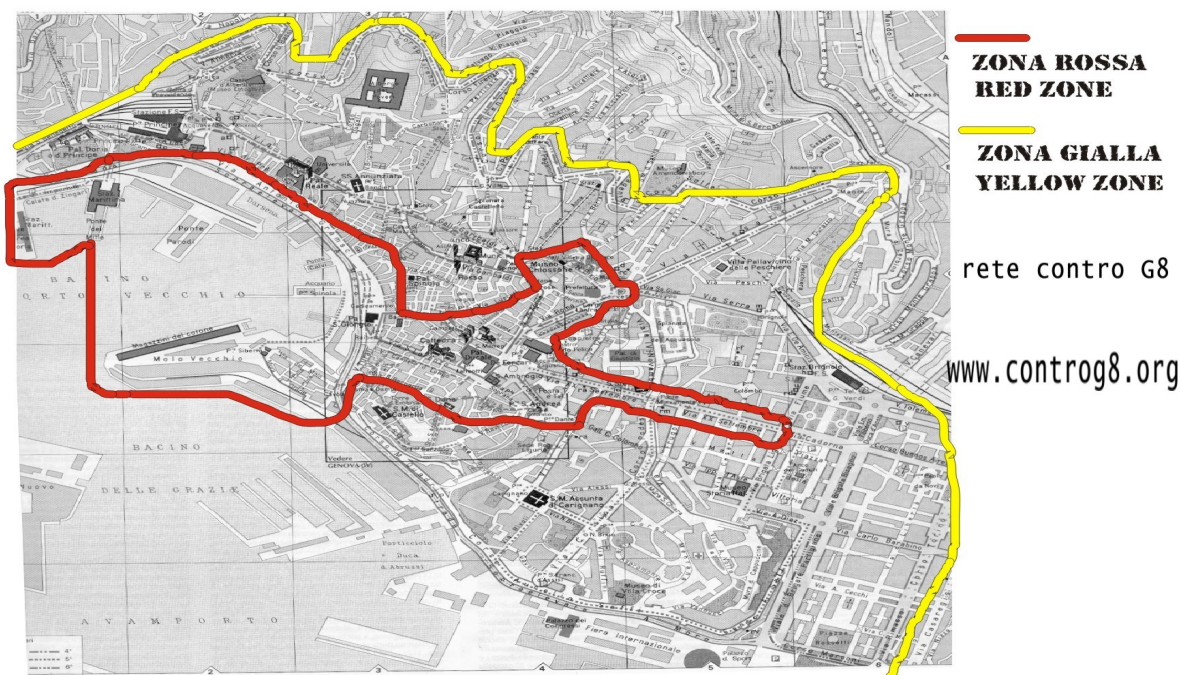
<http://seattlepi.nwsourc.com/dayart/19991201/noprotzone.gif>

Acesso em novembro de 2007.



Mapa dos protestos contra a reunião do Fundo Monetário Internacional no dia 26 de setembro

de 2000, em Praga. As setas indicam os percursos das marchas azul e amarela rumo ao centro de convenções (Kongresove centrum). Fonte: Flag.blackened.net. Relato de um militante anarquista irlandês. Disponível em: <http://flag.blackened.net/revolt/graphics/s26/map.gif> Acesso em novembro de 2007.



Mapa mostrando as zonas de segurança vermelha e amarela que cercavam o Palazzo Ducale, local da reunião do G8. Fonte: Associazione Tatavasco - Comitato Verità e Giustizia per Genova. Disponível em: http://www.tatavasco.it/archivio/docs/genova/zone_g8.jpg. Acesso em novembro de 2007.

Anexo B – Fotos



Seattle, novembro de 1999. Cena dos protestos contra a Organização Mundial do Comércio.
Fonte: Résistons à L'OMC/Resist the WTO. Disponível em:
<http://www.geocities.com/ericsquire/images/ptblank.jpg> . Acesso em novembro de 2007.



Seattle, novembro de 1999. Policiais e muro grafitado: “estamos vencendo”. Fonte: Ação Global dos Povos. Arquivos. <http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/images/global/2-seattle/0630wtowinning.jpg>. Disponível em Acesso em novembro de 2007.



Praga, setembro de 2000. Cena dos protestos contra a reunião do Fundo Monetário Internacional. A fada da frivolidade tática. Autor: Tendence Flu. Fonte: We Are Everywhere. Disponível em www.weareeverywhere.org . Acesso em novembro de 2007.



Praga, setembro de 2000. Cena dos protestos contra a reunião do Fundo Monetário Internacional: Marcha Azul. Fonte: Ação Global dos Povos. Arquivos. Disponível em <http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/s26/praga/pictures/blue.htm>. Acesso em novembro de 2007.



Gênova, julho de 2001. Preparação do Bloco Desobediente no estádio Carlini: escudos. Fonte:

Wikimedia Commons. Disponível em:

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/3a/Genova-G8_2001-Preparazione_scudi_disobbedienti.jpg . Acesso em novembro de 2007.



Gênova, 20 de julho de 2001. Muro de segurança em torno da Zona Vermelha. Fonte: Kipple Officina Libraria. Disponível em: <http://www.kipple.it/engantig8.htm>. Acesso em novembro de 2007.

ANEXO C – Jornadas de Gênova. Relato do campo

Cheguei à Itália pelo aeroporto de Milão, na manhã do dia 17 de julho de 2001, e peguei um ônibus até a estação central. Nos dias que precederam o início das manifestações, milhares de manifestantes chegaram à cidade, a maioria pela estação de trem. Por medida de segurança o aeroporto local estava fechado.

Na plataforma dos ônibus, os funcionários acabavam de ser informados de uma ameaça de bomba no aeroporto, o que comentavam com descrença. Dando a partida o motorista exclamou jocoso “Bomba? Não estamos em Gênova!”. Me perguntou de onde era e para onde ia. Disse que era brasileira e que encontraria amigos em Florença, para uma viagem de férias. No avião, havia lido nos jornais italianos algumas histórias de ameaças de bomba,

as notícias de que a população de Gênova estava deixando a cidade por medo da chegada dos manifestantes, e de que uma *zona vermelha* estava sendo cercada por grades de ferro para proteger a reunião dos chefes de Estado.

Cheguei à estação Brignole tendo como referência um número de telefone celular de um dos organizadores da Attac em Gênova e o endereço de uma escola onde estaria sediada a organização durante o período de protestos. Da escola, onde havia ainda pouca gente, fui encaminhada para o “centro de convergência”: o Piazzale Kennedy, um grande terreno asfaltado, como um estacionamento na beira do mar, onde grandes barracas de lona branca alojavam postos de informação, “estandes” de algumas organizações, barracas e trailers de comida... Num balcão de recepção improvisado, fui encaminhada para o alojamento: La Sciorba, um centro poliesportivo um pouco afastado, que chegou a abrigar, segundo os meus cálculos, por volta de duas mil pessoas. Havia outros lugares de alojamento: o estádio Carlini, ginásios, e várias escolas como aquela ocupada pela Attac.

Por volta das oito da noite, os militantes da Attac internacional se reuniam no pátio interno da escola na Piazza Palermo, ao redor de uma mesa preparada para uma refeição coletiva. Os franceses acabavam de vencer os italianos numa partida de “futebol anti-G8” realizada na zona vermelha, prestes a ser interditada, o centro histórico da cidade de Gênova já quase completamente cercado por um muro de ferro com mais de três metros de altura. Nas últimas horas muitos haviam chegado. Uma numerosa delegação vinda da Rússia, que atravessara a Europa de ônibus e ficaria alojada naquele local, tinha recolhido dinheiro e organizado a comida. Ali foram feitos saudações e informes em italiano, francês e russo.

Antes do início dos protestos, a tensão já crescia em torno das informações vindas da fronteiras italianas, por onde chegavam centenas de manifestantes. A polícia retinha grupos inteiros, havia listas de pessoas suspeitas, alguns confrontos e prisões. Batidas policiais atormentavam as noites nos alojamentos. Na Sciorba o ambiente era receptivo. Não havia controle da entrada, apenas uma mesa de informações que tratava quase exclusivamente da recepção de grandes grupos. Havia banheiros químicos e era possível tomar um bom banho quente nos vestiários esportivos. A maior parte das pessoas, com sacos de dormir, colchonetes ou placas de papelão, se instalava sobre a grama de campo de futebol, coberto por duas imensas tendas de lona branca. Foram distribuídos cobertores cinzentos cedidos por algum serviço público. Não era permitido montar barracas. Alguém viera espalhando essa

informação, pedindo compreensão, muita gente ainda estava por chegar, e era preciso alojar o maior número possível de pessoas ali.

Sob a lona, dormíamos uns ao lado dos outros: imagine-se um campo de futebol coberto de casulos sonolentos – era a visão do amanhecer no alojamento. À medida que despertavam, os “manifestantes” se dispunham em pequenos círculos, para conversar e compartilhar comida. Juntei-me desde o início a um grupo improvisado: Massimo, do extremo sul da Itália, que estudava direito em Parma, Alex, um jovem alemão que começara a aprender espanhol ouvindo a música de Manu Chao, Pierre, do sul da França, que dizia sentir saudades do seu violão e Alice, uma moça austríaca que só falava alemão, todos ligados à Attac. Com exceção de Massimo, eram todos mais jovens do que eu, e cada um, embora tivesse conhecidos em Gênova, havia feito a viagem até lá sozinho.

Na escola da Piazza Palermo havia comissões para tudo: comunicação, acolhida, “criatividade”. Muitos jovens, na maior parte franceses, foram chamados a se reunir no meio da praça para a formação de uma *service d'ordre* (*servizio d'ordine*, em italiano e em inglês usava-se a palavra *marshall*). Pierre, Alex e Alice se juntaram ao grupo. Sua função era ajudar a manter a segurança do “bloco” da Attac durante as manifestações, evitar infiltrações e coordenar a movimentação. Fui apresentada a um jornalista de Milão: um dos que “faceva la piazza”, coordenava as ações de rua. Acompanhei-o a uma reunião.

No meio de uma escadaria (são muitas, em Gênova) um pequeno grupo de pessoas da Attac, dirigentes italianos e franceses, apresentava a um inglês de um partido trotskista as condições da manifestação prevista para o dia 20 – dia do assédio à zona vermelha. Havia um mapa da cidade aberto onde estavam marcados em cores distintas as zonas de segurança estabelecidas pelas forças da ordem e os diferentes trajetos de manifestação traçados por diferentes coalizões ativistas, cada um desembocando numa praça frente ao muro metálico que cercava a zona vermelha. A reunião servia para informar o grupo britânico e pedir que tomassem uma posição, escolhessem um trajeto segundo afinidades políticas, forma de organização e interesse no confronto com a polícia. Todos os grupos buscariam de forma simbólica, por formas diversas de ação direta não-violenta, cruzar os limites da zona vermelha, mas apenas alguns se preparavam para sustentar um confronto físico e entrar.

Ganhei uma carona de carro até a Sciorba, para deixar a mochila e voltar para o show

de Manu Chao, na área do centro de convergência. Na porta do Centro Poliesportivo havia uma ambulância com paramédicos. O rapaz, também de Milão, que tinha me dado carona puxou conversa com um deles. Disse-nos para levarmos sempre muita água e roupas conosco, durante às manifestações. Disse que os gases da polícia eram muito fortes e aderiam à pele: quando socorriam uma pessoa, a primeira coisa que faziam era arrancar-lhe a roupa e fechá-la num saco plástico para colocá-la na ambulância, caso contrário as substâncias irritantes tornariam impossível seu trabalho de socorro. Fomos ao show, dançamos, tomamos cervejas sentados no “estande” da Attac. Voltei à Sciorba de ônibus, com o grupo. Durante o tempo em que estive em Gênova ninguém nunca comprou um bilhete de ônibus e isso parecia perfeitamente normal.

O dia 19 de julho transcorreu sem maiores incidentes. Era o dia da marcha dos imigrantes. De fato, organizações de imigrantes da Itália e de outras partes da Europa deram corpo a uma impressionante marcha de protesto contra o tratamento dos governos europeus e apresentavam demandas de reconhecimento legal, asilo, moradia. Foi uma marcha unitária que reuniu cerca de 40.000 pessoas. Atendendo a pedidos, músicos trompeteavam repetidamente “Bella Ciao”, “Bandiera Rossa” e a Internacional Socialista, a multidão fazia coro. “Somos todos clandestinos!” era a palavra de ordem do dia.

No dia 20 de julho saímos muito cedo da Sciorba. Era preciso chegar à Piazza Palermo e se possível deslocar o bloco da Attac antes que o bloco Desobediente saísse do estádio Carlini, onde estavam alojados, pois era grande a probabilidade de que a polícia decidisse barrá-los no caminho e os confrontos nos impedissem de circular. Chegamos cedo à escola. Fomos instruídos a escrever na pele com marcadores os números de telefone das equipes médica e legal. Um grupo grande saiu logo para juntar-se a uma marcha pacífica rumo a Piazza Dante. Fiquei para trás, na escola, com o grupo dos “criativos” que confeccionavam “objetos voadores diversos” com os quais queríamos invadir “o espaço aéreo” da zona vermelha. Mensagens em balões de gás hélio, pipas, aviõezinhos de papel e um enorme símbolo da Attac composto de balões brancos e vermelhos amarrados um a um a uma tela plástica excessivamente pesada. Ficaram também os políglotas da comissão de recepção, com sua mesa na calçada, dando informações a quem ainda chegava.

Terminávamos de amarrar os balões no meio da rua quando ouvimos bombas. Do fundo da rua à nossa frente vimos correr pessoas vestidas de negro e atrás delas a fumaça

branca do lacrimogêneo. O francês da acolhida gritou para que partíssemos imediatamente com aquela tralha, com os demais retirou a mesa para dentro da escola e fecharam o portão. Os criativos, junto com dois ou três rapazes “guias”, saímos correndo com as nossas sacolas e a grande estrutura dos balões pelo outro extremo da praça, subimos uma escada e seguimos pela rua de cima. Dali continuamos a ouvir estrondos e víamos nuvens de fumaça branca e preta. O ar estava carregado de lacrimogêneo e a máscara que tinham me oferecido não servia para nada. Um rapaz “guia” se comunicava pelo celular com o resto do bloco do Attac, os que haviam saído antes. Nos indicaram que fôssemos até um ponto onde mandariam mais alguém para nos guiar. Paramos ao lado de uma igreja que no dia anterior estava aberta e toda enfeitada. Agora estava com as portas fechadas. Estávamos no alto de uma escadaria altíssima de onde se via a avenida ao longo do mar (o “lungomare”), onde estava o centro de convergência. Um grande grupo de manifestantes estava parado na avenida e aparentemente havia polícia dos dois lados. Vieram nos buscar e descemos a escadaria na contra-mão, muitas pessoas estavam subindo, inclusive alguns banhistas. Nos juntamos ao grupo da Attac lá embaixo.

Seguimos até a Piazza Dante. Algumas ruas estavam fechadas por “containers” empilhados formando muros altíssimos, com alguns fotógrafos em cima. Gritávamos o quanto podíamos: “Genova libera!”, “A ceux qui veulent dominer le monde, le monde répond – ré-sistance!”, “Tous ensemble, tous ensemble, ê, ê!”. Entre os poucos moradores que tinham ficado na cidade havia idosos, que se debruçavam nas janelas para saudar, às vezes com faixas, bandeiras. O prefeito havia soltado uma “prescrição urgente de estética e decoro urbano” que proibia pendurar “roupas íntimas e similares” do lado de fora das casas. As cuecas tornaram-se bandeiras de guerra e cantávamos para cada um que saía à janela “Genovesi, fuori le mutande!” (Genoveses, mostrem as cuecas!) até que o morador agitasse a sua para o lado de fora entre aplausos da multidão. Alguns moradores ofereciam água e biscoitos aos manifestantes. Quando passávamos pela polícia, como suas armaduras, escudos e capacetes, levantávamos ostensivamente as mãos, num sinal de que estávamos desarmados. Um grupo mais à frente tinha as palmas das mãos pintadas de branco, e as erguia e abaixava numa coreografia.

Chegando à praça e ficamos de frente para o enorme muro de ferro da zona vermelha. Muitos grupos penduraram coisas na grade: flores, mensagens. Outros escreviam mensagens e

desenhavam no asfalto com giz escolar. Nos aproximamos para pendurar uma faixa com o logo de uma empresa multinacional indicada como “patrocinadora da gaiola”. Do outro lado havia muitíssimos policiais, compactos, com suas armaduras. Uma vez li em algum lugar que a manifestação é um jogo de papéis, em que cada grupo tem que lutar pelo papel dos mocinhos. Geralmente saem na vantagem os manifestantes, porque o policiais se parecem muito mais com Darth Vader. A imagem pode é um pouco simplista, mas é assim que se parecia a tropa de choque italiana.

Não havia vento e a praça Dante ficava numa baixada, o que inviabilizou o vôo das pipas que eu mesma passara horas decorando. Havia um grupo apresentando teatro. Outros, com espelhos, refletiam fochos de luz para o lado de lá da cerca, criando desenhos ou simplesmente incomodando os policiais. Distribuíram folhetos explicando que o gesto deveria lembrar uma técnica que povoados de alguma parte do mediterrâneo usavam para confundir navios inimigos. Algumas pessoas subiam na grade com bandeiras. Havia uma espécie de portão, fechado com correntes, que um grupo começou a chacoalhar, como se quisesse abri-lo. Quando o portão começou a chacoalhar demais, o grupo foi subitamente repellido por um canhão de água, com alguma substância que diziam fazer arder um pouco a pele. Não tínhamos notícias das outras marchas. Inflamos uns balões compridos com mensagens escritas, que foram rapidamente apelidados de “i cazzi di Attac”. Formamos grupos e lançamos os balões para o outro lado, com ajuda de gente de outros grupos. Finalmente o grande logo da Attac foi lançado por cima da grade espatifando-se do outro lado.

Em pouco tempo nos informaram de que estávamos partindo. Em outras partes da cidade os confrontos eram graves. Enquanto o bloco se retirava da praça a polícia lançou algumas bombas de gás lacrimogêneo, o que acelerou nossa retirada. O caminho até o centro de convergência se transformou numa nova grande marcha. Só quando chegamos ao Piazzale Kennedy nos demos conta do que estava acontecendo. Havia uma espécie de assembléia improvisada, naquele asfalto de estacionamento, onde apareciam informações diversas sobre muitos feridos, e mortes. Uma morte? Duas? Quatro?

Logo estávamos presos dentro do centro de convergência, a rua estava tomada por confrontos, de que só se via uma enorme nuvem de lacrimogêneo. Um rapaz vociferava no microfone, havia companheiros sendo massacrados lá fora, era um absurdo ficarmos ali parados, tínhamos que sair e resistir antes que a polícia entrasse ali e nos espancasse também.

Outro dizia que não entrássemos em pânico, e ficássemos juntos. O grupo da Attac se reuniu. Ficaríamos todos ali e em duas horas faríamos reuniões em grupos menores, por idioma. Helicópteros sobrevoavam insistentemente o centro de convergência lançando canhões de luz sobre as pessoas agrupadas.

Fiquei com o grupo dos italianos. As pessoas estavam assustadas. Talvez tivéssemos que passar a noite ali, pois não havia segurança, nem ônibus, para voltar aos alojamentos. No dia seguinte estava marcada uma nova manifestação unitária, uma marcha. Mais tarde foi retomado o serviço de ônibus e voltamos aos alojamentos.

A marcha do dia seguinte foi massiva. Disseram que havia 300 mil pessoas nas ruas de Gênova. Agora já sabíamos: tinha sido morto um rapaz, com um tiro na cabeça, disparado por um policial. As fotos estavam em toda parte. Havia muita gente ferida e uma lista grande de desaparecidos. Ninguém conseguia contato com as pessoas que tinham sido presas, sabíamos que os presos estavam sendo levados para Bolzaneto, um cárcere adaptado especialmente para a ocasião. O grupo dos criativos da ATTAC tinha metros de tecido preto, trazido para o projeto de um grande tubarão, mas ninguém tinha se empenhado em levar a idéia adiante. O pano agora serviria como sinal de luto. Metade do tecido foi cortado em tiras, para braçadeiras individuais. Outra metade foi carregada como uma faixa, sem inscrição nenhuma.

A grande marcha terminou tensa. Duzentas mil pessoas encurraladas numa praça, com polícia por todos os lados. Alguém dizia num microfone que estaríamos todos em Porto Alegre em janeiro. O bloco inteiro da Attac foi solicitado para bloquear uma das ruas de saída, colocando-se entre a polícia e a manifestação, para evitar qualquer confronto. Nos sentamos na rua muito compactos, a praça estava lotada. Dois rapazes deixaram comigo suas mochilas e foram se juntar às duas fileiras do “serviço de ordem” que se mantiveram em pé, numa linha, de braços dados. Cheguei a adormecer em cima das mochilas. As pessoas sentadas cochilavam, dormiam, acendiam cigarros. Sonolenta, me assustei com um tapinha nas costas: alguém apontava para as fileiras de pessoas em pé, dizendo: “service d'ordre”. Estavam formando uma terceira fila.

Pensei: “não posso, estou com as mochilas”. Mas terminei deixando inclusive a minha e me juntei à terceira fila. Nos mandaram ficar de frente para a praça, de costas para a polícia. Agora estava tudo agitado e muitas pessoas queriam sair da praça passando por ali. Um

homem grande, que julguei sindicalista, se irritou como nosso cordão. Reclamava: “você não entendem!”, dizia que os 'negros' estavam chegando por trás, e a polícia, “nos estão chegando pelo rabo!”. A massa de pessoas na praça estava realmente se compactando e ficava mais difícil aquele trabalho de contenção. Os da Attac gritaram: “On avance!”. De algum jeito recolhi as três mochilas e voltei para meu lugar na fila, agora de frente para a rua de saída. A barreira policial estava recuando um pouco, e nós de fato avançando, bem compactos como se fôssemos uma peça só. Não sabia o que ia acontecer, tinha o rosto descoberto, me lembro que pensei nos gases, pensei que possivelmente a polícia atacasse e me imaginei urinando nas calças. Comecei a entender que nossa movimentação, menos do que avançar, abria uma diagonal que estava permitindo que a multidão escoasse por uma rua lateral.

Ficamos então parados, até que bastante gente tivesse passado e a massa compacta da praça estivesse bem mais dispersa. Desfizemos as fileiras e subimos lentamente a rua lateral. Chamaram o bloco da Attac a sentar num canto da rua. Nos sentamos e todos explodiram em aplausos. Ali nos disseram que era impossível seguir em bloco, mas que de forma alguma deveríamos andar sozinhos: que voltássemos aos alojamentos em pequenos grupos, como pudéssemos. Foi uma caminhada longa até a Sciorba, mas conseguimos comprar comida no caminho, numa venda de bairro. Os comerciantes que mantiveram suas lojas abertas eram adorados pelos manifestantes.

Muita gente começava a ir embora. Na Sciorba já esvaziada, comemos, nos lavamos, e ficamos conversando. Estávamos exaustos. Nos preparávamos para deitar, quando o rapaz do saco de dormir ao lado chegou agitado, jogando suas coisas dentro da mochila. Disse que a polícia tinha entrado no estádio Carlini e feito miséria, que estavam vindo para a Sciorba e melhor não estar ali quando chegassem. Tínhamos passado a tarde conversando sobre o clima de pânico instaurado pela polícia, e decidimos resistir a ele. Durante algum tempo nem nos mexemos. Massimo tirou seu cachimbo e o preparou lentamente em sinal de protesto. Argumentei que se viessem, afinal, não tínhamos nada a esconder, se quisessem revistar as mochilas, que revistassem. Algumas pessoas da Attac não haviam voltado para dormir. Mais tarde decidimos arrumar nossas coisas e as deles e dormir prontos para sair rapidamente se fosse necessário. E dormimos.

Saí cedo, junto com Massimo, carregando nossas próprias coisas e as do casal que não tinha voltado. Fomos de ônibus até a “central” da Attac na Piazza Palermo, onde esperávamos

encontrá-los e entender melhor o que estava acontecendo. Lá estavam, tinham decidido dormir na escola. No pátio, um grupo de jovens discutia como sair de Gênova. Estavam desesperados, alguns chorando. Tinha acabado de voltar do centro de mídia, vizinho à sede do FSG, onde funcionava o centro médico e legal. A polícia entrara ali durante a noite e as pessoas que estavam dentro tinham todas ido parar no hospital, ou sido presas. “Un macello” – uma carnificina, diziam. Haviam visto tudo destruído, os computadores quebrados, e sangue, diziam, poças de sangue “grandes assim”. A estação de trem estava fechada. Era preciso pegar uma carona, um ônibus.

Decidi ir com outras pessoas até o centro de convergência, de que só restava uma tenda cheia de gente, onde estavam dando declarações à imprensa. Ouvindo os relatos da ação da polícia durante a noite, a angústia de sair de Gênova só aumentava. Terminada a coletiva, encontramos outras pessoas da Attac, um grupo de Milão, também querendo achar um jeito de sair da cidade. Caminhamos um pouco para pegar um ônibus que nos levaria a um pequeno centro vizinho onde as linhas de trem estavam funcionando. Num ponto da calçada, em frente ao centro de convergência, havia grandes marcas de sangue.

Eu tinha mais dois dias na Itália antes de pegar meu vôo em Milão. Antes de sair do Brasil tinha planejado ir a Florença, cidade onde vivi por um ano, em 92. Mas não tive coragem de continuar a viagem sozinha. Massimo me perguntou se queria ir com ele a Parma e aceitei imediatamente.

Pegamos finalmente um trem e “apagamos” em cima das mochilas. Em alguma estação intermediária nos separamos dos que seguiam para Milão. “Tomara nos vejamos em Porto Alegre”. Chegamos a Parma de madrugada. Massimo alugava um quarto num apartamento com outros dois estudantes. Um deles nos encontrou na cozinha e se espantou muito quando entendeu que havíamos chegado de Gênova. Quando nos viu queimados de sol, pensou que tivéssemos chegado do fim-de-semana na praia. Nos chamou de malucos e disse que, afinal, os G8 estavam fazendo coisas boas.

No dia seguinte demos voltas por Parma, onde a vida seguia como sempre, o comércio, as livrarias, os museus, o verão, as sorveterias, à noite numa praça havia música ao vivo, tocavam Astor Piazzola, “Libertango”. Era insólito sentir que fora de nós o mundo continuava exatamente igual. Comentamos essa sensação. Mas além das notícias nos jornais

que confirmavam os dias que tínhamos visto, algumas pichações nos muros nos faziam sentir menos estranhos: “Carlo Vive!” ou “Assassini”.

Redigido em julho de 2006.